

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VICTOR HUGO GONÇALVES BATISTA

**ENTRE A PROIBIÇÃO E A PRIMEIRA SELEÇÃO:  
Representações de Gênero no Futebol de Mulheres (1965-1988)**

NITERÓI

2022

VICTOR HUGO GONÇALVES BATISTA

**ENTRE A PROIBIÇÃO E A PRIMEIRA SELEÇÃO:  
Representações de Gênero no Futebol de Mulheres (1965-1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Setor temático: História Contemporânea II  
Linha: Cultura e Sociedade

Orientadora:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Livia Gonçalves Magalhães

Niterói, RJ

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B333e Batista, Victor Hugo Gonçalves  
Entre a proibição e a primeira seleção : Representações  
de gênero no futebol de mulheres (1965-1988) / Victor Hugo  
Gonçalves Batista ; Lívia Gonçalves Magalhães,  
orientadora. Niterói, 2022.  
165 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2022.m.15343327745>

1. Futebol de mulheres. 2. Gênero. 3. Proibição. 4.  
Regulamentação. 5. Produção intelectual. I. Magalhães,  
Lívia Gonçalves, orientadora. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

VICTOR HUGO GONÇALVES BATISTA

**ENTRE A PROIBIÇÃO E A PRIMEIRA SELEÇÃO:  
Representações de Gênero no Futebol de Mulheres (1965-1988)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Setor temático: História Contemporânea II  
Linha: Cultura e Sociedade

Aprovada em 20 de julho de 2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Livia Gonçalves Magalhães - UFF  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leda Maria da Costa - UERJ

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Laura Antunes Maciel - UFF

Niterói, RJ

2022

## AGRADECIMENTOS

Pensei em inúmeras formas de começar esses agradecimentos sem ser clichê, mas não consegui. Na vida, não se chega a lugar nenhum sozinho. E por mais clichê que seja essa frase, ela é real. Sem o apoio, a companhia e o afeto de diversas pessoas, não chegaria até aqui.

Em primeiro lugar agradeço ao meu avô, José, que faleceu em 2019, ano no qual estava me preparando para fazer o processo seletivo do mestrado. Antes de falecer, ele olhou meu caderno, me perguntou para o que estava estudando e então respondi que era para o mestrado. Ele respondeu, com a maior certeza do mundo: “Você vai passar, “rapa”!” Foi nisso que me apeguei para continuar estudando, depois que ele morreu, e consegui ingressar no PPGH da UFF. Durante o mestrado, em muitos momentos cheguei a pensar que não iria dar conta da pesquisa e de escrever a dissertação. Mas também foram nesses momentos que me lembrei do meu avô, o qual teria certeza de que eu iria conseguir, se estivesse aqui. Mesmo sem estar presente fisicamente, meu avô esteve presente na minha memória, me inspirando e me dando forças para continuar.

Agradeço também à minha vó, Cecília, por ter cuidado de mim e me criado com muito amor. Obrigado por me levar na escolinha de futebol desde pequeno, me incentivando a amar esse esporte. Obrigado por sempre acreditar em mim, por apoiar os meus sonhos e por lidar com as minhas ausências. Em muitos dos momentos em que estava trancado no quarto estava trabalhando nesta dissertação.

Agradeço à minha mãe pelo amor pelo suporte que me deu ao longo da minha vida. Ao meu irmão pela parceria e pelas conversas. Ao meu pai por todo o apoio e incentivo com os estudos. Às minhas tias, Fabiana e Cláudia, por estarem sempre presentes na minha vida me dando amor e carinho e por torcerem pelo meu sucesso.

Agradeço à minha namorada, Bruna, por estar comigo desde o início dessa jornada me apoiando, me incentivando e acreditando em mim. Obrigado pelo amor, pelo carinho, pelo afeto e pela paciência. Obrigado também pelo suporte técnico e pelas leituras atenciosas deste trabalho. Por me ouvir falar sobre a pesquisa nos momentos de empolgação e por me motivar a seguir nos momentos de desânimo. Foi muito mais fácil caminhar com você ao meu lado.

Agradeço aos meus amigos, em especial, Hugo, Márcio, Matheus e Rafael, pelos momentos de lazer durante esse processo. Obrigado pelas conversas, pelos churrascos e pelas cervejas, por trazer leveza em um momento tão difícil.

Agradeço à minha orientadora, Livia Magalhães, por ter me recebido de maneira tão acolhedora na UFF, mesmo que virtualmente. Obrigado por acreditar em mim e no meu

trabalho, pelas ideias, pelas dicas e por sempre me mostrar que estava no caminho certo. Apesar da gente não ter se conhecido pessoalmente em função da pandemia, nossas reuniões de orientação foram fundamentais nesse processo, tanto academicamente, quanto emocionalmente. Nos momentos em que eu pensava estar perdido, suas palavras me ajudaram a retornar para o trilho e prosseguir.

Agradeço a todos os professores que tive ao longo da minha vida. Cada um deles teve grande relevância na minha formação. Contudo, agradeço em especial ao professor Evalber Andrade, o qual fez com que eu me apaixonasse pela História pela sua forma brilhante de ensinar. À professora Gilmária Ramos, que no último ano da graduação me ajudou a construir o projeto de mestrado. Aos professores do PPGH-UFF com os quais tive o prazer de aprender em suas disciplinas: Karoline Carula, Renata Schittino e Norberto Ferreras. Também agradeço à professora Silvia Monnerat, da Fundação Getúlio Vargas, com a qual cursei uma disciplina durante o mestrado. Às professoras Laura Maciel e Leda Costa, que participaram da minha qualificação e deram contribuições imprescindíveis para este trabalho.

Por fim, agradeço à jornalista Cláudia Silva, que gentilmente concedeu uma entrevista utilizada como fonte nesta dissertação. Pesquisar durante a pandemia foi um grande desafio por conta das dificuldades de não poder ir aos arquivos físicos, por exemplo. Apesar disso, com a ajuda de vocês e de outras pessoas que não foram citadas, acredito que consegui superar esse desafio.

## RESUMO

Entre os anos de 1965 e 1988, o futebol de mulheres no Brasil passou por uma série de mudanças. Em 1965, o CND reafirmou a proibição da prática, que havia sido estabelecida em 1941, e em 1979 deixou de ser ilegal. Em 1983, a modalidade foi regulamentada e em 1988 disputado o primeiro campeonato da categoria organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). É nesse contexto que esta pesquisa se insere, tendo como recorte espacial o Rio de Janeiro e como fonte principal os jornais *O Fluminense*, *o Jornal dos Sports*, *o Jornal do Brasil* e *o Tribuna da Imprensa*. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as mudanças e permanências no âmbito do futebol de mulheres, levando em consideração os fatores e os sujeitos envolvidos nessas mudanças, sem perder de vista os elementos que se mantiveram ao longo de todo o período.

**Palavras-chave:** Futebol de mulheres; gênero; proibição; regulamentação.

## ABSTRACT

Between 1965 and 1988, women's soccer in Brazil underwent a series of changes. In 1965, the CND reaffirmed the ban on the practice, which had been established in 1941, and in 1979 it ceased to be illegal. In 1983, the modality was regulated and in 1988 the first championship of the category organized by the International Football Federation (FIFA) was played. It is in this context that this research is inserted, having Rio de Janeiro as a spatial cut and the newspapers *O Fluminense*, *Jornal dos Sports*, *Jornal do Brasil* and *Tribuna da Imprensa* as the main source. In this sense, the objective of this work is to reflect on the changes and permanences in the scope of women's football, taking into account the factors and subjects involved in these changes, without losing sight of the elements that remained throughout the period.

**Keywords:** Women's football; gender; prohibition; regulation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: <i>Revista do Esporte</i> , Rio de Janeiro, 20 jun. 1959, p. 4. ....	30
Figura 2: <i>Revista do Esporte</i> , Rio de Janeiro, 25 abr. 1964. ....	36
Figura 3: <i>Jornal dos Sports</i> , Rio de Janeiro, 25 jun. 1975, p. 9. ....	43
Figura 4: <i>O Fluminense</i> , Niterói, 30 jul. 1968, p. 1. ....	47
Figura 5: <i>O Fluminense</i> , Niterói, 25 mar. 1969, p. 12. ....	54
Figura 6: <i>O Fluminense</i> , Niterói, 7 out. 1976, p. 8. ....	84
Figura 7: <i>O Fluminense</i> , Niterói, 10 e 11 out. 1976, p. 14. ....	85
Figura 8: <i>O Fluminense</i> , Niterói, 2 nov. 1976, p. 8. ....	86
Figura 9: <i>O Fluminense</i> , Niterói, 24 out. 1979, p. 12. ....	94
Figura 10: <i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro, 3 out. 1981, 1º Caderno - Esportes, p. 21. ....	103
Figura 11: <i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro, 4 out. 1981, 1º Caderno - Esportes, p. 41. ....	104
Figura 12: <i>Jornal dos Sports</i> , Rio de Janeiro, 28 mar. 1983, p. 14. ....	112
Figura 13: <i>O Fluminense</i> , Niterói, 9 abr. 1983, p. 12. ....	116
Figura 14: <i>Tribuna da Imprensa</i> , Rio de Janeiro, 23 e 24 ago. 1986, p. 11. ....	136

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo 1: Proibições e transgressões</b> .....	22
<b>1.1 O futebol das mulheres de volta à imprensa</b> .....	28
<b>1.2 Jogando do jeito que dá: os jogos beneficentes, festivos e preliminares</b> .....	40
<b>1.3 Niterói x São Gonçalo: um ensaio de uma rivalidade</b> .....	46
<b>1.4 O discurso médico segue em campo</b> .....	56
<b>1.5 O futebol de mulheres no contexto global</b> .....	61
<b>Capítulo 2: Avança o futebol das mulheres</b> .....	72
<b>2.1 Deixa de ser proibido o futebol de mulheres</b> .....	74
<b>2.2 As mulheres jogam na baixada fluminense</b> .....	76
<b>2.3 As mulheres jogam em Niterói</b> .....	81
<b>2.4 As mulheres jogam no interior</b> .....	95
<b>2.5 A expansão nas praias e a regulamentação</b> .....	100
<b>Capítulo 3: O futebol de mulheres pós regulamentação até o primeiro mundial</b> .....	115
<b>3.1 As primeiras rivalidades</b> .....	122
<b>3.2 Os clubes</b> .....	127
<b>3.3 A hegemonia do Radar</b> .....	134
<b>3.4 O Mundial Experimental da FIFA de 1988</b> .....	143
<b>Considerações Finais</b> .....	156
<b>Referências</b> .....	162

## Introdução

O futebol é um campo social no qual as desigualdades de gênero são nitidamente perceptíveis, tanto no que diz respeito aos atletas, como também em relação às pessoas que fazem parte do meio futebolístico de forma indireta, ou seja, indivíduos vinculados à direção dos clubes, comissão técnica, quadro de arbitragem, torcedores e jornalistas. De acordo com o blog “Dibradoras”, um estudo da FIFA de 2019 mostra o descaso da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) com a modalidade no Brasil. Até o momento do estudo, o Brasil tinha 15 mil atletas jogando de forma organizada. Os Estados Unidos possuíam 600 vezes mais, com 9,5 milhões de mulheres jogando futebol. Até alguns países vizinhos superaram o Brasil, como a Argentina com 27 mil e a Venezuela com 24 mil. Em relação à categoria de base os números são ainda piores. O Brasil contava com apenas 475 atletas abaixo de 18 anos registradas nos clubes, enquanto os EUA tinham 1,5 milhão nessa condição.<sup>1</sup>

Compreendendo que as trajetórias das mulheres no futebol brasileiro podem auxiliar no entendimento dessa situação, o objetivo central deste trabalho é realizar uma análise das mudanças e permanências associadas ao futebol feminino<sup>2</sup> no Rio de Janeiro, entre os anos de 1965 e 1988, sendo os jornais impressos a principal fonte de pesquisa. Além disso, será utilizada como fonte uma entrevista com a ex-árbitra Léa Campos, disponível no Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,<sup>3</sup> e uma outra que realizamos com a jornalista Cláudia Silva, que cobriu o primeiro campeonato da categoria organizado pela FIFA, em 1988. O recorte temporal selecionado se insere entre a Deliberação nº 7 do CND, que proibiu explicitamente alguns esportes para as mulheres e o primeiro campeonato da modalidade organizado pela FIFA, o Mundial Experimental de Futebol Feminino.<sup>4</sup> Esse período corresponde a um momento de grandes mudanças no âmbito do futebol das mulheres no Brasil,

<sup>1</sup> MENDONÇA, Renata. Estudo da FIFA mostra descaso de anos do Brasil com o futebol feminino. **Dibradoras**, 16 jul. 2019. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/07/16/estudo-da-fifa-mostra-descaso-de-anos-do-brasil-com-o-futebol-feminino>>. Acesso em: 4 out. 2020.

<sup>2</sup> O uso do termo futebol de mulheres vem sendo defendido por importantes pesquisadoras como Cláudia Kessler e Silvana Goellner, como uma escolha política, a fim de valorizar as futebolistas brasileiras e as suas trajetórias no mundo esportivo. Portanto, utilizaremos o termo futebol de mulheres em primeiro plano, mas, não deixaremos de usar o termo futebol feminino, por ser o termo empregado pelos meios de comunicação da época. Ver: KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. Tese de Doutorado. Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

<sup>3</sup> MEDINA, Asaléa de Campos Fornero. Entrevista concedida a Silvana Vilodre Goellner. **Projeto Garimpando Memórias**, São Paulo, 19 mai. 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180542>>. Acesso em 15 de jul. 2021.

<sup>4</sup> BRASIL, **Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos**. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965>>. Acesso em: 3 out. 2020.

tendo em vista que o esporte passou por um processo de desenvolvimento muito significativo, deixando de ser proibido e sendo regulamentado pelo Conselho Nacional de Desportos em 1983.

Para introduzir essa discussão, é fundamental ter em mente que o futebol<sup>5</sup> surgiu na Europa, no século XIX, a partir de variações de práticas medievais e dos jogos populares modernos iniciais, que expressavam uma forma extrema de regime patriarcal. Foi nas escolas públicas inglesas que os esportes foram se modernizando e se tornando mais civilizados, a partir de regras escritas, que visavam controlar as formas mais extremas de violência.<sup>6</sup> À medida que as trocas esportivas se estabeleceram entre diferentes instituições e regiões, criou-se a necessidade de se estabelecer regras fixas para os esportes.<sup>7</sup> Entre as principais características dos esportes modernos, vale ressaltar:

O desporto é concebido como uma escola de coragem e virilidade, capaz de “formar o carácter” e de inculcar a vontade de vencer (“will to win”) que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer segundo as regras - é o *fair play*, disposição cavalheiresca em tudo oposta à busca vulgar da vitória a todo preço.<sup>8</sup>

Em síntese, pode-se dizer que o desporto emergiu carregado de valores patriarcais, mas como parte de uma proposta de mudança civilizadora.<sup>9</sup> Dessa forma, o futebol, assim como outros esportes, se constituiu e se desenvolveu como espaço social de domínio masculino, influenciado de forma significativa pelas relações de gênero existentes na sociedade ocidental.

No Brasil, o futebol que chegou elitista, se popularizou e se tornou símbolo da identidade nacional.<sup>10</sup> No entanto, permanece como um espaço majoritariamente masculino até hoje.<sup>11</sup> Apesar das mudanças ocorridas ao longo da história do esporte e de uma gradativa

---

<sup>5</sup> Refiro-me, aqui, ao *Football Association*, criado por um grupo de jovens londrinos no final de 1863. No entanto, Arlei Damo (2005) chama atenção para outras matrizes futebolísticas formadas ao longo do desenvolvimento do esporte, as quais podem ser definidas como: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar. Vale ponderar, nesse sentido, que apesar da ampliação de perspectiva proposta por Damo, ignora-se a prática do futebol por mulheres, a qual não pode se enquadrar nos mesmos termos do futebol masculino, em virtude dos processos históricos diferenciados pelos quais passaram. Ver: DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, Niterói, nº 1, p. 1-43, Nov2005/Fev2006.

<sup>6</sup> DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 389-412.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Sociedade Unipessoal, 2003.

<sup>8</sup> Ibid., p. 187.

<sup>9</sup> DUNNING, Op. cit.

<sup>10</sup> SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.

<sup>11</sup> KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. Tese (Doutorado), São Paulo: IPUSP, 2006.

inserção de mulheres na esfera futebolística, os valores patriarcais e machistas ainda permanecem atrelados a essa prática cultural, por meio de práticas e discursos de inferiorização, desvalorização e sexualização.<sup>12</sup> Além disso, é importante salientar que, de acordo com Fábio Franzini:

[...] como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas.<sup>13</sup>

Nessa perspectiva, o futebol no Brasil pode ser visto como um campo social composto de valores que representam e expressam uma barreira que deve ser conservada, tendo em vista a lógica social estipulada pelas relações de gênero. Dessa forma, Leda Maria da Costa aponta que, por ser uma modalidade esportiva associada a características compreendidas como masculinas, tais como a força e a virilidade, a presença feminina nessa esfera significaria o rompimento das barreiras de gênero socialmente estipuladas e abriria outras possibilidades além da rainha do lar e boa mãe.<sup>14</sup> No mesmo sentido, Silvana Vilodre Goellner entende que o sucesso das mulheres nos esportes poderia infringir as “leis da natureza”, quebrando o discurso das diferenças naturais que tem a ideia da sobrepujança física de um sexo sobre o outro e elas ocupariam lugares impróprios e indesejados ao seu papel social.<sup>15</sup>

Apesar do recorte temporal do trabalho se iniciar em 1965, é importante mencionar que o futebol feminino já era proibido antes disso. Em 1941, o CND emitiu o Decreto-Lei 3.199, que em linhas gerais tinha o intuito de organizar as modalidades esportivas no país. No artigo 54 do capítulo IX, o documento proibia a prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina.<sup>16</sup> Embora não constasse quais eram esses esportes, os médicos e os profissionais da

<sup>12</sup> A presença de mulheres no universo do futebol é constantemente atravessada por situações de constrangimento e discriminação. Não são poucos os casos de machismo com jornalistas, árbitras e jogadoras.

<sup>13</sup> FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005, p. 316.

<sup>14</sup> COSTA, Leda Maria da. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.

<sup>15</sup> GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005.

<sup>16</sup> BRASIL, **Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 1 out. 2020.

educação física foram os responsáveis por delimitar essas práticas e o futebol, por ser compreendido como um esporte violento, passou a ser proibido às mulheres. Além da questão física, também era utilizado o argumento de que o futebol era um esporte incompatível com as mulheres psicologicamente e moralmente. Conseqüentemente, o futebol feminino que estava começando a se desenvolver, sofreu consideravelmente os impactos dessa medida e as notícias de partidas entre mulheres praticamente desapareceram dos periódicos. Contudo, no final da década de 1950, o futebol feminino começou a reaparecer com força, contando com o apoio de alguns periódicos, como a *Revista do Esporte*, e preocupando as autoridades que, no intuito de reafirmar o Decreto-Lei de 1941, emitiram a Deliberação nº 7/65, por meio do CND.

Tendo em vista que a imprensa é a principal fonte dessa pesquisa, vale a pena esclarecer o critério estabelecido para a seleção dos periódicos. O *site* da Biblioteca Nacional conta com uma Hemeroteca Digital que possui uma quantidade bem grande de jornais e revistas digitalizados.<sup>17</sup> A plataforma conta com um recurso que permite o pesquisador buscar por termos exatos, como por exemplo “futebol feminino”. A partir disso, então, foi possível verificar quais foram os jornais do estado do Rio de Janeiro que noticiaram a respeito do futebol feminino no recorte temporal delimitado. Dessa forma, foram selecionados os jornais que possuíram notícias sobre o futebol feminino durante a maior parte do contexto em quantidade significativa. Por meio dessa ferramenta, foi possível perceber um aumento gradativo de aparições do termo entre a década de 1960 e 1970 e um aumento muito grande na década de 1980, evidentemente por conta da regulamentação da modalidade. Levando em conta esse critério, os jornais selecionados foram: *Jornal dos Sports; Jornal do Brasil; O Fluminense e Tribuna da Imprensa*. No período anterior à década de 1960, foram consultados também o *Correio da Manhã, O Jornal* e a *Revista do Esporte*.

Parte-se do pressuposto que a imprensa não reproduz apenas as notícias. A partir delas e da forma como são expostas, influencia a sociedade e também é influenciada por ela. Em outras palavras, ao mesmo tempo que a imprensa contribui para que as mudanças aconteçam, ela sofre o impacto das mudanças que ocorrem, por meio de uma via de mão dupla. O recorte temporal proposto se insere em um período de ditadura civil-militar e de abertura política, contando com censura da imprensa, perseguição aos opositores do regime, anistia e entre outros acontecimentos. Além disso, o período abarcou as articulações dos movimentos sociais, como o movimento negro, o movimento feminista e no futebol a democracia corinthiana. O futebol feminino, assim como as notícias sobre ele, evidentemente, sofreu impacto direto dessas

---

<sup>17</sup> Ver o site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

mudanças políticas e sociais. As ideias feministas que circulavam na sociedade a respeito da emancipação das mulheres e da liberdade do corpo, em muitos momentos foram incorporadas pelas jogadoras, que mesmo não se identificando como feministas usavam argumentos e defendiam pautas que dialogavam com as reivindicações dos movimentos.

Muitos jornais são empresas que concorrem com outras e visam o lucro. Sendo assim, eles precisam oferecer ao público uma mercadoria atraente, que consiga abarcar notícias de variados âmbitos sociais. É a partir dessa lógica que são incorporados os assuntos policiais, esportes, lazer, vida social e cultural e entre outros. No entanto, a principal mudança que aconteceu na imprensa, sobretudo a partir da década de 1950 com a reforma do *Jornal do Brasil*, foi a maneira de abordar a notícia. Como aponta Tânia Regina de Luca: “Consagrava-se a ideia de que o jornal cumpre a nobre função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a “verdade dos fatos”<sup>18</sup>

Apesar da maneira dos jornais levarem a notícia até o público ter mudado, é evidente que essa pretensa imparcialidade almejada, em termos práticos, não é possível. Os meios de comunicação são empresas que possuem interesses políticos e econômicos, de maneira que o simples fato de uma determinada notícia ser colocada em destaque já é um indício de parcialidade, uma vez que, dentre as notícias selecionadas para compor uma edição, algumas foram julgadas como mais importantes.

A imprensa esportiva, em contrapartida, não seguiu à risca os moldes implementados por essas reformas técnicas e redacionais. O cronismo esportivo, por exemplo, ia na contramão, pois era alimentado pelas relações subjetivas e emotivas que o esporte poderia oferecer.<sup>19</sup> Essas paixões que fazem parte do universo do futebol não se restringiam às crônicas, estando presentes também em notícias de caráter informativo.

Um outro ponto que deve ser salientado são os sujeitos que fazem parte do periódico. Como destaca de Luca, os jornalistas e diretores dos jornais costumam ser pessoas que circulam por diferentes esferas do poder, mantendo vínculos com políticos ou personalidades influentes. Além disso, os jornais costumam possuir diversos patrocinadores e colaboradores, os quais são influentes nas notícias veiculadas e na forma como são expostas.<sup>20</sup> Os jornalistas que compõem um meio de comunicação são sujeitos heterogêneos, de modo que podem discordar em certos assuntos, como é o caso do futebol de mulheres.

---

<sup>18</sup> DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 138.

<sup>19</sup> COUTO, André Alexandre Guimarães. A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960). **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 513, 2017.

<sup>20</sup> DE LUCA, Op. cit., p. 140.

Em relação a escolha do Rio de Janeiro enquanto recorte espacial, compreende-se que a cidade possui uma forte tradição futebolística desde os primórdios da modalidade no Brasil em relação ao jogo praticado pelos homens. Com o futebol feminino não é diferente, visto que na década de 1930 e início da década de 1940, mesmo sem receber incentivos, as mulheres promoveram partidas que repercutiram na imprensa, principalmente no subúrbio carioca.<sup>21</sup> Além disso, a prática do futebol pelas mulheres, sobretudo nas praias de Copacabana, no início da década de 1980, foi determinante para a expansão e para a regulamentação da modalidade. Assim, a capitalidade do Rio de Janeiro é outro elemento relevante, pois mesmo após perder o posto de capital do país em 1960 continuou tendo uma grande relevância nacional e internacional, em função do prestígio e da fama que a cidade possuía, fazendo com que as coisas que aconteciam na cidade tivessem impacto e influência em outras localidades.<sup>22</sup>

Mary Del Priori afirma que a partir do final da década de 1970, o movimento da Nova História redefiniu os objetos de estudos e as metodologias das pesquisas históricas, em função de fatores como a crise dos paradigmas, que ameaçava o ofício do historiador.<sup>23</sup> Além disso, fontes que antes não eram bem vistas na historiografia por serem imprecisas ou tendenciosas, como os periódicos, foram incorporadas pelos pesquisadores. Segundo Raquel Soihet, a História Cultural passou a se preocupar com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais e as mulheres foram alçadas à condição de sujeito histórico.<sup>24</sup> As historiadoras e historiadores feministas, então, começaram a estudar a história das mulheres em diferentes realidades e contextos, porém, de maneira isolada e desconectada, como se as mulheres vivessem em um mundo à parte dos homens.

A historiadora estadunidense Joan Scott critica esse tipo de história e propõe uma perspectiva de estudo que privilegie as relações entre os sujeitos dos diferentes gêneros, tendo em vista que é a partir dessas relações que a sociedade se organiza. Aliado a isso, Scott acrescenta que: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”<sup>25</sup> Dessa forma, as restrições impostas às mulheres no campo futebolístico com o aparato da medicina estão diretamente associadas a essas relações de poder, uma vez que as diferenças

<sup>21</sup> FRANZINI, Op. cit., 2005.

<sup>22</sup> SILVA, Mauro Osorio da; VERSIANI, Maria Helena. História da Capitalidade do Rio de Janeiro. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 7, p. 76, jan/jun 2015.

<sup>23</sup> DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. **Revista USP**, n. 23, São Paulo, 30 nov. 1994, p. 50.

<sup>24</sup> SOIHET, Raquel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 399.

<sup>25</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, n. 2, jul/dez, 1990, p 85.

físicas perceptíveis entre os sexos baseavam os discursos dos médicos. O principal argumento utilizado por eles era que o futebol, por ser um esporte violento, poderia causar lesões ao órgão reprodutor feminino e comprometer a geração de filhos saudáveis para a nação.

Os elementos corporais são centrais no mundo dos esportes. Nesse sentido, o conceito de performance de gênero da filósofa Judith Butler traz grandes contribuições a essa pesquisa. Em linhas gerais, a performance de gênero diz respeito aos modos como os sujeitos se comportam, se vestem, se expressam e assim por diante. O ponto central de Butler, é que o padrão heterossexual normativo inventado, leva os sujeitos a buscarem se enquadrar nele, pois o veem como natural.<sup>26</sup> Entretanto, existem muitos indivíduos que não se encaixam nessa norma e reproduzem performances de gênero subversivas. As mulheres que jogavam futebol no contexto de proibição e até mesmo após a legalização, subvertem o padrão por praticarem um esporte que é visto como coisa de homem. Já as mulheres que praticavam a modalidade e possuíam características compreendidas socialmente como masculinas, são duplamente subversivas, por um lado por jogar um esporte entendido como masculino e por outro por ir contra o padrão normativo não só dentro de campo, mas também fora dele.

Por algum tempo, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970, os movimentos feministas que eram compostos em grande parte por mulheres brancas, de classe média e heterossexuais, buscaram pautar suas reivindicações a partir de uma noção universal de mulher, tentando estabelecer uma opressão comum, ou seja, compartilhada por todas elas. Contudo, muitas mulheres não se sentiam representadas por esses movimentos, como as mulheres negras, indígenas, latinas e etc. Em um mesmo grupo de mulheres existem grandes diferenças e pluralidades, fazendo com que as opressões sofridas por elas sejam distintas e, portanto, as reivindicações dos movimentos precisam levar isso em consideração.<sup>27</sup> Nessa perspectiva, o conceito de interseccionalidade é fundamental para que seja possível a compreensão das múltiplas identidades, a partir de uma análise conjunta de eixos de poder além do gênero, como raça, classe, sexualidade e etnia.<sup>28</sup>

A divisão sexual do trabalho é um outro aspecto associado a interseccionalidade e que se relaciona com o futebol e o lazer de um modo geral. A sociedade burguesa e capitalista hierarquizou as tarefas, separando as que dão lucros daquelas que não dão lucros. Os serviços

---

<sup>26</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 185-202.

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, jan./jun. 2014. apud CRENSHAW, Kimberlé. “Demarginalizing the intersection of race and sex;a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. **University of Chicago Legal Forum**, p. 139-167, 1989.

domésticos e do cuidado, se enquadram naqueles que não geram lucro diretamente, sendo realizado na maior parte das vezes pelas mulheres de forma não remunerada.<sup>29</sup> No Brasil, todavia, muitas mulheres exercem esses serviços de forma remunerada e a maioria delas são negras e de classe baixa.<sup>30</sup> Na prática, isso significa que as mulheres, sobretudo as negras e de classes inferiores, possuem menos tempo para o lazer. Isso não exclui a possibilidade dessas mulheres jogarem futebol, mas, é um elemento que dificulta a presença delas nesse ambiente.

O corpo feminino é sexualizado em diferentes esferas sociais e de diferentes maneiras. Para dar conta desse problema, Teresa de Lauretis propõe uma teoria conhecida como tecnologias de gênero, a fim de compreender a sexualização do corpo feminino no cinema que será remanejada e adaptada para as análises dos meios de comunicação. Em linhas gerais, as tecnologias de gênero são um conjunto de técnicas pautadas na sexualização e na objetificação da mulher, que tem por finalidade maximizar a vida, assegurando a procriação.<sup>31</sup> A forma como os leitores e consumidores do jornal interpretam um texto ou uma fotografia, por exemplo, está intimamente associada ao gênero. Compreendendo que as páginas dos jornais possuem um público-alvo, pode-se dizer que as esportivas em grande medida eram produzidas para consumo de homens heterossexuais, principalmente em função da linguagem empregada, a qual tratava o corpo feminino como permissivo.<sup>32</sup> Ao longo das pesquisas com os periódicos, foi possível perceber que era muito comum na década de 1970, por exemplo, os jornalistas ou pessoas entrevistadas se colocarem à disposição para serem massagistas de times de futebol feminino, a fim de se aproveitarem da situação e assediarem as jogadoras. Na década de 1980, por outro lado, essa sexualização vai além da linguagem com as fotografias de jogadoras seminuas ou até mesmo com algumas mulheres que não eram jogadoras, mas tiravam fotos vestidas como atletas e utilizando trajes curtos para valorizar o corpo. A historiadora Giovana Capucim e Silva traz um exemplo nesse sentido:

A vestimenta das atletas apresentava o mesmo sentido. Vestiam meiões, mas a parte superior de suas pernas está inteira à mostra. A pose das atletas para a foto evidenciava essa parte de sua anatomia, o que dava a entender que a intenção ali era a exibição de seus corpos, não da prática esportiva. As profissões dessas mulheres reforçavam tal raciocínio: dançarinas, atrizes e modelos são profissões cujo corpo é o principal instrumento de trabalho. Percebe-se, portanto, nesse quadro do programa “Planeta dos Homens”, em particular, que a ideia não era demonstrar a qualidade do trabalho dessas

<sup>29</sup> DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo, Boitempo, 2016, p. 242.

<sup>30</sup> BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil** São Paulo, Boitempo, 2017, p. 35-43.

<sup>31</sup> DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 220-221.

<sup>32</sup> SILVA, Op. cit., p. 51.

moças ou mesmo o desenvolvimento de sua técnica na prática futebolística, mas, sim a exibição de seus corpos como um padrão de beleza a ser buscado pelas mulheres e desejado pelos homens.<sup>33</sup>

Em contrapartida, Roger Chartier expõe a possibilidade de as mulheres reverterem a lógica da opressão por meio da ideia de afastamentos e manipulações a partir da dominação simbólica. Em síntese, a dominação simbólica: "só triunfa se aquele(a) que a sofre contribui para a sua eficácia; ela só o submete na medida em que ele (ela) é predisposto por um aprendizado anterior a reconhecê-la".<sup>34</sup> No entanto, a incorporação da dominação simbólica não exclui afastamentos e manipulações. Isso significa que a violência simbólica pode ser utilizada pelas mulheres como uma tática para subverter as relações de dominação. Nas palavras de Chartier: "uma representação imposta - aceita, mas que se volta contra a ordem que a produziu."<sup>35</sup>

Embora as mulheres tenham conseguido conquistas nas últimas décadas, alcançando espaços sociais que antes eram exclusivamente de homens, nos termos de Pierre Bourdieu, a dominação masculina ainda permanece fortemente estruturada, em virtude principalmente da atuação das instituições, que ocorre de forma simbólica, como a Família, a Igreja, a Escola e o Estado.<sup>36</sup> As instituições e os agentes que fazem parte delas, atuam no sentido de controlar os corpos e definir os seus espaços e maneiras de atuação, de modo que "os dominados aplicam as categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação".<sup>37</sup>

Sendo assim, é fundamental ter em mente que o futebol é diretamente influenciado por essas e outras instituições. O Estado é o responsável por proibir o futebol feminino, mas é a Medicina quem traz os argumentos para que isso seja feito. A Família, na maioria das vezes, mesmo após a regulamentação do futebol feminino, não incentiva a menina a jogar futebol e quando ela se interessa pelo esporte não apoia. Na Escola apenas os meninos jogam, fazendo com que ela naturalize o fato de não participar daquele universo. A Imprensa, por sua vez, reproduz e cria estereótipos a respeito das jogadoras. Já as instituições diretamente ligadas ao futebol como a FIFA, agem de acordo com o que é conveniente, pedindo para que as federações

<sup>33</sup> SILVA, Giovana Capucim e. Futebol feminino: proibido para quem? Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, *Anais Eletrônicos*, UFSC, Florianópolis, 2012.

<sup>34</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*. n. 4, Campinas, 1995, p. 41. Apud. BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1989, p. 10.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>36</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012, p. 101

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 46.

locais tenham cautela com o desenvolvimento da modalidade em um contexto no qual o esporte começava a evoluir e em um momento no qual percebe que já é uma realidade, recomenda que as federações incentivem a prática. Por meio dessas constatações, observa-se que as instituições agem de forma ordenada e muitas vezes de maneira articulada, a fim de manter a estrutura patriarcal que rege a sociedade.

As noções de práticas, representações e apropriação desenvolvidas por Chartier, são fundamentais para este trabalho. As representações estão ligadas a maneira como as coisas, de maneira bem ampla, são observadas no âmbito social, enquanto as práticas estão associadas às atitudes, estando conectadas.<sup>38</sup> Já a apropriação diz respeito a maneira como as pessoas leem um discurso, tendo em mente que aquele que escreve tem um intuito, mas existe uma variedade interpretativa do escrito, que pode ou não satisfazer o objetivo daquele que escreveu. A respeito das práticas e representações é válido salientar que essas noções são relativas em uma determinada sociedade, podendo variar em relação ao indivíduo ou ao grupo que se analisa, de modo que elas fazem parte de um jogo de interesses e, conseqüentemente, nunca são neutras. Em relação à apropriação, compreende-se que o fato de os jornais noticiarem sobre o futebol feminino, seja de maneira positiva ou negativa, abre margem para os leitores e leitoras ressignificarem aquilo que era dito pelos jornalistas.

Dado o exposto, esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, “Proibições e transgressões”, a ideia central é traçar um panorama a respeito das proibições impostas às mulheres, tanto em 1941, quanto em 1965. Nesse sentido, busca-se refletir sobre os atores e os interesses envolvidos nessas restrições, assim como a respeito das estratégias e das formas encontradas pelas mulheres de praticar o esporte em um contexto no qual ele era proibido. Nesse período, a maior parte dos jogos noticiados pela imprensa foram de partidas beneficentes, festivas ou preliminares, as quais eram socialmente aceitas e não costumavam ser alvos de impedimentos, embora existissem exceções

No segundo capítulo, “Avança o futebol das mulheres”, o objetivo é compreender o movimento de expansão da prática a partir da segunda metade da década de 1970, passando pela legalização em 1979, até a regulamentação em 1983. Assim, o aumento da prática do futebol pelas mulheres é associado às mudanças culturais e sociais, que estão estreitamente ligadas aos debates promovidos pelos movimentos feministas. Além disso, discute-se as limitações da legalização de 1979, os debates e os entraves em torno da regulamentação, envolvendo a FIFA, a CBF e o CND

---

<sup>38</sup> BARROS, José D’Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n.16, 2011, p. 46-55.

Já no terceiro capítulo, “O futebol de mulheres pós regulamentação até o primeiro mundial”, a ideia é analisar as mudanças e continuidades trazidas pela regulamentação, até o Mundial Experimental na China em 1988. Compreende-se que a regulamentação representou continuidade ao movimento que já estava acontecendo, de realização de campeonatos e formação de equipes. Apesar do honroso terceiro lugar no Mundial, este evento demonstrou o descaso existente no Brasil com o futebol de mulheres, tendo em vista a falta de interesse dos meios de comunicação em que pese a relevância do torneio e as precárias condições de preparação e viagem.

Atualmente, o futebol das mulheres passa por um momento de crescimento e afirmação no Brasil e no mundo, graças ao empenho das jogadoras e dos sujeitos que trabalham nos bastidores da modalidade. A Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada em 2019, por exemplo, foi um grande sucesso em termos midiáticos, levando em consideração o faturamento obtido com as transmissões dos jogos.<sup>39</sup> O êxito atual do esporte, no entanto, faz parte de um longo processo de disputas envolvendo uma série de sujeitos e instituições. Nessa perspectiva, a ideia deste trabalho é percorrer uma parte fundamental desse processo, iniciando em um contexto no qual as mulheres eram proibidas de jogar futebol, passando pela legalização e a regulamentação do esporte e encerrando no primeiro Campeonato Mundial de futebol feminino organizado pela FIFA.

---

<sup>39</sup> DA REDAÇÃO, Copa do Mundo feminina supera 1 bilhão em audiência. **Placar**, 18 out. 2019. Disponível em: <<https://placar.abril.com.br/esporte/copa-do-mundo-feminina-supera-1-bilhao-de-audiencia/>> Acesso em: 5 jul. 2022.

## Capítulo 1: Proibições e transgressões

As primeiras décadas do século XX marcaram uma remodelação da sociedade por meio de um processo de industrialização e modernização, redefinindo hábitos, atitudes e comportamentos de homens e mulheres. A partir da influência de uma mentalidade europeia burguesa, criou-se a ideia de uma nova mulher,<sup>40</sup> com novas funções sociais e maior inserção na esfera pública, gerando preocupações com o núcleo familiar, responsável pela ordem social. Assim, a prática esportiva e o cuidado com a aparência são elementos que passaram a integrar as possibilidades dessa nova mulher, que deveria “ousar sem esquecer de preservar suas virtudes”.<sup>41</sup> Ou seja, existia uma linha tênue entre modernização e autoafirmação da mulher e a vulgaridade, a desonra e a prostituição.<sup>42</sup>

A partir da década de 1930, os ideais de eugenia apresentam força nas políticas de Estado e, de acordo com tais princípios, caberia à mulher contribuir com o fortalecimento da nação e o depuramento da “raça” gerando filhos saudáveis.<sup>43</sup> Dessa forma, a eugenia reforçava a ideia do casamento e da reprodução indispensáveis à preservação da higiene social e da ordem pública.<sup>44</sup> Os esportes e a educação física adquiriram um papel fundamental nesse panorama, uma vez que algumas práticas corporais passaram a ser indicadas, recomendadas e incentivadas às mulheres, a fim de desenvolverem um organismo forte, saudável e adequado à condução de uma gravidez. Contudo, as atividades físicas recomendadas a elas eram limitadas, restringindo-se a esportes que de maneira geral não exigiam contatos, tais como a ginástica, a dança e a natação. Algumas dessas práticas poderiam ser feitas no ambiente do lar, sendo desprovidas do caráter competitivo e próximas ao universo feminino da beleza, do encanto e da delicadeza, associado diretamente ao feminino.<sup>45</sup>

Mesmo não sendo considerado adequado e incentivado, por ser uma prática atrelada ao universo masculino, as mulheres jogaram futebol antes dele ser proibido. Ainda que em tom de brincadeira e pouca seriedade, nas décadas de 1910 e 1920, elas passaram a dirigir-se para as

---

<sup>40</sup> É importante destacar que essa “nova mulher” se restringe a mulheres brancas e de classes média e alta. Assim, mulheres negras e pobres não se enquadram nessa perspectiva, tendo em vista que não estão associadas aos predicados de beleza, feminilidade e delicadeza.

<sup>41</sup> GOELLNER. Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher da Revista Educação Physica. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> FRANZINI, Op. cit., 2005.

<sup>44</sup> GOELLNER. Op. cit.

<sup>45</sup> Ibid.

“festas esportivas”<sup>46</sup> não apenas para assistência, mas aos poucos, como protagonistas de pequenas disputas e certames feitos por seus próprios corpos. A prática do futebol por mulheres também esteve presente nos circos nas décadas de 1920 e 1930, sendo anunciado pela imprensa como novidade em diferentes oportunidades.<sup>47</sup> No entanto, nos subúrbios cariocas que o futebol de mulheres passou a ter organização, regularidade e visibilidade.<sup>48</sup>

Em termos práticos: “Esta atividade, ao ampliar a participação feminina além da assistência e atividades sociais das agremiações de futebol, provocou uma pequena dilatação das fronteiras de gênero sobre esse esporte”.<sup>49</sup> No entanto, o fato é que a entrada das mulheres no mundo desportivo não foi marcada pela intenção de mudar a condição feminina ou a hierarquia de gênero estabelecida na sociedade.<sup>50</sup> Além disso, a participação das mulheres no âmbito futebolístico não era bem vista até mesmo por muitas feministas daquela época, que se preocupavam com questões como o direito ao voto, redução da jornada de trabalho, direitos iguais no trabalho e licença maternidade.<sup>51</sup>

De todo modo, a presença feminina nos campos de futebol foi significativa no início da década de 1930 e no ano de 1940, sendo apoiada por uma parte da imprensa, que promovia eventos com futebol feminino e incentivava a modalidade, como é o caso do *Jornal dos Sports*, o principal jornal esportivo do país naquele período.<sup>52</sup> Cabe destacar, também, que a maioria deles tinha grande interesse do público e boas arrecadações.<sup>53</sup>

Um desses eventos teve uma grande repercussão midiática. Trata-se de uma partida preliminar de futebol feminino realizada no Pacaembu, no dia 27 de maio de 1940, entre as melhores equipes do subúrbio carioca: S.C Brasileiro e Cassino do Realengo F.C. De um lado, alguns meios de comunicação, como *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, tentaram desqualificar a peleja entre as mulheres e, em contrapartida, outros como o *Jornal dos Sports*, responsável pela promoção do evento e o *Correio Paulistano*, se esforçaram em promover a novidade esportiva.

---

<sup>46</sup> De acordo com Bonfim (2019), as “festas esportivas” aconteciam em clubes aristocráticos em ascensão e representavam um ideal de modernidade, estando diretamente relacionadas, no caso do Rio de Janeiro, a construção de uma cidade nova, urbanizada, na qual as práticas esportivas era um meio de sociabilidade entre as elites.

<sup>47</sup> BONFIM, Aira. **Football feminino entre festas esportivas e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais - PPHBC, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2019.

<sup>48</sup> BONFIM, Op. cit.

<sup>49</sup> Ibid, p. 121.

<sup>50</sup> MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação a democratização. **Movimento** (ESEF/UFRGS), Porto Alegre, v. 6, n.13, p. 5-18, 2000.

<sup>51</sup> MOURA, Eliberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

<sup>52</sup> Ibid.

<sup>53</sup> COSTA, Op. cit.

“A visibilidade gerada pela partida de futebol entre mulheres que aconteceu no Estádio do Pacaembu evidenciou em grande escala o “problema” público a ser combatido pelo Estado brasileiro”.<sup>54</sup>

Pouco tempo antes da partida citada acima, um indivíduo, chamado José Fuzeira, chegou a enviar uma carta para o presidente Getúlio Vargas, demonstrando preocupação com a prática do futebol por mulheres, a qual foi lembrada pelo *O Imparcial*, que se colocava contrário ao futebol feminino. A carta do cidadão dizia o seguinte:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe...

Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes; pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol com um grupo de cegos a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da “nobre arte”, cuja nobreza consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue.<sup>55</sup>

O pensamento de José Fuzeira estava associado aos princípios eugenistas e higienistas abordados em linhas anteriores. Nessa lógica, como a principal função social da mulher era ser mãe, praticar um esporte considerado violento não seria adequado. Em conformidade com essa ideia, os médicos passaram a emitir suas opiniões e pareceres sobre o assunto na imprensa. A *Gazeta Esportiva* publicou a “opinião autorizada” do Dr. Leite de Castro, o “primeiro médico no Brasil que se dedicou especialmente à medicina esportiva”. De acordo com ele:

não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrário — é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero).<sup>56</sup>

<sup>54</sup> BONFIM, Op. cit., p. 163.

<sup>55</sup> Carta de José Fuzeira ao Ilmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas (grifos do original). Rio de Janeiro, 25 abr. 1940. *Arquivo Gustavo Capanema* - CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (RJ): GC 36.04.22/g - Filme 42 - m.f. 0117. Apud FRANZINI, Op. cit., p. 320.

<sup>56</sup> Uma opinião autorizada: não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará”. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 29 jun. 1940, p. 10. Apud. Ibid., 2005, p. 321.

Na mesma linha, a *Revista Educação Physica* trouxe a opinião do Dr. Humberto Ballaryni, assistente da Escola de Medicina e especializado em Educação Física. Segundo o referido médico:

**A sublime missão destinada à mulher é a maternidade e toda a sua formação física, moral e intelectual deve visar a este nobre objetivo.** A beleza, a graça, o encanto, o carinho, a docilidade, o espírito altruístico de renúncia que fizeram de nossas mães o retrato da mulher contemporânea, são conquistas em nada inferiores aos grandes empreendimentos do gênero humano. Até, pelo contrário, são coadjuvantes e indispensáveis às novas conquistas que o homem venha a realizar. (...) O futebol é um esporte de ação generalizada porém, violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços. Além disso, o futebol provoca congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos (grifo nosso).<sup>57</sup>

Os dois discursos tocam no mesmo ponto: o futebol é um esporte violento que pode causar problemas ao órgão reprodutor feminino e sendo a maternidade o principal papel social da mulher, todas as práticas esportivas que pudessem comprometer essa tarefa, deveriam ser banidas e combatidas. Mas, e no caso dos homens, o futebol não poderia comprometer os órgãos reprodutores? Eliberto Moura contesta a medicina e questiona:

“No entanto, em quais argumentos científicos a medicina poderia se basear para defender a prática do futebol pelos homens, se estes também possuíam um “aparelho reprodutor” suscetível de lesões? É só lembrarmos os efeitos que uma bolada no “baixo ventre” pode ocasionar!”<sup>58</sup>

Carmen Rial e Ludmila Mourão também fazem considerações a respeito desses argumentos defendidos pelos médicos e chamam atenção justamente para o risco que os homens correriam ao jogar futebol ou praticar outras atividades físicas. Segundo Rial: “Se trata de un argumento biológico fácilmente refutable por el simple hecho de que los órganos reproductivos

---

<sup>57</sup> *Revista Educação Physica*, nº 49, dezembro de 1940, p. 36. Apud. GOELLNER, Op. cit. p. 83.

<sup>58</sup> MOURA, Op. cit., p. 47.

de una mujer son internos, a diferencia de los del hombre, que están en la parte externa del cuerpo y que, objetivamente, correrían un mayor riesgo durante la práctica de fútbol”.<sup>59</sup>

O fato é que nem os médicos, nem os jornalistas e tão pouco a sociedade daquela época pensou a respeito disso, pois o campo futebolístico é visto como se fizesse parte da natureza masculina. Já a medicina se consolidou como uma instituição com grande poder na cultura ocidental, capaz de controlar e delimitar os espaços de atuação dos corpos, sobretudo de mulheres. Nesse sentido, em 1941:

O II Congresso Sul Americano de Medicina Desportiva declara que a prática dos exercícios físicos beneficia grandemente as mulheres, porém é necessário escolher cuidadosamente as atividades esportivas femininas, de acordo com o biotipo, aptidão e condições orgânicas de robustez e saúde, bem como ausência de lesões, especialmente nos órgãos de reprodução.<sup>60</sup>

Atrelados às ideias de eugenia, os responsáveis pelo Congresso defendiam a prática de atividades por mulheres, mas com restrições. Era necessário escolher esportes e exercícios apropriados à condição da mulher, de modo a preservar os seus órgãos de reprodução e assegurar uma maternidade segura.

No ano anterior, a Subdivisão de Medicina Especializada recomendou que se fizesse uma:

campanha de propaganda mostrando os malefícios causados pelo futebol praticado pelas mulheres, a fim de evitar lamentáveis conseqüências enquanto se aguarde medidas tendentes a permitir a interferência dos Poderes Públicos em tais questões, medidas estas que muito bem poderiam constar na Regulamentação dos Desportos, presentemente em estudos.<sup>61</sup>

Nessa perspectiva, na virada de 1940 para 1941, grande parcela dos jornais aderiu aos discursos da medicina e começou a condenar o futebol feminino.<sup>62</sup> Muitos deles, como *O*

<sup>59</sup> RIAL, Carmen. “El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil”. Nueva Sociedad, Buenos Aires, nov/diec. 2013, p. 119.

<sup>60</sup> MOURA, Op. cit., p. 29.

<sup>61</sup> “Parecer da Sub-divisão de Medicina Especializada a Despacho do Exmo. Snr. Presidente da República”, assinado por Paulo Frederico de Figueirêdo Araújo. Rio de Janeiro, 17 maio 1940. Arquivo Gustavo Capanema - CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas (RJ): GC 36.04.22/g - Filme 42 - m.f. 0119. Apud. FRANZINI, Op. cit., p. 322.

<sup>62</sup> De acordo com Moura (2003), o *Jornal dos Sports* se manteve na contramão, promovendo e defendendo o futebol feminino.

*Imparcial*, iam além das questões médicas e acusavam, por exemplo, a presidente do Primavera F.C, Carlota, de exploração financeira e exploração sexual, fazendo com que o esporte se tornasse caso de polícia. Segundo Aira Bonfim, a casa de Carlota, que era sede de reunião de equipes femininas do subúrbio, passou a ser classificada como “antro de perdição”.<sup>63</sup> Um outro elemento bastante explorado pelos meios de comunicação, conforme Eliberto Moura, era a masculinização das mulheres suburbanas que jogavam futebol, as quais eram caracterizadas como “feias, “brutalizadas” e “mal cheirosas”. Em contrapartida, as mulheres pertencentes à burguesia, praticavam esportes nos clubes condizentes com a sua feminilidade e delicadeza, como o tênis e o voleibol.<sup>64</sup>

Diante desse cenário, o Ministro da Educação e Presidente do recém-formado Conselho Nacional de Desportos, Gustavo Capanema, delegou a um dos membros do novo conselho, o general e integralista Newton Cavalcanti, a tarefa de regulamentar os esportes femininos.<sup>65</sup> Além disso, a profissionalização do futebol masculino e o desenvolvimento de outras modalidades esportivas trazia a necessidade de regulamentação de tais práticas, amadoras ou profissionais, pelo Estado.

Assim, foi publicado em 14 de abril de 1941 o Decreto-lei 3199, responsável por estabelecer as bases de organização dos desportos no país. No artigo 54 o documento afirmava que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.<sup>66</sup> Embora não constasse quais esportes deveriam ser proibidos, era consenso que o futebol estava entre eles, tendo em vista toda discussão presente na imprensa a respeito da modalidade. Tanto é que, como aponta Aira Bonfim, em setembro, alguns meses depois da publicação do Decreto-Lei, o general Newton Cavalcanti, junto com outros conselheiros do CND, se reuniu para discutir a respeito da regulamentação dos esportes para as mulheres.<sup>67</sup> No dia seguinte à reunião, o *Diário da Manhã* trouxe a manchete: “Proibidas às mulheres de jogar futebol”. A notícia ainda mencionava os esportes

---

<sup>63</sup> BONFIM, Op. cit., p. 175.

<sup>64</sup> MOURA, Op. cit.

<sup>65</sup> BONFIM, Op. cit.

<sup>66</sup> BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Planalto: Portal Oficial da Presidência da República. [Site].

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm)>. Acesso em 20 maio 2020.

<sup>67</sup> A respeito dessa reunião, Aira Bonfim cita a sua ocorrência e traz a notícia do jornal *Diário da Manhã* comentando sobre as decisões tomadas.

recomendados às mulheres, como vôlei, tênis, natação, corrida, remo e etc.; e os esportes proibidos, tais como futebol, rugby, polo aquático, lutas e entre outros.<sup>68</sup>

A proibição foi determinante na história do esporte brasileiro. No caso específico do futebol, que começava a se desenvolver e se popularizar, sofreu um grande golpe que teve como consequência o afastamento das mulheres dos campos e a escassez de notícias na imprensa sobre a modalidade.<sup>69</sup> Carmen Rial entende que: “las mujeres no percibían esta medida como una exclusión sino más bien como una ausencia natural, apropiada a su condición de género”.<sup>70</sup> Portanto, a proibição se sustenta por meio da violência simbólica, mecanismo da dominação masculina que conta com a legitimação e cumplicidade do dominado, que ocorre pelo fato deste ter se desenvolvido a partir dos pressupostos e ideologias do dominante.<sup>71</sup> Dessa maneira, as mulheres aceitam e reconhecem que aquele espaço social não as pertence, pois, de forma geral, suas formas de socialização e experiências na infância e na adolescência, fizeram com que visualizassem o futebol como um esporte inapropriado.

### 1.1 O futebol das mulheres de volta à imprensa

É difícil saber se as equipes femininas continuaram promovendo seus jogos, em função do silenciamento da imprensa em relação à modalidade. No entanto, sabe-se que alguns anos após a publicação do Decreto-Lei 3199, o *Jornal dos Sports*<sup>72</sup> iniciou a promoção dos Jogos da Primavera, mais precisamente em 1949. Os “Jogos Femininos” tinham o objetivo de incentivar os esportes entre as mulheres sem abalar as fronteiras de gênero, pois só contavam com as modalidades consideradas adequadas a elas, além de mobilizá-las a formar um campo esportivo feminino e apagar a memória das restrições e proibições. O torneio obteve sucesso, “pois correspondiam aos anseios das mulheres esportistas dos anos 1950 e 1960, de diversas camadas sociais, naquela altura, cerceadas pelas proibições impostas e com poucas perspectivas de construir uma trajetória significativa, uma vez que a prioridade deveria ser o casamento e a maternidade”.<sup>73</sup>

<sup>68</sup> *Diário da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 set.1941, p. 14. Apud. BONFIM. Op. cit., p. 183.

<sup>69</sup> COSTA, Op. cit.

<sup>70</sup> RIAL, Op. cit., p. 121.

<sup>71</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

<sup>72</sup> O *Jornal dos Sports* ficou reconhecido como grande incentivador e promotor de eventos esportivos, sobretudo na figura do seu diretor, o jornalista Mário Filho.

<sup>73</sup> FARIAS, Claudia Maria de. “Os jogos femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964)”. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, São Paulo, julho 2011. **Anais Eletrônicos**, p. 9.

Sendo assim, apesar dos jogos serem marcados por uma perspectiva de gênero limitadora dos esportes possíveis para as mulheres, eles foram um espaço que possibilitou uma maior inserção delas no campo esportivo, contribuindo para que conseguissem obter prestígio e carreiras de sucesso, como são os casos das atletas olímpicas Piedade Coutinho e Aída dos Santos. De todo modo, a dificuldade em conciliar a maternidade e as tarefas do mundo doméstico fazia com que muitas mulheres não levassem a carreira adiante.<sup>74</sup>

A prática do futebol pelas mulheres, por sua vez, voltou a aparecer na imprensa somente em 1959, dezoito anos depois da proibição. Segundo Elsey e Nadel, atletas formaram uma equipe dentro do Araguari Atlético Clube, de Minas Gerais, viajaram com a equipe masculina e chamaram atenção quando fizeram uma pequena excursão pelo país. De acordo com as autoras, o ressurgimento do futebol depois desse período sem notícias, sugere que talvez ele nunca tenha desaparecido.<sup>75</sup> Contudo, o que as fontes nos permitem afirmar é que no final da década de 1950 a prática do esporte é retomada com força, sendo destaque nos meios de comunicação e alvo de debate no Conselho Nacional de Desportos.

Em maio de 1959, os times femininos do Araguari Atlético Clube jogaram em Belo Horizonte, no estádio Independência. De acordo com o *Correio da Manhã*, a partida foi uma preliminar do jogo entre Escrete Medalha, constituído dos melhores jogadores do campeonato mineiro do ano anterior, e os Milionários do Rio. As atletas usaram os uniformes do campeão e vice-campeão do campeonato mineiro, Atlético e América.<sup>76</sup> A *Revista do Esporte* que também noticiou o evento relatou que o jogo contou com um público expressivo de aproximadamente 50 mil pessoas, arrecadando cerca de 800 mil cruzeiros, além de um grande número de fotógrafos.<sup>77</sup>

Apesar da realização da partida, o CND tentou barrar a exibição das atletas. No dia anterior ao jogo, o *Correio da Manhã* noticiou a respeito, trazendo a declaração do presidente da entidade, Manuel Maria de Paula Ramos, que ameaçava responsabilizar a Federação Mineira de Futebol:

A entidade mineira será responsabilizada por qualquer desobediência a Lei, particularmente no tocante ao jogo de futebol feminino. Caso os promotores da exibição insistam na efetivação na sua concretização, a federação poderá pedir auxílio

---

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera: A History of Women and Sports in Latin America*. University of Texas Press, 2019.

<sup>76</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 maio 1959, p. 20.

<sup>77</sup> *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959, p. 4.

policial, pois nenhum espetáculo futebolístico pode ser realizado sem prévia autorização da mentora do futebol local.<sup>78</sup>

A Federação Mineira parece não ter levado em consideração a ameaça do CND, pois pelo que consta na imprensa, a partida aconteceu de forma tranquila. Além disso, mesmo sendo a partida preliminar, acabou chamando mais atenção do que o jogo principal. Entretanto, as representações midiáticas que envolvem o futebol de mulheres costumam ser cheias de contradições e ambiguidades, como pode ser visto na manchete da imagem a seguir.



Figura 1: *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1959, p. 4.

Ao mesmo tempo em que o jornalista busca fazer um elogio ele acaba proferindo uma fala preconceituosa ou em alguns momentos a visão positiva é seguida de um ponto de vista negativo. Assim, ao trazer como manchete: “Elas jogam mais do que muito barbado”, é evidente a intenção de elogiar algumas atletas. Porém, ele acaba assumindo a ideia de que o natural seria o homem (barbado) jogar mais do que a mulher, sendo esse um caso extraordinário.

Além disso, a revista faz uma breve citação à lei que proibia às mulheres de jogarem futebol, abaixo da foto do time do “Atlético”, a qual estava sendo desafiada pelo futebol feminino que estava empolgando multidões. Nesse sentido, a prática do futebol por mulheres em um estádio de grande porte lotado, aliado à repercussão da imprensa, certamente colocava a proibição em uma zona de desconforto, já que esse episódio poderia incentivar outras

<sup>78</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 maio 1959, p. 16.

mulheres a jogarem futebol e ao público a assistir. De acordo com a matéria do *Correio da Manhã*: “[...] todas as cidades que servem de palco as referidas exibições, passam a ter, também, as suas esquadras de futebol feminino”<sup>79</sup>. Após a partida realizada no Independência, o mesmo periódico repercutiu a insatisfação do CND:

Poucos dias após o jogo no estádio do Independência, o CND se manifestou novamente, no sentido de enfatizar a proibição do esporte bretão às mulheres. Devido a expansão que está tomando a prática do futebol entre equipes integradas por moças, o CND, começa a se movimentar, no sentido de obter a sua proibição, pois de acordo com a lei 3.199, não é permitido jogo dessa natureza. Muito embora as entidades filiadas a CBD estejam a par dessa situação, algumas delas estão patrocinando essas peijas, como se verificou recentemente com a Federação Mineira de Futebol. Por esse motivo, o órgão máximo dos esportes de se dirigir a CBD, recomendando o cumprimento da lei por parte de suas filiadas. Ao mesmo tempo, **o CND dirigiu-se ao governador de Minas Gerais solicitando a sua cooperação no sentido de impedir a prática de peijas entre moças no referido Estado** (grifo nosso).<sup>80</sup>

A articulação entre as instituições futebolísticas para conter o avanço do futebol entre mulheres nem sempre acontecia de forma coesa, em função, sobretudo, das divergências em relação aos interesses de cada uma delas. Sob esse ponto de vista, certamente o desenvolvimento do esporte em Minas Gerais era visto com bons olhos por parte da Federação Mineira, já que os jogos dos times de mulheres estavam fazendo sucesso e atraindo excelentes públicos. Em contrapartida, o CND, como a entidade máxima do esporte nacional naquele contexto, buscou utilizar da sua autoridade a fim de frear o avanço do futebol feminino, solicitando o apoio do governador.

Em virtude do crescimento da prática do futebol por mulheres em Minas Gerais, e em outros estados, como São Paulo<sup>81</sup>, o CND cogitou legalizar a modalidade, de modo que o assunto foi pauta de uma reunião da entidade. Antes disso, o *Correio da Manhã* questionou o presidente Paula Ramos perguntando se o Conselho já teria um ponto de vista definido sobre o assunto, o qual respondeu o seguinte: “Ainda não. Apenas como já havia antecipado, tratei de estudar meticulosamente o assunto, a fim de prestar ao plenário todos os esclarecimentos que me forem solicitados”.<sup>82</sup> De fato, Ramos estudou o tema, pois, de acordo com a matéria, sabia

<sup>79</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 maio 1959, p. 16.

<sup>80</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 maio 1959, p. 16.

<sup>81</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1959, p. 8. De acordo com o jornalista Luiz Bayer, o futebol feminino em São Paulo também preocupava o CND.

<sup>82</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 jun. 1959, p. 16.

que o Decreto-Lei 3.199 não proibia o futebol feminino, mas sim esportes inadequados à mulher. Sabia também a respeito da instrução do General Newton Cavalcanti que, nesse caso, impedia a prática do esporte por mulheres. Diante disso, a resolução do problema poderia ser simples: bastava o CND baixar uma nova instrução, revogando aquela. No entanto, o pensamento de Paula Ramos sobre o futebol de mulheres já dava indícios do desfecho.

Tecnicamente, **considero o futebol feminino um verdadeiro fracasso** e até mesmo como simples espetáculo esportivo. Sobre o ponto de vista médico, não tenho condições de opinar. Apenas considero que o basquetebol feminino é um esporte ainda mais violento do que o futebol praticado por moças, assim como a luta livre e o hóquei em patins (grifo nosso).<sup>83</sup>

Embora determinados meios de comunicação exaltassem a qualidade técnica de certas jogadoras de Araguari, Ramos parecia não gostar das mulheres dentro de campo. Ainda assim, reconhecia que existiam esportes mais violentos do que o futebol sendo praticados por elas sem nenhuma tentativa de intervenção, citando o exemplo do basquetebol.<sup>84</sup>

Alguns dias depois dessa entrevista, o mesmo periódico noticiou sobre a reunião que analisou a legalização do futebol entre mulheres, destacando: “Mantida a proibição para o futebol feminino”<sup>85</sup>. Em seguida, relatou que: “Encerrados os debates, ficou decidido que o futebol feminino ainda continuará em regime de proibição, pelo menos até que seja concluído o pronunciamento do assessor jurídico Samuel Sabat, designou para apreciar a matéria”<sup>86</sup>. No dia seguinte, o *Jornal dos Sports* concedeu espaço para a fala do Sr. Gastão Soares de Moura Filho, membro do CND, que enfatizou:

Não há hipóteses do Conselho Nacional de Desportos reconsiderar a sua decisão na questão da proibição do football feminino.

Pelo contrário: o Conselho Nacional de Desportos decidiu transcrever a resolução tomada no ano de 41 e dar conhecimento a Confederação Brasileira de Desportos, para que, por sua vez, faça ciente as suas filiadas de que o football feminino está terminantemente proibido em todo território nacional. O próprio Conselho Nacional de Desportos vai, por outro lado, comunicar-se com os Conselhos Regionais, **para que, sob pretexto algum, seja permitida essa modalidade de esporte para mulheres.**<sup>87</sup> (grifo nosso).

---

<sup>83</sup> Ibid.

<sup>84</sup> Inclusive, o argumento de que o basquete era um esporte mais violento do que o futebol era muito utilizado pelos defensores da prática do futebol feminino.

<sup>85</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1959, p. 18.

<sup>86</sup> Ibid.

<sup>87</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1959, p. 8.

Vale a pena observar que em nenhum momento é colocada alguma justificativa para a manutenção da proibição do futebol entre mulheres, o que nos leva a crer que os membros do CND se basearam nos mesmos argumentos defendidos em 1941, associados a segurança da maternidade e a possibilidade de masculinização do corpo feminino. Tomando o futebol como uma área reservada masculina e tendo em vista que o CND era composto por homens, é possível compreender a tendência deles se oporem à tentativa das mulheres de ocuparem esses espaços.<sup>88</sup> Em função das transformações sociais ocorridas ao longo do século XX na sociedade e na família, com uma ampliação da presença da mulher de classe média no mercado de trabalho, por exemplo, as relações de gênero foram impactadas e o futebol representava um espaço simbólico, de afirmação da masculinidade e, portanto, de conservação das fronteiras de atuação entre homens e mulheres. Isso explica o receio do Sr. Gastão Soares de Moura Filho ao afirmar que o CND iria comunicar-se com os Conselhos Regionais para impedir a prática do futebol por mulheres sob qualquer pretexto.

Mesmo com o reforço da proibição, as mulheres não deixaram os gramados, atuando, inclusive, no Pacaembu. As atrizes de São Paulo e do Rio de Janeiro protagonizaram algumas partidas que empolgaram o público. Quem não ficou conformado com a situação foi o Conselho Nacional de Desportos, que buscou impedir a ocorrência dos jogos. De acordo com Silva, após tentativa de veto a partida entre vedetes paulistas e cariocas no Pacaembu, a Casa do Ator, organizadora do evento, recorreu da decisão e o juiz Júlio Leal Fagundes, da 2ª Vara de Fazenda Pública, concedeu liminar com mandado de segurança. Contudo, o CND tentou derrubá-la e conseguiu, pois o Tribunal Federal de Recursos a suspendeu. Tudo indicava que a partida não ocorreria, mas um empresário chamado Lover Ibaixe<sup>89</sup> assumiu a responsabilidade do financiamento do espetáculo, dando a Casa do Ator 15% da renda bruta, com a garantia mínima de Cr\$50.0000, caso não houvesse o jogo. O evento arrecadou Cr\$1.320.000,00 e as paulistas venceram as cariocas por 2 a 1.<sup>90</sup>

Teve revanche e foi no Maracanã. Dessa vez, a organização do “show” ficou a cargo da Casa dos Artistas. O tesoureiro da instituição, Antônio Assis, falou ao *Correio da Manhã* sobre o evento, criticando o anterior da seguinte forma: “O que se passou em São Paulo foi uma vergonha e jamais daremos o nome da Casa dos Artistas para quaisquer manobras escusas”<sup>91</sup>.

<sup>88</sup> DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. **Revista de Estudos Feministas** - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 321-348, v.5, n. 2, 1997. Apud. MOURA. Op. cit.

<sup>89</sup> Sobre o empresário, ver o site: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/617571/>.

<sup>90</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1959, p. 1.

<sup>91</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1959, p. 27.

Antônio Assis repudiou à presença de empresários no futebol de mulheres, deixando claro que toda renda seria revertida em benefício do Retiro dos Artistas de Jacarepaguá, que abriga idosos em situação de vulnerabilidade.<sup>92</sup> O CND, certamente frustrado com a “derrota” em relação ao jogo no Pacaembu, resolveu ficar de fora dessa vez, alegando que a partida se configurava como um “show”.<sup>93</sup> Se no Pacaembu as paulistas venceram, no Maracanã foram as cariocas que saíram vitoriosas.<sup>94</sup>

Ao analisar a realização da partida no Pacaembu, que abriu margem para a realização de outros eventos semelhantes, Silva pondera que: “Assim, um elemento primordial para a realização da partida foi justamente a retirada dela do campo esportivo e a sua inserção como produto de entretenimento”.<sup>95</sup> Além disso, esse contorno acabou reafirmando o estádio de futebol como um espaço de afirmação da heterossexualidade masculina, pois ao colocarem mulheres bonitas para participarem dos jogos, o principal público atraído eram homens que iam aos espetáculos para verem o corpo das atrizes.<sup>96</sup>

Nesse mesmo contexto, a *Revista do Esporte*<sup>97</sup> se declarou favorável ao futebol jogado por mulheres, apesar de algumas ressalvas. Em uma coluna chamada “Nossas Opiniões”, o redator escreveu que:

Esta revista já tem feito sentir, nesta página, dois pontos de vista assumidos: um a defesa do futebol feminino; outro a da loteria esportiva. [...] Não defendemos o futebol feminino propriamente como modalidade esportiva e rigidamente apegada aos princípios e leis do jogo masculino”.<sup>98</sup>

No ano seguinte, a *Revista do Esporte* voltou ao tema e deixou mais claro a defesa que fazia do futebol de mulheres, dizendo que: “o futebol feminino deve ser regulamentado, para que não se assistam espetáculos que não passam de caricatura desse esporte nem seja posta em

---

<sup>92</sup> Ibid.

<sup>93</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1959, p. 8.

<sup>94</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 set. 1959, p. 8.

<sup>95</sup> SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação. (Mestrado em História Social) - São Paulo: Departamento de História-FFLCH-Universidade de São Paulo, 2015, p. 15.

<sup>96</sup> Ibid.

<sup>97</sup> A *Revista do Esporte* era dirigida pelo editor e escritor Anselmo Domingos, o qual também era responsável pela *Revista do Rádio*, que obteve sucesso entre as décadas de 1940 e 1960. A primeira edição foi publicada em 14 de março de 1959, o que nos leva a crer que o apoio da revista ao futebol feminino pode ter relação com a sua recente criação. Tendo em vista a busca por uma identidade e a necessidade de se diferenciar dos demais meios de comunicação, defender uma modalidade proibida que tinha chances de sucesso, poderia ser uma marca interessante.

<sup>98</sup> *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1959, p. 60.

risco a integridade física de suas praticantes”.<sup>99</sup> O jornalista fazia uma crítica ao futebol praticado por vedetes citado em linhas anteriores, o qual ganhou notoriedade pública, mais pelo espetáculo do que pelo esporte. O cronista Vargas Neto, do *Jornal dos Sports*, também se posicionou contrário a esse tipo de jogo, criticando o fato das atrizes jogarem de salto alto, quase nuas, ridicularizando o esporte. Em contrapartida, ele defendeu o futebol feminino, argumentando que o esporte acontecia na Europa e era menos violento do que o basquete.<sup>100</sup>

O processo de expansão do futebol feminino continuou ao longo do ano de 1959, com jogos em estados do nordeste, como Bahia e Piauí e em algumas cidades do Rio de Janeiro, principalmente da baixada fluminense. Por conseguinte, o presidente da Federação Fluminense de Desportos (FFD), Ramos de Freitas, pautado nas recomendações do CND para conter a prática de futebol por mulheres, entrou em ação interditando campos que receberam ou viriam a receber jogos femininos. O campo do Fazenda, em São João de Meriti, foi interditado após o presidente da FFD ter tomado conhecimento que ali ocorreram alguns encontros entre futebolistas.<sup>101</sup> Uma outra praça esportiva interdita pela mesma entidade foi o campo do Volantes, em Nova Iguaçu, por ter sido cedido para um certame entre as seleções femininas de Nova Iguaçu e São João de Meriti.<sup>102</sup>

No início de 1960, o repórter Evaldo Costa, do *Jornal do Brasil*, fez uma seleção dos fatos esportivos fluminenses do ano anterior e a interdição relatada acima, no campo do Volantes, estava entre os cinco maiores “casos”. Além dele, um outro caso envolvendo o futebol de mulheres foi destacado. Diz respeito à “proibição pela Entidade máxima dos jogos de futebol feminino no Estádio Caio Martins, que foram realizados com mandado judicial”<sup>103</sup>. A entidade citada, certamente era a Federação Fluminense de Desportos, que estava atuando no sentido de coibir a prática do futebol por mulheres. De qualquer forma, as partidas não deixavam de acontecer, seja por meio de mandado judicial como ocorreu no Caio Martins, ou ignorando a proibição da FFD, o que gerava consequências negativas para os clubes, pois ficavam sem os campos para jogar devido às interdições.

Diante desse cenário, o futebol entre mulheres no Rio de Janeiro foi diretamente afetado, uma vez que as notícias a respeito dos jogos diminuíram significativamente. O *Jornal dos Sports*, que ao longo do ano de 1959 trouxe várias matérias e reportagens sobre a modalidade, noticiou no ano seguinte, apenas duas partidas: uma entre Governador Portela e Miguel

<sup>99</sup> *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 22 out. 1960, p. 48.

<sup>100</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1959, p. 6.

<sup>101</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 out. 1959, p. 8.

<sup>102</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1959, p. 10.

<sup>103</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1960, p. 18.

Pereira<sup>104</sup> e outra entre “Vedetes da Guanabara” e Associação Meritiense.<sup>105</sup> A última equipe também apareceu em uma notícia no ano de 1961, no jornal *O Fluminense*, que anunciava uma partida em São João de Meriti contra o Fazenda Feminino de Futebol.<sup>106</sup>

No contexto internacional, vale destacar o futebol inglês, o qual possuía equipes como o Corinthians, que fizeram excursões pela Europa e pela América Latina no final da década de 1950 e início da década seguinte.<sup>107</sup> No ano de 1960, foi realizado um quadrangular de futebol de mulheres, envolvendo duas equipes da Inglaterra, o Northern e o Corinthians e duas da Costa Rica, o Independiente e o Odeca.<sup>108</sup> Ciente do sucesso do futebol feminino no âmbito internacional, um empresário brasileiro, chamado José da Gama, tentou promover uma partida entre as equipes londrinas do Corinthians Ladies e o Mormad Ladies, em 1962. Todavia, o CND vetou o pedido do empresário, argumentando que: “o futebol feminino não é oficializado internacionalmente, não é espetáculo esportivo e foge às normas esportivas adotadas no Brasil”.<sup>109</sup>

É verdade que as investidas do CND e da FFD dificultaram bastante a vida das mulheres que queriam jogar futebol. Porém, mesmo com a proibição elas persistiram e seguiram praticando o esporte, como é o caso do time da imagem abaixo.



Figura 2: *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1964.

<sup>104</sup> *Jornal dos Sports*, 27 abr. 1960, p. 11.

<sup>105</sup> *Jornal dos Sports*, 26 nov. 1960, p. 11.

<sup>106</sup> *O Fluminense*, Niterói, 9 set. 1961, p. 1.

<sup>107</sup> WILLIAMS, Jean. **Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011**. De Montfort University Leicester, 2011.

<sup>108</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 maio 1960, p. 13.

<sup>109</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 maio 1962, p. 12.

O nome do time da imagem acima é bastante significativo: Decididas F.C. Em primeiro lugar, em função do próprio nome em si, que caracteriza a identidade do grupo de mulheres que se reuniram e “decidiram” confrontar a proibição montando uma equipe. Além disso, a perseguição da Federação Fluminense de Desportos aos clubes que promoviam o futebol entre mulheres, obrigou as atletas a criarem um clube próprio e independente, visto que um clube de futebol masculino, mesmo que amador, dificilmente iria se comprometer formando um quadro feminino por conta do medo de receber alguma punição. No que diz respeito às jogadoras, salta aos olhos a menina agachada à esquerda, uma criança no meio de adultas. Possivelmente era parente de alguma outra atleta, ou até mesmo filha.

Em agosto de 1964, o deputado federal e presidente do Santos Futebol Clube, Atiê Jorge Cúri, defendeu a prática de futebol por mulheres nas escolas, a fim de preparar fisicamente a mulher brasileira<sup>110</sup>. Dois meses depois, o parlamentar sinalizou à *Revista do Esporte* que o futebol feminino deveria ser legalizado como esporte amador, que noticiou:

Diante do interesse demonstrado pelo Sr. Atiê Jorge Cúri, admite-se que, agora, o futebol feminino possa ser olhado com mais simpatia pelo Conselho Nacional de Desportos, que há algum tempo proibiu a prática do popular desporto esporte pelo sexo feminino. Como se trata de um deputado federal além do mais com o prestígio de um presidente de um grande clube como o Santos, poderá o Sr. Atiê Jorge Cúri fazer pressão, mesmo que sutilmente, para que o futebol feminino possa ser regulamentado e, em consequência, livremente praticado.<sup>111</sup>

O posicionamento do deputado despertou a revolta de um ferrenho opositor do futebol feminino e um dos principais cronistas do *Jornal dos Sports*, Álvaro Nascimento, conhecido como “Zé de São Januário”, que se manifestou na sua coluna intitulada “Uma pedrinha na chuteira”.

Agora, o deputado Athiê Curi, em entrevista concedida à “**Revista do Esporte**”, disse que vai pleitear na câmara federal a revogação da lei do CND que proíbe o futebol feminino. Credo em Cruz, velho amigo Athiê Curi! Não pense em semelhante desgraça. Nós, os homens, que já somos passados para trás pelas beldades, é fácil calcular o que irá acontecer quando as beldades tomarem conta dos lugares que cabem ao sexo forte. Que o Curi forme as suas equipes de artistas para disputar uma ou duas partidas com fins beneficentes. Até nós iremos contribuir com uns miseráveis 600 “cruzas” para ver os jogos e torcer pelas beldades<sup>112</sup> (grifo do original).

<sup>110</sup> *O Jornal*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1964, p. 16.

<sup>111</sup> *Revista do Esporte*, Rio de Janeiro, 24 out. 1964, p. 4.

<sup>112</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 out. 1964, p. 10. É importante chamar atenção pro fato da publicação do “Zé de São Januário” sobre a declaração de Atiê Cúri, ter sido publicada antes do que na própria *Revista do Esporte*.

O pensamento do “Zé de São Januário” certamente era compartilhado por muitas pessoas que viviam naquela época: o medo escancarado das mulheres participarem e obterem sucesso em alguns espaços sociais que eram restritos aos homens. Em contrapartida, os jogos beneficentes com artistas seriam até aceitáveis, pois ocorreriam esporadicamente e o mais importante: os homens pagariam para ver a exibição dos corpos das mulheres, mantendo o futebol como um espaço para afirmação da masculinidade.

Independente desse tipo de concepção, o fato é que, como foi destacado na *Revista do Esporte*, um deputado federal influente no meio futebolístico poderia realizar articulações a fim de reverter a lei proibitiva, legalizando assim, a prática da modalidade. Contudo, o parlamentar parece que não deu seguimento à ideia, pois não se verificou mais notícias vinculadas à defesa dele pela legalização.

No início de 1965, uma notícia envolvendo o futebol de mulheres repercutiu em diversos meios de comunicação do Rio de Janeiro, como o *Jornal dos Sports*, *O Fluminense*, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa* e *Diário de Notícias*. Trata-se de uma denúncia feita pelo vice-presidente do CND, Aníbal Fellon, em uma reunião da entidade, a respeito de uma partida de futebol entre mulheres na cidade de Santos. Diante disso, “O Conselho resolveu mandar uma circular<sup>113</sup> aos Governadores dos Estados, pedindo para que, por intermédio das Secretarias de Segurança, seja proibido a prática do futebol feminino”.<sup>114</sup>

Como já foi mencionado anteriormente, o futebol de mulheres estava se expandindo em diversos países de diferentes continentes. Devido a esse crescimento, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), entidade máxima do esporte no mundo, se posicionou sobre o assunto. De acordo com o *Correio da Manhã*: “O Comitê de Emergência da FIFA também tratou do problema do futebol feminino e do futebol de salão. No referente ao primeiro, a FIFA aconselha às federações nacionais que adotem uma prudente reserva e que, pelo menos por ora, não estimulem seu desenvolvimento”.<sup>115</sup>

O posicionamento da FIFA, que já possuía grande relevância e influência no contexto internacional, foi entendido pelo regime militar e pelo Conselho Nacional de Desportos como

---

Em um primeiro momento, suspeitou-se que existiria alguma matéria anterior com o parlamentar e presidente do Santos, na qual ele também teria se colocado favorável ao futebol feminino. Porém, não houve. Frente a isso, acredita-se que o colunista do *Jornal dos Sports* teve acesso a entrevista antes dela ter sido publicada.

<sup>113</sup> Os jornais apenas citam a circular, mas não trazem o documento. Por conta das dificuldades de acesso às fontes no período da pandemia de covid-19, não conseguimos encontrar a circular referida.

<sup>114</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro 9 jan. 1965, p. 3.

<sup>115</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1965, p. 28.

um aval para endurecer a proibição.<sup>116</sup> Somado a isso, o aumento da prática da modalidade no território nacional a partir de 1959, as dificuldades para impedir a realização das partidas e o apoio de personalidades e de meios de comunicação importantes, foram elementos que levaram o CND a reafirmar a proibição, por meio da Deliberação nº 7 de 1965. Ela dizia o seguinte:

Baixa instruções às entidades esportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres.

Nº1: às mulheres não se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

Nº2: não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball.<sup>117</sup>

Chama atenção a ausência dessa informação nos meios de comunicação pesquisados, pois eles informaram sobre a modalidade em diferentes oportunidades naquele contexto. Diante disso, vale a pena recorrer a ideia da historiadora Tania de Luca, a qual diz que: “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”.<sup>118</sup> Levando isso em consideração, pode-se dizer que os jornalistas tinham notícias que consideravam mais interessantes para integrar o jornal, ou pensaram que essa informação não fosse de interesse do público.

Ainda sobre essa deliberação, é importante atentar para o contexto político e social no qual ela é baixada. O CND e algumas federações estaduais já vinham perseguindo e agindo para conter a propagação do futebol de mulheres no Brasil, sobretudo em 1959, durante governos democráticos. No entanto, em 1964 o país sofreu um golpe civil-militar, que instaurou uma ditadura no país. O processo que gerou o golpe foi apoiado por setores relevantes da sociedade, como a imprensa, a Igreja Católica e movimentos sociais liderados por mulheres, os quais se mobilizaram para combater a entrada do comunismo no país e conservar as tradições nacionais. Entre um desses movimentos de mulheres estava a Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), que era formada por mulheres católicas, brancas, das elites da zona sul do Rio de Janeiro e se reivindicavam como mães, esposas e donas de casa. Além disso, mesmo

<sup>116</sup> SILVA, Giovana Capucim e. Op. cit., 2015.

<sup>117</sup> BRASIL, **Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos**. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberao-n-7-2-agosto-1965>>. Acesso em: 3 out. 2020.

<sup>118</sup> DE LUCA, Tania Regina. Op. cit., 2019, p. 139.

pertencendo a uma classe social restrita, o discurso dessas mulheres tinha um poder de abrangência que atingia outras classes sociais.<sup>119</sup>

A prática do futebol por mulheres ia na direção contrária daquilo que era defendido pela CAMDE, uma vez que estariam fora do lar, com trajés curtos, os corpos à mostra e colocando a maternidade em risco. Por mais que a questão do futebol feminino não tivesse relação direta com as pautas defendidas pelas mulheres da CAMDE, a mentalidade defendida e disseminada por elas no que diz respeito ao lugar da mulher na sociedade, contribuiu para o CND baixar a Deliberação nº 7 e reafirmar a proibição. Em outras palavras, o pensamento dessas mulheres reforçava a lógica conservadora em relação ao papel social do ser feminino na sociedade brasileira, sendo a maternidade a sua principal função.

## 1.2 Jogando do jeito que dá: os jogos beneficentes, festivos e preliminares

A princípio, o CND conseguiu conter o futebol jogado por mulheres, pelo menos se forem consideradas as aparições de notícias referentes às partidas, que diminuíram de maneira significativa. Contudo, elas não deixaram os gramados e protagonizaram episódios futebolísticos ainda na segunda metade da década de 1960. De acordo com Silva, o futebol praticado por mulheres até a década de 1950 poderia ser dividido em dois tipos:

os que possuíam o jogo com um fim em si mesmo e os que apresentavam algum tipo de comprometimento externo à atividade esportiva. O primeiro referia-se aos promovidos pelos clubes e o segundo às partidas beneficentes, fossem disputadas por vedetes ou não.<sup>120</sup>

A partir da década de 1960, verifica-se a inserção do futebol feminino em eventos festivos, como em aniversários de cidades do interior ou em inaugurações de obras públicas, mantendo o caráter beneficente.<sup>121</sup> Além disso, partidas preliminares jogadas por mulheres em pejejas de categoria de base e de futebol amador também passaram a ser noticiadas pelos

---

<sup>119</sup> CORDEIRO, Janaína. Do golpe de 1964 ao “milagre brasileiro”: a campanha da mulher pela democracia (CAMDE) ação política e imaginário coletivo. **Iberoamérica Social**: revista-red de estudios sociales, número especial. Vol. 1, p. 46-69, 2016.

<sup>120</sup> SILVA, Op. cit., p. 35.

<sup>121</sup> Ibid.

jornais. É justamente sobre esses tipos de futebol que trataremos neste tópico: beneficentes, festivos e preliminares.

As partidas preliminares entre mulheres, apesar das poucas aparições nas páginas dos jornais, são muito importantes na trajetória do futebol feminino. Em um período no qual jogar futebol era um desafio para elas, esse tipo de partida foi um meio encontrado para que conseguissem estar em campo, inclusive em algumas oportunidades como protagonistas.

Em junho de 1967, por exemplo, a coluna “Jogo Perigoso”, do *Jornal dos Sports*, chamou atenção para uma partida preliminar de futebol feminino, da seguinte forma:

Os dirigentes da Liga Nilopolitana de Futebol programaram duas preliminares diferentes para o amistoso do próximo domingo em Nilópolis, entre os juvenis do Flamengo e a Seleção de Nilópolis: seleções de m<sup>o</sup>ças de Olinda e Seleções de m<sup>o</sup>ças de Nilópolis. **O futebol feminino virou moda naquele município do Estado do Rio.**<sup>122</sup> (grifo nosso).

Embora a atração principal do evento fosse o jogo entre a equipe juvenil do Flamengo e o selecionado de Nilópolis, o jornalista destaca a partida entre as mulheres, por se tratar de um acontecimento “diferente”, que poderia gerar maior interesse da população daquela cidade. Além disso, ao dizer que o futebol feminino teria virado moda naquele município, indica que existia um movimento local de mulheres jogando futebol com regularidade. Apesar disso, não foram encontradas outras notícias a respeito do futebol feminino em Nilópolis nos periódicos pesquisados.

No ano anterior, o *Jornal dos Sports* também noticiou sobre uma partida preliminar de futebol feminino, mas de forma mais discreta. O foco da notícia era o IV Centenário de Futebol Amador promovido pela ADEG, nos bairros de Bangu e Campo Grande. Uma das partidas desta competição seria precedida por um jogo entre as equipes femininas do Pedra e do Vila Kenedy.<sup>123</sup>

A presença de jogos de futebol feminino em eventos festivos diversos também fez parte da trajetória das mulheres no futebol nesse contexto posterior à Deliberação nº 7 do CND. Por ser um espaço associado a brincadeiras e comemorações, a presença de mulheres não causava incômodo e muitas vezes era até celebrada e bem-vista.

---

<sup>122</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29 jun. 1967, p. 8.

<sup>123</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1966, p. 10.

Um exemplo disso pode ser observado na cobertura do jornal *O Fluminense*, em relação à Festa da Laranja, em Itaboraí. O evento teve grande destaque nas páginas desse periódico, que trouxe notícias antes e depois de sua realização, figurando até na capa. O futebol feminino, que foi uma das atrações da festa, fez sucesso com o público. “Na programação de domingo, o que despertou verdadeiro delírio entre os visitantes foi a apresentação de futebol feminino, reunindo as equipes do Esperança, Colubandê e Combinado Jardim”.<sup>124</sup> Em seguida, o jornalista conclui “que em nenhuma outra produção do gênero se viu tanta gente boa reunida”.<sup>125</sup>

O delírio causado pelo futebol feminino, porém, não estava associado ao nível técnico das jogadoras e não atingiu a todas as pessoas que compareceram ao evento. A maneira como o jornalista relata o evento deixa bem claro que foram os corpos das atletas que chamaram a atenção dos homens heterossexuais que lá estavam. A sexualização das mulheres no futebol é um elemento que perpassa por todos os momentos da história desse esporte e permanece até hoje, ainda que as formas como acontece sofra alterações de acordo com o contexto.

Um outro caso de futebol feminino em eventos festivos diz respeito às comemorações do 22º aniversário do Flaminguinho Futebol Clube de Jurujuba, que contou com 5 partidas amistosas em seu novo campo. Um deles foi disputado entre as mulheres do Flaminguinho e do Jurujuba Praia Clube. De acordo com o jornal *O Fluminense*:

Não houve gols mas o show dado pelas meninas-moça foi espetacular. Carros que passavam paravam para que seus ocupantes pudessem ver a partida. No Jurujuba, Gracinha mostrou como se joga na defesa. No ataque, Magda parecia com Dario e Cristina mostrou que tem condições para barrar Caldeira. No Flaminguinho, Rosana dominou o meio-campo, juntamente com sua companheira Irene. Mas a grande figura do Fla foi Teresa, que mostrou estar em melhor forma do que Zé Dias.<sup>126</sup>

Ao tentar tecer elogios sobre as jogadoras, o jornalista recorre a uma estratégia muito comum quando se trata de mulheres jogando futebol: comparações com figuras do futebol masculino. Na maioria das vezes, elas são feitas em relação aos grandes nomes do futebol de homens da época, o qual é sempre estabelecido como parâmetro.

Um outro evento festivo que contou com mulheres jogando futebol e apareceu na imprensa foi o torneio interno de futebol *society* “Oswald de Souza” realizado em Araruama,

<sup>124</sup> *O Fluminense*, Niterói, 10 jun. 1969, p. 3.

<sup>125</sup> *Ibid.*

<sup>126</sup> *O Fluminense*, Niterói, 23 abr. 1971, p. 12.

que contou com a presença do prefeito Afrânio Valadres e outras autoridades do município.<sup>127</sup> O torneio foi disputado entre funcionários dos Supermercados Corcovado e serviu também para inaugurar o campo de futebol *society* dos supermercados, que recebeu mil e quinhentas pessoas. No que diz respeito a partida de futebol feminino, jogado entre as funcionárias da organização, o JS destacou uma nota “ilariante”: “O juiz marcou um pênalti contra a filial de Cabo Frio no jogo com a matriz e, por isso, foi expulso de campo pelas moças”.<sup>128</sup>



Figura 3: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1975, p. 9.

Na primeira imagem do time feminino da filial de Cabo Frio, grande parte das jogadoras estão descontraídas e sorrindo. Diferentemente da última foto, do elenco masculino da Matriz, na qual a maioria dos jogadores estão sérios e focados. Essas posturas podem estar associadas a maneira pela qual o jornal queria representar aqueles sujeitos. Desse modo, para as mulheres, seria apenas uma brincadeira, já para os homens, era um campeonato que deveria ser jogado com seriedade.

<sup>127</sup> Oswald de Souza ficou conhecido nacionalmente na década de 1970 por calcular a probabilidade de acertos na loteria esportiva no programa Fantástico da Rede Globo.

<sup>128</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1975, p. 9.

A prática do futebol por mulheres com fins beneficentes era socialmente aceita, pois as colocava em um campo de ação associado à bondade e à caridade, que são características compreendidas como femininas e, por outro lado, não possibilitava o desenvolvimento de uma modalidade esportiva, já que os jogos eram esporádicos.

Uma das poucas notícias de jogos de futebol feminino no ano de 1965 foi dada pelo *Jornal dos Sports* no mês de novembro, com o seguinte título: “Môças Jogam Futebol Para Ajudar Natal”. Tendo em vista que finais de ano são épocas em que ações de caridade são muito comuns, o jornalista informou sobre o evento:

Com o objetivo de auxiliar o Natal da criança pobre da Escola Abellard Feijó, na Estrada do Cucuia 1386, na Ilha do Governador, será realizada na próxima segunda-feira, no campo do Cocotá, uma ampla festividade esportiva, na qual se destaca uma partida de futebol feminino.

A partida será disputada entre as equipes femininas do Grêmio Recreativo Feminino Vila, pioneiro do futebol feminino na Ilha do Governador.<sup>129</sup>

Em meio a uma ampla festividade esportiva, destaca-se o futebol feminino, certamente por conta de ser uma novidade. Por mais que em termos históricos as mulheres estivessem em campo desde muito tempo, em muitas localidades não era comum esse tipo de prática. Merece atenção, também, o fato da partida ser disputada pelas equipes femininas do Grêmio Recreativo Feminino Vila. Não se trata, portanto, de times que foram formados apenas para a realização daquele jogo. Como pioneiras do futebol feminino na Ilha do Governador, evidentemente elas já haviam jogado antes.

Apesar da aceitação social em relação a jogos de mulheres beneficentes, em algumas oportunidades até mesmo esse tipo de evento foi censurado. É o caso de um jogo que estava programado para acontecer no estádio do Pacaembu em dezembro de 1966, ou seja, no final do ano, semelhante à partida disputada na Ilha do Governador. Segundo o *Jornal do Brasil*, o Diretor da Divisão de Diversões Públicas<sup>130</sup> do estado de São Paulo, jornalista J. Pereira, citando o decreto-lei 3.199, “proibiu o jogo de futebol beneficente, reunindo um grupo de

<sup>129</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1965, p. 7.

<sup>130</sup> A Divisão de Diversões Públicas foi um órgão do governo do Estado de São Paulo, associado à Delegacia de Costumes, sendo criado em 1958 com o objetivo de censurar previamente, autorizar e interditar peças teatrais, espetáculos e exibições cinematográficas, além de conceder alvará de funcionamento para boates, cabarés e estabelecimentos similares. Disponível em: <<http://icaatom.arquivoestado.sp.gov.br/icaatom/index.php/diversoes-publicas;isad#:~:text=O%20Grupo%20Divers%C3%A3o%20P%C3%BAblica%20%C3%A9,anos%2C%20entre%201926%20e%201968.&text=Secret%C3%A1rio%20da%20Seguran%C3%A7a%20P%C3%BAblica%20do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

meninas, que estava marcado para o próximo sábado à tarde, no Estádio do Pacaembu”.<sup>131</sup> A ideia do evento era de senhoras dirigentes de uma entidade de auxílio a crianças “excepcionais”. Após introduzir a notícia, o jornalista forneceu mais algumas informações:

Depois de formados os dois times, com estudantes dos bairros da Mooca e do Morumbi, foram iniciados os treinos, sob a orientação dos técnicos Arnaldo e Gabino, do Juventus, e, desde logo, destacou-se uma garota de 16 anos, que passou a ser a artilheira do seu time. No último sábado, num coletivo incluindo as 22 jogadoras, Sílvia, centro-avante do Morumbi, fez o único gol da partida.<sup>132</sup>

Primeiramente, é importante considerar que a Divisão de Diversões Públicas era um órgão do governo do Estado de São Paulo. Apenas em 1968 que o governo federal passou a contar com um semelhante, a Divisão de Censura de Diversões Públicas. Tendo em vista as atribuições dessa Divisão, compreende-se que esse tipo de evento não fazia parte da alçada esportiva e se configurava como um espetáculo, sendo competência dessa entidade permitir ou censurar. Amparado no decreto-lei 3.199 de 1941, que proibia as mulheres de praticarem atividades incompatíveis com a sua natureza, o diretor decidiu proibir o jogo.

No entanto, a notícia deixa claro que essas mulheres estavam jogando, realizando treinos preparativos. Dessa forma, a preocupação não parecia ser a prática do esporte em si, mas sim a exibição dos corpos dessas mulheres no Pacaembu, um dos principais estádios do país. Nessa perspectiva, vale salientar que por estudarem em colégios de bairros da classe média alta paulistana, essas garotas certamente eram brancas e pertenciam a uma classe social abastada. Por possuírem essas características, não deveriam exibir seus corpos em um espaço público, mesmo que fosse por uma boa causa, tendo em vista que a representação social da mulher no âmbito público até a década de 1970 estava ligada à prostituição.<sup>133</sup>

Apesar do caso exposto acima, a maior parte dos jogos preliminares, festivos ou beneficentes programados eram realizados, ainda que contassem com alguns opositores. A cidade de Vespasiano, por exemplo, na região metropolitana de Belo Horizonte, assistiu às mulheres jogando futebol no ano de 1968. Em função da necessidade de arrecadar recursos para construção de um muro que estava cedendo, as professoras do Grupo Escolar Padre José

---

<sup>131</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1966, p. 17.

<sup>132</sup> *Ibid.*

<sup>133</sup> RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 578-606, 1997.

Senabre tomaram a iniciativa de promover partidas de futebol feminino.<sup>134</sup> Os times foram formados rapidamente por jovens e adolescentes solteiras, algumas estudantes e outras já inseridas no mercado de trabalho. “Praticamente nenhuma tinha tido contato com aquela modalidade esportiva, à exceção das irmãs de Buião, então jogador do Corinthians, Clarice e Dora, e da mais jovem da turma, Dininha”.<sup>135</sup> As garotas de Vespasiano realizaram alguns jogos na cidade, atraindo os olhares de grande parte da população e da imprensa de diferentes estados, que noticiou sobre os jogos. Em virtude justamente dessa exposição na imprensa, o CND pressionou os envolvidos com os jogos, que deixaram de acontecer.

Um outro caso de mulheres envolvidas com a prática do futebol aconteceu na cidade de Taubaté, em São Paulo. Trata-se de um time formado por garotas do 3º ano normal<sup>136</sup> do Instituto Diocesano de Ensino Santo Antônio. Segundo o *Jornal do Brasil*, elas foram incentivadas pelo diretor do colégio, o padre Benedito Augusto Correia. A ideia de formar um time de futebol feminino teria surgido em uma reunião da comissão de formatura e o dinheiro arrecadado com os jogos tinha o objetivo de pagar a orquestra que iria se apresentar no baile.

Por se tratar de acontecimentos peculiares e que poderiam gerar atenção dos leitores, esse tipo de partida ganhava espaço em jornais de grande circulação, como é o caso do *Jornal do Brasil* e do *Jornal dos Sports*. Entretanto, nesse mesmo período, esses jornais ignoraram o futebol de mulheres em outros espaços, por não ter esse caráter especial de festividade ou beneficência. É o caso das cidades de Niterói e São Gonçalo, que nos anos de 1968 e 1969 contaram com um movimento significativo de mulheres jogando futebol, de maneira organizada e regular, como veremos no próximo tópico.

### 1.3 Niterói x São Gonçalo: um ensaio de uma rivalidade

Entre os jornais selecionados para essa pesquisa, o jornal *O Fluminense* é o único que não é da cidade do Rio de Janeiro. Como já foi dito anteriormente, o jornal era de Niterói, município que foi capital do Estado até 1974, tendo uma grande relevância a nível estadual. A escolha desse jornal para compor a pesquisa aconteceu por meio de um critério quantitativo, uma vez que empregado o termo “futebol feminino” na ferramenta de busca da Hemeroteca Digital, ele estava entre os jornais do estado que mais tinham notícias ao longo do recorte

---

<sup>134</sup> Ver mais em: RIBEIRO, Raphael rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 48-59, 2018.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>136</sup> Equivalente ao 3º ano do Ensino Médio em 2022.

temporal selecionado. Assim, ele apresentou um conteúdo diferenciado, por fazer uma ampla cobertura do futebol feminino na cidade de Niterói, como será visto neste tópico.

Entre os anos de 1968 e 1969, equipes de futebol feminino de Niterói e São Gonçalo construíram uma rivalidade.<sup>137</sup> Seguindo a linha de raciocínio já citada, o futebol praticado por elas possuía um fim em si mesmo, que era o lazer e a competição. Por esse motivo, a dificuldade enfrentada por essas mulheres para conseguir jogar foi maior, em termos de tentativas de impedimento, do que as enfrentadas pelas que protagonizaram jogos beneficentes, festivos e preliminares.

A primeira notícia sobre o futebol de mulheres em Niterói publicada pelo *O Fluminense* esteve na capa do jornal, enfatizando a jogadora Verinha, a qual fazia parte da seleção fluminense de futebol feminino e foi comparada a Pelé.



Figura 4: *O Fluminense*, Niterói, 30 jul. 1968, p. 1.

---

<sup>137</sup> Compreendemos que a construção desta rivalidade no universo futebolístico está associada a uma rivalidade pré-existente entre as cidades de Niterói e São Gonçalo.

A imagem destaca Verinha vestida com o uniforme do time que defendia, o Guarani, mostrando intimidade com a bola, olhando para ela e sorrindo, com uma postura corporal de quem estaria fazendo embaixadas ou prestes a dominar a bola com a parte externa do pé. A imagem é posta para ilustrar o que está escrito acima dela: “Pelé de saias”. Mais uma vez uma jogadora era comparada a um jogador profissional, a fim de atestar o seu talento com a bola nos pés. Não bastava dizer que a Verinha era boa jogadora. Era preciso dizer que ela era a Pelé de vestimenta feminina, a saia, pois a referência da sociedade a respeito do futebol estava relacionada aos jogadores e, além disso, o impacto que esse tipo de associação poderia causar era muito maior, no sentido de gerar um interesse dos leitores para conhecer a jogadora.

Ao lado da imagem, o jornal expôs alguns comentários a respeito da performance futebolística de Verinha em um amistoso disputado contra os rapazes do Colubandê: “fez três gols num jogo-treino contra um time de marmanjos. Não se sabe se devido a seus dribles ou a seu jeitinho, o fato é que não houve defesa que a segurasse na área”.<sup>138</sup> O discurso do jornal é bastante contraditório, já que apresenta Verinha como uma grande jogadora, a comparando com Pelé, mas, coloca em dúvida o seu desempenho, cogitando que o sucesso das suas jogadas seria em função do seu “jeitinho”. Assim, o responsável por escrever esta matéria supôs que ela teria seduzido os jogadores para conseguir marcar os gols, descredibilizando o talento dela e, além disso, sexualizando os movimentos efetuados durante o jogo.

Na mesma edição, mais informações são dadas sobre Verinha e o futebol feminino. Um jogo entre a seleção de Niterói contra a seleção de São Gonçalo estava sendo planejado, motivado por jogadoras de São Gonçalo, que não aceitaram bem a derrota dos rapazes daquela localidade para as moças de Niterói e queriam vingar o município. Assim, as concepções de identificação e de pertencimento vinculadas a uma espacialidade foram responsáveis pela construção da rivalidade entre as jogadoras desses municípios. No que diz respeito ao jogo, o jornalista destacou que existia apenas um problema: “É que quando as moças caem em campos todo o mundo quer ser massagista”.<sup>139</sup> Esse tipo de fala não é exclusivo dessa matéria, tendo aparecido em outras oportunidades, demonstrando como o corpo das mulheres é objetificado e sexualizado pelos homens em diversas situações, sendo passível a ser assediado, já que os candidatos a massagista queriam se aproveitar dessa posição para passar a mão no corpo das jogadoras.

Poucos dias depois, uma outra notícia foi publicada trazendo informações interessantes a respeito do futebol feminino naquela região. Uma delas era que:

<sup>138</sup> *O Fluminense*, Niterói, 30 jul. 1968, p. 1.

<sup>139</sup> *O Fluminense*, Niterói, 30 jul. 1968, p. 7.

Nada menos do que dez “esquadrões” integrado por mulheres estão atuando em Niterói e São Gonçalo, depois que as equipes do Guarani e do Onze Unidos, do bairro Engenhoca, mediram força, “para provar que esse negócio de que futebol é só para homem é PAPO FURADO”.<sup>140</sup> (destaque no original)

A partir dessa informação, é possível dizer que existia um movimento crescente do futebol feminino nessas cidades, tendo em vista o número significativo de dez equipes já formadas naquele momento. A gíria “papo furado”, utilizada na notícia, é empregada no sentido de quebrar a ideia, muito forte na sociedade, de que o futebol seria um esporte para homens. As jogadoras de Niterói e São Gonçalo eram a prova disso.

Na mesma notícia, o jornal informou sobre as preparações das equipes do Guarani, de Niterói e do Esperança, de São Gonçalo, as quais tinham um amistoso programado para ser disputado. O confronto era aguardado com intensa expectativa, principalmente depois que a zagueira Denise, do Esperança, provocou a Verinha dizendo que “se a bola passar você fica”. Outros elementos que também agitavam as preparações para o jogo eram a derrota de um time de homens do Colubandê para um time de mulheres de Niterói, que parece ter tido um impacto bem grande no bairro e o fato do técnico Jalmir Gonçalves estar “selecionando as meninas boas de bola para formar a seleção do Estado do Rio”.<sup>141</sup> Antes desse amistoso, contudo, as dez equipes iam participar de um torneio em São Gonçalo, no dia do aniversário da cidade, no estádio de Mauá.

Segundo o jornal *O Fluminense*, essa expansão do futebol feminino chegou ao conhecimento do Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas, Arnaldo Pereira da Silva, que tentou proibir a prática do futebol por mulheres, baseado na legislação que considerava a modalidade imprópria para elas.<sup>142</sup> As jogadoras ficaram completamente descontentes com a situação e as garotas do Guarani, por exemplo, consideraram “o autor da coisa um alérgico a mulheres”.<sup>143</sup> Ou seja, colocaram em questão a sexualidade do Chefe de Censura, insinuando que ele teria proibido os jogos entre elas por não sentir atração por mulheres. Além disso, Denise e Verinha, que eram rivais nas quatro linhas, se uniram para defender o futebol feminino

---

<sup>140</sup> *O Fluminense*, Niterói, 9 ago. 1968, p. 7.

<sup>141</sup> *Ibid.*

<sup>142</sup> *O Fluminense*, Niterói, 17 ago. 1968, p. 4.

<sup>143</sup> *O Fluminense*, Niterói, 17 ago. 1968, p. 4.

e sugeriram o seguinte: “Se eles próprios repetem que O NEGÓCIO É NO CAMPO, por que não medir forças conosco antes de querer proibir que se brinque sem fazer mal a ninguém?”<sup>144</sup>

Nesse sentido, elas utilizaram discursos que fazem parte do universo heterossexual masculino, com o intuito de questionar as decisões tomadas por esses homens e defender a prática do futebol por mulheres. Um outro elemento interessante nesse discurso possui relação com a ideia de “brincar” sem fazer mal a ninguém, em uma tentativa de mostrar que elas queriam jogar por lazer e diversão, sem maiores pretensões de fazer do esporte um meio de vida.

Essa discussão continuou três dias depois em outra edição, com o censor se defendendo e dizendo que não era ele quem estava proibindo o futebol feminino, visto que este esporte já era proibido por lei. Ofendido com o que as moças disseram, ele retrucou: “Não levei a sério o negócio de alérgico a mulheres, já que estou acima desse tipo de brincadeira”. E prosseguiu, revelando que se pudesse até serviria como juiz em um “pega”<sup>145</sup> entre “certinhas”.<sup>146</sup> Embora ele tenha dito que não levou a sério a fala das jogadoras, é visível que ele se sentiu afrontado, tentando provar e afirmar a sua masculinidade e a sua heterossexualidade.

Arnaldo Pereira da Silva frisou que o Serviço de Censura e Diversões Públicas era um órgão executor de leis e, por esse motivo, não poderia conceder alvarás, caso solicitado, para as garotas jogarem. No que diz respeito à interrupção das partidas, ele assegurou que isso iria acontecer se fosse pedido pela Federação Fluminense de Desportos.

Na continuação da matéria, o jornalista diz que o Guarani, principal time de Niterói naquele contexto, tinha “inúmeros jogos “clandestinos” programados”. Os responsáveis pelos clubes e pelas partidas também não se intimidaram com as tentativas de reprimir a atuação das jogadoras. Pode-se questionar, nesse sentido, quais eram os interesses que esses sujeitos tinham na promoção de times e de partidas de futebol feminino. O aspecto financeiro certamente possui algum peso nesses investimentos, tendo em vista a possibilidade de ganhar dinheiro com os jogos envolvendo equipes femininas.

Mencionada pelo chefe da censura, o diretor da Federação Fluminense de Desportos se manifestou, dizendo ser “a favor do futebol rebolado em Niterói”, como destacou *O Fluminense*:

---

<sup>144</sup> Ibid. (Destaque no original).

<sup>145</sup> O termo “pega” significava uma partida de futebol.

<sup>146</sup> *O Fluminense*, Niterói, 20 ago. 1968, p. 6

O Sr. Murilo Portugal disse que o veto oposto pelo Serviço de Censura e Diversões Públicas ao futebol praticado pelas meninas, não tem razão de ser “desde que se limite o tempo normal de jogo e fixada uma determinada idade”.

Lembrou o Sr. Murilo Portugal que a prática do basquetebol, voleibol, natação e outras modalidades esportivas, são muito cansativas, razão porque, esportivamente, é a favor do futebol feminino.

Com relação ao aspecto jurídico do problema disse desconhecer qualquer imoralidade e sim “até um pouco de comicidade nas partidas”, acreditando mesmo que a Confederação Brasileira de Desportos reveja na legislação esportiva se há algum dispositivo proibitivo como alegou a censura fluminense ao tomar a decisão.<sup>147</sup>

O posicionamento de Murilo Portugal possui vários pontos relevantes, principalmente pelo fato dele defender a prática do futebol por mulheres e por desconhecer a legislação que proibia a modalidade. No entanto, o que chama atenção nesse caso é o descompasso entre duas instituições que, em tese, deveriam proibir o futebol feminino. A FFD, inclusive, havia atuado em 1959, para conter o avanço da prática, como já foi visto. Esse exemplo demonstra claramente a importância dos sujeitos que compõem essas entidades, visto que possuem conhecimentos e pontos de vista diferentes, o que influencia diretamente nas suas decisões e posicionamentos. Uma grande parte dos cidadãos brasileiros, até hoje, desconhece boa parte das leis. Sendo assim, se o diretor da Federação Fluminense de Desportos não sabia da existência da lei que proibia as mulheres de jogarem, é certo que a maioria da sociedade também não tinha esse conhecimento.

O problema envolvendo as futebolistas de Niterói prosseguiu no início do mês de setembro e os técnicos dos clubes que tinham equipes de futebol feminino cogitaram entrar na justiça contra a censura. O principal argumento dos treinadores e dirigentes era que “o “esporte bretão” entre “filhas de Eva” não pode ser proibido, já que há proibição só a campeonatos oficiais”.<sup>148</sup> O advogado cotado para assumir o caso era o Sr. Luis Felício dos Santos, que iria acionar a justiça, se fosse necessário, a fim de garantir o calendário de jogos entre os clubes, diante das ameaças do Serviço de Censura de suspender as partidas. O artigo 54 do Decreto-Lei 3.199 e a Deliberação nº 7/65 do CND, entretanto, não especificava que a proibição ao futebol feminino era apenas a campeonatos oficiais.

A entrada na justiça parece não ter sido necessária, já que alguns dias depois era informado a realização de festival esportivo no campo do Colubandê, que iria reunir oito clubes. Arnaldo Pereira da Silva, censor do Estado do Rio de Janeiro, que havia tentado proibir o futebol feminino, foi convidado pelo diretor do Guarani Zalmir Gonçalves, um dos

<sup>147</sup> *O Fluminense*, Niterói, 23 ago.1968, p. 7.

<sup>148</sup> *O Fluminense*, Niterói, 8 e 9 set. 1968, p. 4.

organizadores do evento, para ser juiz na partida entre o Guarani e o Onze Unidos e de acordo com o *Jornal do Brasil*, aceitou o convite.<sup>149</sup> Anteriormente, o censor Arnaldo Silva havia dito ao jornal *O Fluminense* que gostaria de apitar um jogo entre mulheres, em tom de ironia.<sup>150</sup> A partir dessa informação, o diretor do Guarani aproveitou a oportunidade para convidá-lo, em uma perceptível estratégia de manter boa relação com alguém que poderia atrapalhar os seus intentos enquanto promotor do futebol de mulheres.

Na notícia em que o *Jornal do Brasil* revelava o aceite do censor Arnaldo Silva para apitar a partida entre Guarani e Onze Unidos, também era destacado que:, “[...] uma das melhores jogadoras de São Gonçalo, e a única que recebe prêmio em dobro por partida ganha”.<sup>151</sup> No que diz respeito a expectativa do público, foi relatado que: “Os torcedores estão apostando na vitória do Guarani, havendo casos em que as apostas giram em torno do número de gols de Verinha”.<sup>152</sup> O prêmio relatado pelo jornal, provavelmente era uma remuneração em dinheiro que as jogadoras recebiam quando jogavam, o que é uma informação muito importante, pois, indica que apesar de não conseguirem se sustentar com o futebol, ele poderia ser um meio de complementação de renda. No que tange às apostas que eram feitas nesses jogos, pode-se dizer que as partidas e torneios de futebol feminino tinham um impacto considerável no contexto local e, ademais, existia um conhecimento das pessoas em relação aos principais nomes dos times, visto que se apostava no número de gols de Verinha.

Ainda no mês de setembro, o jornal *O Fluminense* noticiou um outro torneio que também iria acontecer no campo do Colubandê FC.<sup>153</sup> Essa notícia, em contrapartida, ocupou um espaço bem pequeno do jornal, não trazendo grandes informações sobre o evento, como as outras edições mencionadas anteriormente tinham feito quando trataram do futebol de mulheres em Niterói e São Gonçalo. Além disso, não foram publicadas informações posteriores a respeito do torneio e o futebol feminino só voltou a aparecer no jornal pouco mais de um mês depois.

A notícia informava sobre uma partida entre o Esporte Clube Guarani e o Esperança Futebol Clube, que estava sendo planejada para acontecer na cidade de Cordeiro, na região serrana do Rio de Janeiro, em benefício do Natal dos Pobres daquela cidade. Embora a partida tivesse um fim beneficente, a competição também estava presente, já que se tratavam de equipes que vinham construindo uma rivalidade. Na mesma matéria, foi falado a respeito de um torneio triangular que tinha acontecido no campo do Colubandê, envolvendo o Esperança, o Brasinhas

---

<sup>149</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 19.

<sup>150</sup> *O Fluminense*, Niterói, 20 ago. 1968, p. 6.

<sup>151</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 19.

<sup>152</sup> *Ibid.*

<sup>153</sup> *O Fluminense*, Niterói, 26 set. 1968, p. 7.

e o time da casa, vencido pelo Esperança e uma partida disputada entre Guarani e Teimosinho, no Estádio da PM.

O foco da notícia, contudo, era uma árbitra chamada Lucia Maria Marta, a qual estreou no triangular disputado no campo do Colubandê e estava cotada para apitar o jogo em Cordeiro. O título da matéria dizia “Futebol feminino vai firme e já possui seu próprio “Armandinho””, fazendo uma referência ao principal árbitro de futebol do país naquela época, Armando Marques. Na matéria, Lucia Marta foi chamada de “Armandinho de saias” e comentou-se sobre a performance dela, dizendo que:

No domingo passado, durante a realização de um torneio triangular, em São Gonçalo, a apitadora demonstrou toda sua autoridade, marcando pênaltis e ameaçando várias atletas de expulsão de campo, tendo sua atuação agradado a todos. [...] a jovem atleta Lucia Marta Seixas, que deu um “show” de autoridade, imitando Armando Marques.”<sup>154</sup>

Nessa lógica, a autoridade é assumida pelo jornal como uma característica masculina, personificada na figura de Armando Marques, que para ser alcançada por uma mulher só era possível por meio de uma imitação.

Após ficar quase cinco meses sem noticiar a respeito das partidas de futebol feminino, em março de 1969 um jogo entre as equipes do Esperança e Independente ocupou a capa do jornal, que destacou as brigas e a má atuação do juiz. Segundo *O Fluminense*, Ambrozino estava tão mal que teve que ser substituído, porém, para o jornal, a troca não surtiu o efeito esperado:

Nem a substituição do juiz por Zalmir Gonçalves conseguiu dar tranquilidade a partida, que continuou sendo disputada com violência, com várias interrupções provocadas por brigas envolvendo as 22 jogadoras. Ao final do jogo novo sururu foi verificado, brigando jogadoras, dirigentes e torcedores.<sup>155</sup>

<sup>154</sup> *O Fluminense*, Niterói, 31 out. 1968, p. 7.

<sup>155</sup> *O Fluminense*, Niterói, 25 mar. 1969, p. 12.



Figura 5: *O Fluminense*, Niterói, 25 mar. 1969, p. 12.

Apesar da notícia enfatizar os tumultos relacionados ao jogo, a imagem escolhida pelo jornal para ilustrar o evento é da jogadora Verinha, chamada de “Pelé do futebol feminino” pelo periódico, em ação durante a partida. Ao fundo, verifica-se alguns torcedores, sendo a maioria homens, assistindo à partida de maneira aparentemente tranquila. Além disso, o jornal ainda destaca que a partida teve bons lances e grande empenho das jogadoras. Portanto, o fato de dar ênfase às questões negativas envolvendo o evento é uma escolha, que pode estar associada a um objetivo mercadológico, levando em consideração que brigas e tumultos chamariam mais a atenção dos leitores do que boas jogadas.

No mês seguinte, em uma matéria que trazia informações sobre o Conselho Regional de Desportos fluminense, o futebol feminino estava entre um dos assuntos discutidos pela entidade, constando o seguinte:

Em pauta o futebol feminino o conselheiro Moacir Meneses focalizou a determinação baixada pelo CND e o CRD vai oficiar a FFD pedindo as necessárias providências para coibir a prática do referido esporte. Se os praticantes não forem filiados a FFD o

CRD pedirá então intervenção da autoridade policial mediante ofício a ser encaminhado ao Secretário de Segurança.<sup>156</sup>

Se no ano anterior foi o Serviço de Censura e Diversões Públicas que tentou proibir o futebol feminino em Niterói e São Gonçalo, dessa vez era o CRD que agia no sentido de parar as jogadoras, através do contato com outras instituições. Segundo o jornal *O Fluminense*, elas não conseguiam entender os motivos da proibição e traziam argumentos favoráveis a presença feminina no futebol. A goleira do Independente, Ivani, em entrevista para o periódico, ponderou que não existia risco de se machucarem seriamente jogando entre elas, citando o seu próprio exemplo: “Eu, que jogo no gol, posso dizer que um chute de outra m<sup>o</sup>ça, não é tão violento a ponto de não poder agüentar, ou de poder causar maiores problemas”.<sup>157</sup> Ao dizer isto, Ivani parte do pressuposto que as mulheres possuem uma força limitada, em uma demonstração de violência simbólica, uma vez que ela reconhece e aceita essa condição de inferioridade construída socialmente. Apesar disso, por meio da noção de afastamentos e manipulações proposta por Chartier, podemos considerar que ela se aproveita e se apropria desse discurso, usando-o em seu próprio favor.<sup>158</sup>

Na reportagem, a goleira contou como iniciou no futebol e comentou a respeito de piadas envolvendo os jogos de futebol feminino, nos quais os homens lutam para serem massagistas, dizendo o seguinte: “Eu comecei em pelada de rua com os irmãos e os primos, tendo até um time lá da rua, que brigava com qualquer um que desafiasse”. “[...] tudo depende se o sujeito tem boa mão, isto é, se tem jeito para dar massagem”.<sup>159</sup> A entrada de mulheres no mundo do futebol possui uma influência muito relevante da família, embora seja a mesma instituição que não as incentiva a prosseguir no esporte boa parte das vezes.<sup>160</sup> Muitas meninas começaram a jogar bola como Ivani, se infiltrando no meio de primos e irmãos. A respeito das piadas feitas pelos homens que se candidatavam a ser massagistas, Ivani responde com sarcasmo, entendendo que a real intenção dos homens era se aproveitar da situação para passar a mão nos corpos das mulheres. Consciente disso, ela inverte a lógica da piada, apontando que

<sup>156</sup> *O Fluminense*, Niterói, 3 abr. 1969, p. 12.

<sup>157</sup> *O Fluminense*, Niterói, 17 maio 1969, p. 5.

<sup>158</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*. n. 4, Campinas, p. 37-47, 1995

<sup>159</sup> *Ibid.*

<sup>160</sup> ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

se o sujeito tivesse boa mão poderia servir de massagista, em uma situação na qual ela tiraria proveito dele.

Apesar da indignação da goleira Ivani com a proibição citada na reportagem do *O Fluminense*, as articulações do CRD com a FFD parecem ter surtido efeito, dificultando a prática do futebol por mulheres. Uma alternativa encontrada para continuarem jogando, pelo menos a curto prazo, foi a inserção desses jogos em eventos festivos, tais como a Festa da Laranja, em Itaboraí, abordada anteriormente. As equipes do Colubandê FC, Esperança e Independente, que protagonizaram diversos jogos e torneios naquela região, se apresentaram nessa festa. O jornal *O Fluminense* relatou ainda que integrantes das equipes de futebol feminino de Campos, no Norte do Estado do Rio, estavam estudando data para uma exibição na cidade, pela festa do Padroeiro, contra a seleção de São Gonçalo.<sup>161</sup> No entanto, o periódico não voltou a falar sobre o assunto.

No último dia do ano de 1969, *O Fluminense* divulgou a prestação de contas do CRD e nela constava o combate ao futebol de mulheres. De acordo com o jornal, a entidade relatou que: “vigiu a efetivação do futebol feminino em praças esportivas pertencentes a clubes filiados (os jogos efetuados em SG foram em campos abertos e da competência da autoridade policial)”.<sup>162</sup> Mesmo com algumas limitações, não podendo intervir em certos campos, o CRD teve um papel central no arrefecimento do futebol jogado por mulheres em Niterói e São Gonçalo. A partir do ano de 1970, *O Fluminense*, que cobriu boa parte das partidas entre times femininos de Niterói e São Gonçalo, não trouxe mais notícias sobre essas equipes, o que pode ser um indício que tenham deixado de realizar jogos, haja vista a cobertura feita nos anos anteriores.

#### 1.4 O discurso médico segue em campo

A proibição do futebol feminino, desde a década de 1940, era sustentada em grande medida pela medicina a partir do argumento que o esporte era violento e poderia danificar o órgão reprodutor feminino. Nesse sentido, o discurso médico nunca saiu de cena, mas, a partir dos anos 1970 ele aparece com uma maior recorrência nas tentativas de impedir o desenvolvimento da modalidade. Contudo, não existia um consenso entre os médicos que o

---

<sup>161</sup> *O Fluminense*, Niterói, 7 jun. 1969, p. 7.

<sup>162</sup> *O Fluminense*, Niterói, 31 dez. 1969, p. 6.

futebol era prejudicial às mulheres, nem a nível nacional, tão pouco global.<sup>163</sup> Tratava-se de um argumento baseado em impressões, sem nenhum estudo científico que desse sustentação a tal afirmação. Assim, a confiança nesse discurso estava ancorada a uma lógica de poder, tendo em vista a força que a medicina adquiriu na cultura ocidental a partir do século XIX.

Ao mesmo tempo em que se tentava reafirmar o discurso da medicina, alguns médicos começaram a pensar diferente a respeito do assunto. Após a CBD proibir um jogo no Brasil entre Alemanha e Iugoslávia, por exemplo, autoridades se manifestaram:

Segundo o médico Antônio Maia Ferreira, a proibição de mulheres praticarem certas modalidades de esportes “tem um fundo de precaução médica, mas algumas práticas como futebol poderiam ser permitidas, desde que adaptadas às condições orgânicas femininas”.<sup>164</sup>

Apesar de defender a prática do futebol por mulheres, o médico não desautoriza totalmente os seus pares que são favoráveis à proibição de algumas modalidades esportivas a elas, deixando claro que existe fundamento por trás dessas restrições. Além disso, faz questão de destacar que o futebol até poderia ser jogado por mulheres, mas deveria ser adaptado às “condições orgânicas femininas”, partindo de um pressuposto que elas seriam fisicamente diferentes e não conseguiriam jogar nos mesmos moldes e regras que os homens.

A mesma notícia traz também um parecer do presidente da FFD, Murilo Portugal, o mesmo que dois anos antes, em 1968, sequer tinha conhecimento da proibição do futebol feminino. Ele defendia um tempo de jogo menor para as partidas entre mulheres, assim como acontecia nas categorias infante-juvenil. “O mesmo poderia ser feito com a mulher, pois não se pode chegar ao ponto de achar que o organismo feminino seja ainda mais frágil que o de uma criança, e no entanto, o futebol dente-de-leite é permitido [...]”.<sup>165</sup> Seguindo o ponto de vista do médico Antônio Maia Ferreira, ele entende que a mulher era até mais frágil que o homem, mas não chegava a ser tanto quanto uma criança e, portanto, poderia jogar partidas com o tempo reduzido.

---

<sup>163</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 maio 1971, Caderno B, p. 1. Em uma matéria nesta página, o jornalista menciona que médicos estrangeiros defendiam que os esportes não tiravam a feminilidade da mulher, mas pelo contrário, fazia com que ela aumentasse. Além disso, cita um estudo feito com campeãs olímpicas que depois engravidaram, o qual constatou que elas tinham um parto mais rápido, com menos dor e um tempo menor de recuperação.

<sup>164</sup> *O Fluminense*, Niterói, 11 dez. 1970, p. 3.

<sup>165</sup> *Ibid.*

Quase um ano depois após essa notícia, a coluna “Câmara”, do jornalista Luiz Bayer, um dos mais destacados do *Jornal dos Sports*, noticiava a preocupação do Conselho Nacional de Desportos com a prática do futebol por mulheres:

Como tem reaparecido o chamado futebol feminino, o Presidente do Conselho Nacional de Desportos determinou ontem medidas para reprimir com energia as atividades proibidas há tempos. O Brigadeiro Jerônimo Bastos aprovou a circular que será enviada ainda hoje à Confederação Brasileira de Desportos, onde é exigido o fiel cumprimento da deliberação que proibiu esse esporte. A circular determina, inclusive, uma repressão enérgica, pois considera o futebol prejudicial para a mulher e para a própria ordem moral. Todas as federações serão notificadas, segundo informação de uma pessoa ligada ao Conselho Nacional de Desportos.<sup>166</sup>

Apesar das tentativas de restrições, os jogos permaneceram acontecendo em diferentes estados, o que parecia incomodar os dirigentes do CND.<sup>167</sup> O final da década de 1960 e o início da década de 1970, devido ao Ato Institucional Nº5, foi um dos períodos mais duros e repressivos da ditadura civil-militar e atingiu o âmbito esportivo. Muitas pessoas vinculadas às entidades esportivas e que geriam o esporte eram militares, como o Brigadeiro Jerônimo Bastos. Dessa forma, a manutenção da ordem e da disciplina era um requisito fundamental na organização esportiva. O discurso médico, embora não esteja explícito, está ligado ao suposto prejuízo do futebol para a mulher, o qual também afetaria a ordem moral, já que as mulheres estariam fora do lar e exibindo os seus corpos.

Alguns dias depois, a coluna “Passe Curto”, do *Jornal dos Sports*, informou que a CBD enviou circular para as federações filiadas, transmitindo os termos do ofício do CND, no qual a proibição do futebol feminino é reiterada. Além disso, a coluna frisou que, de acordo com a circular enviada pela CBD, os clubes que desrespeitassem a proibição estariam sujeitos a severas punições.<sup>168</sup> Pelo dito na coluna, a preocupação das autoridades parecia estar mais associada com a possibilidade de desenvolvimento do futebol feminino, que poderia ocorrer nos clubes, do que com a prática da modalidade em si, que poderia acontecer em qualquer lugar, sendo difícil a fiscalização.

<sup>166</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1971, p. 9.

<sup>167</sup> Nesse contexto, não foi possível notar um grande desenvolvimento da modalidade, em termos quantitativos de partidas noticiadas pela imprensa a nível nacional. Porém, elas não deixaram de existir. De acordo com Silva (2015), no interior do estado de São Paulo existiam equipes que treinavam com regularidade e os times do E.C Santa Isabel e E.C Ponte Preta, se enfrentaram em partida beneficente no ano de 1971. No Estado do Rio, colegiais de Teresópolis disputaram uma partida amistosa no final de 1970 e em novembro de 1971, universitárias jogaram no Aterro do Flamengo e colegiais de Barra Mansa e Volta Redonda se enfrentaram, tendo como consequência a intervenção da Liga de Desportos Barramanense no sentido de conter a prática esportiva.

<sup>168</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1971, p. 3.

Ainda no ano de 1971, o *Jornal dos Sports* cedeu espaço à opinião de um especialista para falar sobre o tema das mulheres no futebol. O médico do Vasco da Gama na época se posicionou de maneira contrária à presença feminina na modalidade, argumentando que o “futebol embrutece” e o jornal expôs:

O médico do Vasco, Arnaldo Santiago, manifestou-se contrário à prática do futebol feminino. E expôs sua contribuição ao afirmar que seria uma grande contribuição, para que as mulheres perdessem sua feminilidade - joia mais rara que elas possuem. Frisou que o futebol para mulheres seria uma forma de embrutecê-las e torná-las sobretudo virís.<sup>169</sup>

A ideia de feminilidade, assim como a ideia de masculinidade, na sociedade ocidental, está em grande medida vinculada aos atributos biológicos. Em outras palavras, seria como uma relação de causa e consequência, ou seja, indivíduos do sexo masculino devem demonstrar masculinidade, enquanto pessoas do sexo feminino devem demonstrar feminilidade. No entanto, as noções de gênero não são dadas pela natureza, mas são construídas culturalmente.<sup>170</sup> Esses preceitos estão estruturados de tal forma que são naturalizados pelas pessoas e se fortalecem ainda mais sendo reafirmados pelas autoridades da medicina.

De acordo com a ideia do médico do Vasco exposta pelo *Jornal dos Sports*, a feminilidade seria algo comum a todas as mulheres e o futebol faria com que qualquer uma que praticasse o esporte a perdesse. A análise feita está associada a uma visão de gênero binária, de maneira que a perda da feminilidade seria o ganho da masculinidade. Verifica-se nesse discurso, um medo da desconstrução das atitudes e dos comportamentos padronizados como femininos e uma tentativa de conservar e delimitar as possibilidades de atuação das mulheres nas esferas sociais, as quais se desenvolveram historicamente em termos sexistas.

O *Tribuna da Imprensa*, em setembro de 1973, em um espaço da página esportiva denominada “entidades”, trouxe a notícia de que a Federação Carioca de Futebol (FCF) publicou em seu boletim, uma circular enviada pela Confederação Brasileira de Desportos. O jornal reproduziu a circular na íntegra, que em linhas gerais pedia o alerta da Federação às burlas que vinham ocorrendo ao Decreto-Lei 3.199/41 e a Deliberação nº 7 do CND, tendo em vista a realização de jogos de futebol entre mulheres noticiada pela imprensa:

<sup>169</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1971, p. 10.

<sup>170</sup> SCOTT, Op. cit.

A proibição do futebol feminino no Brasil surgiu depois que os médicos, únicos competentes para dizem [sic] sim ou não a esse esporte, se pronunciaram contrário e o porquê. É evidente que esse alerta deve ter surgido também por parte ou com a participação do CND. Aplausos a CBD, CND e ao presidente da FCF, que imediatamente mandou publicar em seu boletim oficial, para o conhecimento de todos. Os que de uma forma ou outra estão burlando, não só as leis esportivas, mas também decisão médica, que se acautelem. Muita gente, sem qualquer qualificação para tal, diz comumente: não há mal nenhum, outros países praticam. Mas isso aí é com os outros países.<sup>171</sup>

A palavra dos médicos é colocada como inquestionável, mostrando a força e o poder que possui. Em certa medida, a autoridade médica é vista pela coluna como aparato fundamental da lei, quando é dito que as pessoas não estariam burlando só as leis, mas a decisão médica. Trata-se da articulação de diferentes instituições no sentido de tentar impedir as mulheres de jogar futebol. Em contrapartida, de acordo com a coluna “Entidades”, existiam pessoas naquele contexto que defendiam a prática do futebol feminino, utilizando-se do argumento de que as mulheres jogavam futebol em outros países. De fato, o futebol de mulheres estava em ascensão, principalmente no continente europeu. Países como Itália e França contavam com equipes, campeonatos e seleções. No próximo tópico deste capítulo, abordaremos mais detalhadamente o futebol feminino no contexto internacional. Contudo, o questionamento que se levanta a partir dessas questões é o seguinte: onde estavam os discursos dos médicos europeus que não condenaram o futebol feminino? Aparentemente, esse ponto não foi pensado por quem escreveu a notícia, ou talvez não se tenha querido levantá-lo, de forma intencional. Ainda assim, tais elementos autorizam a constatação de que o discurso médico-científico não é universal. Ele se adequa às realidades sociais, às culturas e aos interesses dos grupos dominantes.

O *Jornal dos Sports* mostrou que, alguns meses após a publicação da circular da CBD enviada à FCF, o delegado da Divisão de Censura e Diversões Públicas, Edgard Figueiredo Façanha, também oficiou a Federação Carioca de Futebol, solicitando: “instrua por favor aos filiados que não promovam competições de futebol feminino ou lutas corporais de qualquer tipo”.<sup>172</sup> A notícia ainda informou que o mesmo ofício foi mandado a todas as federações esportivas. A repressão acontecia em função da persistência das mulheres em continuar praticando o esporte. Em 1972, o caso da jogadora Claudina Vidal, que integrou o time do Sud América, do Uruguai, em partida na cidade de Uruguaiana no Rio Grande do Sul, repercutiu na

<sup>171</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 4 set. 1973, p. 12.

<sup>172</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1973, p. 2.

imprensa.<sup>173</sup> Já no ano de 1973, algumas partidas foram noticiadas nas páginas dos jornais pesquisados, como um amistoso entre a seleção de Itaocara e a seleção friburguense, por exemplo. Segundo *O Fluminense*, “a seleção feminina de futebol de Itaocara, goleou o selecionado friburguense pelo marcador de 5x1, mantendo a invencibilidade de 23 jogos”,<sup>174</sup> indicando regularidade de atuação da equipe.

Como mencionado em linhas acima, um dos argumentos usados pelos defensores da prática do futebol pelas mulheres, era o seu acontecimento em outros países. Como veremos no próximo tópico, alguns países apresentavam um desenvolvimento notório em relação a prática da modalidade.

### 1.5 O futebol de mulheres no contexto global

Se no Brasil as autoridades esportivas tentavam proibir o futebol de mulheres, em outros países a realidade era outra, principalmente a partir dos anos 1960. Em alguns deles, o futebol praticado por mulheres não apenas cresceu, mas institucionalizou-se. Em 1968, por exemplo, 9 equipes fundaram a Federação Italiana de Futebol Feminino, e a Associação de Futebol Asiática de Futebol de Mulheres tentou filiar-se à FIFA. Já em 1969 foi fundada a Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino, com o apoio da empresa de bebidas Martini e Rossi,<sup>175</sup> e de acordo com o *Jornal dos Sports*, a Federação Francesa de Futebol reconheceu os 50 times de futebol feminino existentes no país.<sup>176</sup> Na Tchecoslováquia, a modalidade contava com cerca de 90 equipes em 1967, as quais disputavam campeonatos entre si por todo país.<sup>177</sup>

Em julho de 1970, foi disputado na Itália o primeiro Campeonato Mundial de Futebol Feminino, organizado pela Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino, sendo noticiado por todos os jornais aqui pesquisados. A seleção vencedora da competição foi a Dinamarca, que disputou a final contra a Itália e venceu por 2 a 0.<sup>178</sup> Entre os jornais que noticiaram sobre o campeonato, o *Tribuna da Imprensa* informou sobre o formato da competição e as seleções que iriam participar. De acordo com o periódico, o evento contaria com 8 seleções divididas em 2 grupos. O grupo A foi formado por México, Itália, Suíça, Áustria,

<sup>173</sup> Na edição do dia 10 de janeiro de 1972, o *Jornal dos Sports* reservou uma página inteira para que personalidades comentassem sobre uma mulher jogando entre homens.

<sup>174</sup> *O Fluminense*, Niterói, 11 jul. 1973, p. 14.

<sup>175</sup> WILLIANS, Op. cit.

<sup>176</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1969, p. 5.

<sup>177</sup> SILVA, Op. cit., p. 38.

<sup>178</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1970, p. 27.

enquanto o grupo B ficou com Inglaterra, França, Tchecoslováquia e Dinamarca. As equipes do mesmo grupo se enfrentariam e a final seria decidida pelo primeiro de cada grupo.<sup>179</sup> A única seleção não europeia foi o México, que de acordo com o jornal era o atual campeão do Continente.

Alguns meses antes, no dia 1 de março de 1970, uma situação inusitada foi noticiada pelo *Jornal dos Sports* e tratada com um certo tom de ironia. Com o título da notícia chamada de “Uma Copa Furada”, o periódico relatou que seria disputado o Campeonato Mundial de Futebol Feminino na Itália, organizado pela Federação Internacional Europeia de Futebol Feminino em julho e que a competição contaria com 8 seleções. No entanto, o jornalista ficou indignado pelo fato do Brasil ser anunciado entre os participantes e escreveu:

Mas quando o senhor Vinicio Lucci, presidente da FIEFF, deu a conhecer os oito países inscritos, a notícia virou brincadeira. É que os oito países seriam Itália, campeã europeia, Dinamarca, vice-campeã, Tchecoslováquia, campeã dos países do Leste europeu, Brasil, campeão sul-americano (?), Argentina, França, Inglaterra e União Soviética. E todo mundo sabe que o futebol feminino é proibido no Brasil por decisão do CND. O pior é que a FIEFF ainda nos apresenta como campeão sul-americano.<sup>180</sup>

Evidentemente, o Brasil não era campeão sul-americano de futebol feminino, pois, como bem relatou o jornalista, o futebol era proibido para as mulheres no Brasil e apesar de mesmo assim muitas garotas jogarem bola, não existia uma seleção nacional. Contudo, o que pode ser questionado é o porquê de o Brasil ter sido anunciado como participante e ainda como campeão sul-americano. Pode-se dizer que o Brasil possuía um reconhecimento mundial no que diz respeito à prática do futebol masculino. Finalista na Copa de 1950 e campeão em 1958 e 1962, os brasileiros conquistaram respeito e admiração dos torcedores de outros países pelo estilo de jogo e pela individualidade de personagens como Pelé, Garrincha, Didi e Nilton Santos, entre outros. Em virtude dessa tradição do Brasil no mundo do futebol, os organizadores do campeonato podem ter imaginado que no futebol feminino o país também era bem representado. Já a apresentação do Brasil como campeão sul-americano é bem provável que tenha sido uma jogada comercial a fim de atrair o público para ver as brasileiras em ação. Além disso, um outro elemento que pode ter pesado para a inclusão do Brasil nessa lista é a boa relação diplomática que o país mantinha com as outras nações, que aliado à tradição futebolística seria uma excelente atração.

<sup>179</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1970, p. 11.

<sup>180</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 mar. 1970, p. 5.

Poucos dias depois, no dia 12 de março, o *Jornal do Brasil* publicou uma notícia semelhante, trazendo informações sobre o primeiro mundial de futebol feminino. O jornal relata que os irmãos Rambaudi, fabricantes de móveis e fundadores da equipe de futebol de mulheres do Real Torino, organizaram no ano anterior a Copa Europeia de Futebol Feminino, a qual teve mais ou menos 15 mil espectadores na final disputada entre Itália e Dinamarca. Em relação ao campeonato mundial, a notícia diz que os participantes seriam, além das finalistas da Copa Europeia, a França, a Inglaterra, a Tchecoslováquia, o Brasil, a Argentina e a URSS. Ou seja, a lista era a mesma informada pelo *Jornal dos Sports*. Uma funcionária da FIEFF ainda disse para o jornal que “Todas as equipes convidadas aceitaram e não se afasta a possibilidade de que outras seleções nacionais apresentem seu pedido antes de julho”.<sup>181</sup>

Finalmente, Brasil, Argentina e URSS não participaram do campeonato. No caso do Brasil, a ausência se deve, principalmente, à proibição, que inviabilizou a formação de uma seleção. Já em relação aos outros países, são necessárias pesquisas mais profundas para conhecer a realidade do futebol de mulheres naquele contexto, para que se possa ter uma noção mais clara dessas ausências. Ainda assim, cabe o questionamento: essas seleções realmente aceitaram o convite? Dificilmente teremos a resposta. Sendo ela positiva ou negativa, o fato que nos interessa é o porquê dessas seleções terem sido incluídas na lista dos participantes. Uma Copa do Mundo, em tese, é a reunião das melhores seleções do mundo, em qualquer modalidade. Levando em consideração que não existia uma eliminatória de classificação para a competição e nenhum critério estabelecido, foi conveniente convidar países que tinham uma relevância na modalidade na categoria masculina, mesmo sem saber se eles contavam com uma seleção feminina. A notícia ainda diz o seguinte a respeito de Brasil e Argentina: “Espera-se que as duas equipes sul-americanas convidadas - Brasil e Argentina - despertem particular interesse entre os torcedores já que farão sua primeira apresentação na Europa”.<sup>182</sup> Percebe-se, portanto, que os organizadores apostavam especificamente nesses países, por serem grandes forças do futebol sul-americano, além de ser uma novidade, o que consequentemente aumentaria a curiosidade e o interesse dos torcedores italianos.

No ano seguinte, outra edição do torneio foi realizada, sendo o México o país que recebeu os jogos. Palco da Copa do Mundo de futebol masculino em 1970, os mexicanos investiram na modalidade feminina e o campeonato foi um sucesso se for levado em conta o

---

<sup>181</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1970, p. 28.

<sup>182</sup> *Ibid.*, p. 28.

público nos estádios.<sup>183</sup> Essa edição contou com o próprio México, Argentina, Dinamarca, França, Inglaterra e Itália e assim como no mundial do ano anterior, a Dinamarca sagrou-se campeã. Mesmo sem participar do campeonato, o Brasil mais uma vez esteve envolvido. De acordo com o *Jornal do Brasil*:

Em agosto próximo, vai realizar-se, no México, o I Campeonato Mundial de Futebol Feminino, e o Brasil, por uma deferência especial do presidente do Comitê Organizador do Campeonato, Sr. Jaime de Haro, e por exigência do povo mexicano, será convidado especial e automaticamente finalista, sem precisar de disputar as eliminatórias.<sup>184</sup>

A notícia comete um erro ao citar o campeonato como o I Campeonato Mundial de Futebol Feminino, uma vez que essa seria a segunda edição do torneio. De qualquer forma, a possibilidade de o Brasil disputar o campeonato e ainda como finalista direto é um fato muito relevante. Um ano antes, a seleção brasileira de futebol masculina conquistou o tricampeonato em território mexicano contra a Itália, vencendo por 4 a 1. Aquele time do Brasil é considerado até hoje por muitos jornalistas e torcedores como um dos melhores de todos os tempos. Com Pelé, Jairzinho, Gerson, Rivelino, Carlos Alberto Torres e entre outros craques, a seleção brasileira encantou o mundo e o povo mexicano com um futebol brilhante. É compreensível, então, o carinho dos mexicanos com os brasileiros e o desejo de ver a seleção brasileira feminina diretamente na final, pois de acordo com a lógica dos torcedores apaixonados, se a seleção masculina era talentosa, a feminina também deveria ser.

A realidade, porém, era outra. O Brasil sequer possuía uma seleção de mulheres. Apesar disso, segundo o *Jornal do Brasil*, existiam pessoas interessadas em promover o futebol feminino e organizar uma equipe. De acordo com o periódico, o radialista Valter Luis, responsável pela possível seleção, defendia a prática do futebol de mulheres, por entender que em um país tropical como o Brasil, o desgaste físico de ficar na praia sem proteção, ou do carnaval, seria maior do que jogando futebol. O jornal ainda destacou que desde 1958 ele trabalhava com equipes de futebol feminino promovendo jogos beneficentes e revelou que no mundial não seria diferente: “Para não fugir à regra, todas as vantagens financeiras da participação da seleção feminina no México reverterão para uma instituição de caridade, a Liga

---

<sup>183</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1971, p. 39. Na semifinal entre México e Itália, mais de 90 mil pessoas viram a vitória mexicana por 2 a 1 no Estádio Asteca. Já na final, o mesmo estádio recebeu mais de 100 mil pessoas. COSTA, Leda. **Década de 1970**: o impulso globalizante e desobediente do futebol feminino. Ludopédio, São Paulo, 2016.

<sup>184</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 e 24 maio 1971, p. 88.

Brasileira de Assistência.<sup>185</sup> A ideia do radialista em reverter os ganhos financeiros da possível seleção no campeonato mundial pode ser vista como uma estratégia para conseguir apoio de empresários ou das próprias instituições esportivas que poderiam se interessar em ter o nome vinculado a um ato de caridade. Mesmo assim, o radialista não conseguiu montar a seleção, pois os comandantes do esporte no país eram irredutíveis sobre a proibição do futebol feminino.

Em junho de 1971, o *Jornal dos Sports* também publicou uma notícia a respeito do mundial informando que os cartazes de propaganda já estavam sendo distribuídos. Além disso, escreveram que:

Os mexicanos lamentam que o Brasil - considerado como o País de melhor futebol do mundo - não estará presente, mas esperam que o Mundial de Futebol Feminino seja um sucesso sob o ponto de vista técnico, porque o êxito em termos de turismo já está quase garantido, já que muita gente querará ver de perto se as garotas curvilíneas batem bem na bola como os marmanjos.<sup>186</sup>

Já confirmado que o Brasil não iria participar da competição, a lamentação dos mexicanos sobre a ausência das brasileiras, da forma que é descrita pelo jornal, reforça o argumento de que o interesse na presença da seleção brasileira feminina estava relacionado ao fato da seleção masculina ser considerada a melhor do mundo naquele momento. Um outro elemento interessante nesse trecho é a dúvida sobre a capacidade técnica das jogadoras. Essa questão é colocada pois o futebol era visto em todo mundo como um esporte inerente aos homens, como se fizesse parte da natureza masculina saber jogar futebol. Seguindo essa linha, “ver se as garotas batem bem na bola como os marmanjos” significa que o padrão de qualidade no jogo é masculino e ele deve ser o parâmetro de comparação.

O Mundial de Futebol Feminino, disputado no México em 1971, contou com a presença da ex-árbitra brasileira Léa Campos, a qual apitou uma partida do torneio. Para chegar até lá, porém, ela teve que superar uma série de barreiras e obstáculos. Em 2015, no projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino”, promovido pelo Museu do Futebol em parceria com o Centro de Memória do Esporte e o Guerreiras Project, Léa foi entrevistada pela pesquisadora Silvana Goellner e contou sobre a sua trajetória como árbitra.<sup>187</sup>

---

<sup>185</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 e 24 maio 1971, p. 88.

<sup>186</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1971, p. 2

<sup>187</sup> MEDINA, Asaléa de Campos Fornero. Entrevista concedida a Silvana Vilodre Goellner. **Projeto Garimpando Memórias**, São Paulo, 19 mai. 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180542>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Na entrevista, ela mencionou que fez o curso de arbitragem em 1967, recebendo apoio do professor João Félix Jr, que era capitão da polícia e dos colegas de turma. Contudo, no momento que foi receber o diploma seu nome não constava na lista, pois a CBD não permitiu. Segundo relatado na entrevista, o presidente da entidade naquele contexto, João Havelange, não queria aceitá-la como árbitra de forma alguma, pois dizia que a constituição o proibia. Léa conta que mostrou a ele que não existia nada na constituição que a proibia de ser árbitra, mas, mesmo assim, ele não aceitou e buscou outros empecilhos, como por exemplo dizer que a constituição óssea da mulher é inferior à do homem ou questionar o que seria feito quando ela tivesse “naqueles dias”. A árbitra menciona que sempre conseguia contra-argumentar, mas Havelange não queria uma mulher envolvida com o futebol e segundo ela, disse que “enquanto eu for presidente da CBD, da Confederação Brasileira de Desportos, nenhuma mulher apita e nem joga futebol porque eu não quero”.<sup>188</sup> Diante disso, Léa relata que pensou que acima dele tinha que ter alguém e ela foi atrás desse alguém: o presidente e ditador Emílio Garrastazu Médici. Segundo Léa, em uma viagem do presidente a Belo Horizonte, onde ela vivia, conseguiu 5 minutos para falar com ele, graças ao seu título de Rainha do Exército, e solicitou uma carta para o presidente da CBD, a fim de ir apitar no México. Prosseguindo no seu relato, ela conta que Médici a convidou para ir almoçar na Granja do Torto, em Brasília, onde escreveu uma carta para João Havelange conceder o diploma de árbitro a que ela fazia jus. De Brasília, Léa afirma que foi para o Rio de Janeiro atrás de Havelange, no avião da Força Aérea Brasileira e ao chegar na sede da CBD conseguiu que a carta chegasse até ele por meio de um amigo jornalista de Minas Gerais. A árbitra conta que a sede da CBD estava cheia de jornalistas do mundo inteiro, em função da despedida do Pelé e, por esse motivo, o seu amigo jornalista, Canô Simões Coelho, a havia informado sobre a dificuldade de estabelecer contato com o presidente da CBD. Contudo, Léa menciona que quando comentou com seu amigo que possuía uma carta do Médici, ele imediatamente pediu a carta para levá-la até o Havelange. De acordo com ela, após ter acesso a carta, Havelange mandou Canô Simões reunir a imprensa para anunciar: “É com muito orgulho que eu levo a conhecimento de toda imprensa mundial que é na minha gestão que sai para o mundo futebolístico a primeira mulher árbitra de futebol, na minha gestão”.<sup>189</sup>

Léa Campos atuou no mundial de futebol feminino de 1971 apitando o jogo entre Itália e México e ao voltar ao Brasil apitou partidas em vários estados. De acordo com a exposição

---

<sup>188</sup> Ibid., p. 9.

<sup>189</sup> Ibid., p. 13.

do Museu do Futebol no *Google Arts & Culture*,<sup>190</sup> ela enviava cartas às federações estaduais oferecendo seu cachê e dessa forma rodou por estados como Bahia, Sergipe, Piauí e Rio Grande do Sul.

Diante do fortalecimento de instituições que promoviam o futebol de mulheres em diversas partes do mundo, a FIFA decidiu mudar a sua postura no que tange a modalidade. Se poucos anos antes a entidade pedia para os seus membros adotarem prudente reserva com a prática, a partir de 1970 ela passou a reconhecer que o futebol de mulheres era uma realidade. Antes do segundo Mundial de Futebol Feminino, no México, o *Jornal do Brasil* publicou em maio de 1971 uma matéria de página inteira sobre os progressos femininos no esporte. A página contém imagens de mulheres praticando as mais variadas modalidades e foi intitulada da seguinte maneira: “Sexo “frágil”, com direito de ser forte”. Ao mencionar o futebol, o texto diz que:

**A própria FIFA chegou a conclusão, em outubro último, de que o futebol feminino é uma realidade universal, concentrando-se principalmente na Europa e na Ásia.** Em 12 países filiados o futebol feminino é reconhecido oficialmente, embora nenhuma das associações lhe dê apoio oficial. Na Guatemala, as mulheres podem ser juízes de campo ou de linha. No Paraguai, em compensação, quem falar em futebol feminino arrisca-se a ver uma cara feia e a ouvir a afirmação de que “dar pontapés na bola é contra a natureza feminina” (grifo nosso).<sup>191</sup>

Em novembro, após a realização do mundial, uma outra notícia foi publicada informando que a “FIFA estimula o futebol feminino recomendando formação de equipes”:

A decisão da FIFA de reconhecer o futebol feminino veio ao fim de uma pesquisa entre os seus 135 filiados em todo o mundo. A maioria respondeu favoravelmente, mas houve oposição cerrada de alguns países.  
[...] Porta-vozes da FIFA disseram ontem que as associações nacionais devem encarar o assunto seriamente a fim de evitar que empresários inescrupulosos transformem o futebol feminino não em um esporte mas em um espetáculo circense.<sup>192</sup>

Essa notícia provavelmente tinha relação com a carta circular 142, que foi enviada pela entidade aos seus membros para indicarem a existência do jogo e os instruindo a assumirem o

---

<sup>190</sup> Lea Campos, a primeira árbitra. Museu do Futebol, São Paulo, exposição on-line. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/exhibit/lea-campos-a-primeira-%C3%A1rbitra/sAIyB6lADPSFKw?hl=pt-BR>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

<sup>191</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 maio 1971, p. 55.

<sup>192</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1971, p. 48.

controle das formas que fosse encontrado.<sup>193</sup> Segundo o *Jornal do Brasil*, os países que se colocaram contra foram o Paraguai e um país asiático que a FIFA não quis divulgar o nome. Doze países informaram que já reconheciam o futebol praticado por mulheres, tais como a Alemanha Ocidental, Grécia, França, África do Sul, Argélia e Cingapura. Já outros países, entre eles o Brasil, responderam que não dão aprovação oficial ao esporte, mas que já existem equipes organizadas em seu território.<sup>194</sup> Na prática, em contrapartida, nesse mesmo contexto, as instituições esportivas do Brasil tentavam impedir as mulheres de jogar futebol, como foi apontado em linhas acima. A explicação para a resposta diplomática do Brasil, que certamente foi dada pela CBD, entidade representante do país no futebol naquela época, pode ter relação com o presidente da instituição, João Havelange, que naquela altura já tinha pretensões para assumir a presidência da FIFA.<sup>195</sup> Então, diferentemente do Paraguai, que também proibia a modalidade, o Brasil assumiu uma postura neutra, apenas dizendo que não reconhecia oficialmente, mas que existiam equipes organizadas no país.

Sebastian Conrad afirma que as estruturas globais são parte de projetos globalizantes e os atores envolvidos defendem seus interesses.<sup>196</sup> Dito de outra forma, o historiador chama atenção para o fato de que o processo de globalização não acontece de forma natural. Existem atores sociais e instituições que atuam para a integração global. A FIFA é um exemplo claro disso, uma vez que se estabelece como a entidade máxima do futebol no mundo, sendo reconhecida dessa maneira, buscando controlar e regular todas as práticas relacionadas à modalidade. Nesse sentido, utiliza-se o argumento que empresários poderiam transformar o futebol feminino em um espetáculo circense, mas o que ocorria na realidade eram campeonatos sendo disputados esportivamente e dando lucro em função do bom público que atraía.

Existia, portanto, um movimento globalizante de mulheres jogando futebol de maneira organizada. Todavia, alguns países iam na contramão desse caminho, dificultando a prática do esporte, como são os casos do Brasil, do Paraguai e da URSS, já mencionados acima. Em relação à proibição da modalidade na URSS, o *Jornal do Brasil* foi o que mais repercutiu a informação, colocando a notícia na capa de uma edição.<sup>197</sup> Como não foi apenas o futebol feminino proibido, o título da matéria no canto direito da capa era: “URSS proíbe de chiclete a ioga e karatê.” Já no texto logo abaixo consta que:

---

<sup>193</sup> WILLIANS, Op. cit.

<sup>194</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1968, p. 19.

<sup>195</sup> ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras**: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). Tese (Doutorado em História Social) - São Paulo: Departamento de História-FFLCH-Universidade de São Paulo, 2019.

<sup>196</sup> CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?**. Princeton: University Press, 2016.

<sup>197</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1973, p. 1.

A União Soviética proibiu a prática do futebol feminino por ser “prejudicial ao organismo da mulher e despertar paixões ardentes e malsãs.” A decisão tomada pelo Comitê Soviético para Esportes Físicos e Cultura, atinge também o bridge, karatê, ioga, pólo, chicletes e a leitura da revista norte-americana Playboy.<sup>198</sup>

Tendo em vista o contexto global da Guerra Fria, esse conjunto de proibições podem ser analisadas como uma maneira de moldar os cidadãos soviéticos, afastando-os de esportes e práticas culturais que não seriam benéficas e do modelo de consumo e de práticas associadas ao capitalismo. Na terceira página da mesma edição são explorados mais detalhes a respeito dessas proibições e são elencados os motivos para cada uma delas. O karatê, por exemplo, era contrário ao sistema soviético de preparação física, já a ioga não preencheria as necessidades dos homens empregados em trabalhos ativos por ser uma filosofia cheia de misticismo. As proibições, portanto, estão alinhadas ao ideal soviético de indivíduo e de sociedade, de modo a repudiar tudo aquilo que não fosse contribuir para o corpo social.

No que tange o futebol feminino, a matéria citou o crescimento desse esporte em Monte Carlos e na Ucrânia e, para além da questão do prejuízo ao organismo feminino, também é levado em conta a possível perda de feminilidade. Nessa lógica, a notícia diz que: “Ao condenar a prática do futebol feminino, o Comitê de Esportes Físicos e Cultura, arvorou-se em intrépido defensor da feminilidade das mulheres soviéticas, que não podem cultivar músculos, nem “paixões ardentes e malsãs””.<sup>199</sup> Na mesma linha, o responsável pela matéria supôs que a proibição deveria ter relação com episódios envolvendo atletas soviéticas em competições olímpicas internacionais, que foram acusadas de “perda da feminilidade”, em função da excessiva forma física e virilidade. Mesmo com todas as diferenças entre os comunistas e os capitalistas, o ideal binário de gênero é um ponto em comum, sendo evidente por meio dessa necessidade de as mulheres manifestarem feminilidade. De todo modo, o crescimento do esporte em certas regiões da URSS se insere na tendência global de expansão da modalidade naquele período.

Alguns meses depois, o jornalista Armando Nogueira comentou sobre a proibição na URSS. Responsável pela coluna “Na Grande Área”, ele era um opositor declarado do futebol de mulheres, se manifestando assim:

---

<sup>198</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1973, p. 1.

<sup>199</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jan. 1973, p. 2.

Agora, no Boletim oficial da FIFA, mais uma versão russa contra o futebol de mulheres. “A prática do futebol entre mulheres favorece o aparecimento de varizes”. Além disso - acrescenta a doutora Nathalie Gravskaya, chefe do serviço médico do Instituto de Pesquisas de Cultura Física da URSS - o duelo pela bola ocasiona lesões aos órgãos genitais.<sup>200</sup>

Novamente, o discurso médico foi invocado para pautar a argumentação de que o futebol feminino seria prejudicial ao corpo feminino, mostrando a força que ele possui nas mais variadas e distintas sociedades. É válido notar que, apesar do tom de imparcialidade colocado por Armando Nogueira, a maneira que ele transmite a notícia é estratégica e tem o intuito de dar substância para o ponto de vista pessoal que ele tinha, contrário ao futebol feminino. No fim ele escreveu assim: “A doutora Gravskaya recomenda 48 modalidades esportivas às mulheres, entre as quais atletismo, esgrima, ciclismo e tiro. Futebol, não”.<sup>201</sup> O pensamento dele convergia com o da doutora. As mulheres poderiam praticar alguns esportes, mas que estivessem de acordo com o ideal de feminilidade e delicadeza.

Apesar da ampla cobertura na imprensa sobre o futebol feminino no contexto internacional, principalmente em relação ao ocidente europeu, grande parte das opiniões e posicionamentos dos jornalistas brasileiros estavam carregadas de preconceitos. É o caso dos comentários do jornalista do *Jornal do Brasil*, José Inácio Werneck, que ao relembrar a história do futebol de mulheres disse que, quando surgiu, no final da década de 1910, no sopro do liberalismo pós-guerra, as jogadoras tinham “graça”, mas faltava técnica, o que teria contribuído para que o entusiasmo passasse rapidamente. Contudo, a situação da época que ele escrevia era o oposto. Segundo o jornalista:

Agora as mulheres parecem ter perdido em graça e ganho em técnica. Algumas das fotos das equipes que atuam hoje na Europa são de fazer estremecer de horror. Mesmo assim os médicos esportivos estão otimistas. Eles acham que se fará um círculo completo e que voltaremos a época das futebolistas graciosas, com uma vantagem: moças bonitas, saudáveis e sabendo jogar uma bola redonda.<sup>202</sup>

Diferente do futebol praticado por homens, no qual apenas a técnica e a qualidade dos jogadores são discutidas, no futebol feminino, além de possuírem técnica, elas deveriam ter

---

<sup>200</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1973, p. 41.

<sup>201</sup> *Ibid.*

<sup>202</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1972, p. 46.

beleza e graça, para agradar aos homens heterossexuais que seriam os seus espectadores. Nessa lógica, o futebol feminino deveria ser adequado ao universo tradicionalmente masculino e heterossexual do futebol, através da erotização e sexualização das jogadoras.<sup>203</sup>

Apesar desses discursos machistas e estereotipados na imprensa sobre a prática do futebol por mulheres, o fato é que as notícias sobre a evolução da modalidade a nível internacional, principalmente com os primeiros campeonatos mundiais, influenciaram muitas brasileiras a se envolverem com o esporte, pois começaram a ver nele uma possibilidade de lazer.

A partir da segunda metade da década de 1970 e, principalmente no início da década de 1980, verificou-se um aumento significativo de mulheres jogando futebol no Brasil. Não por acaso, foi nesse período que a modalidade foi legalizada em 1979, deixando de ser proibida e regulamentada em 1983.

---

<sup>203</sup> SILVA, Op. cit.

## Capítulo 2: Avança o futebol das mulheres

A trajetória do futebol feminino no Brasil é marcada por uma característica que as pesquisadoras Ludmila Mourão e Márcia Morel, definiram como “efeito sanfona”.<sup>204</sup> Nessa perspectiva, quando o contexto parece representar uma condição de estabilidade, permanência e manutenção na mídia e nos campos, observa-se de forma dinâmica uma retração dessa prática. Como foi dito anteriormente, a partir da segunda metade da década de 1970, é possível observar um movimento de aumento na prática da modalidade e na aparição de notícias na imprensa, que se expande ainda mais na década de 1980. Esse “efeito sanfona” deve ser observado com cuidado, levando em consideração as questões sociais, culturais, políticas e econômicas de cada contexto.

Sendo assim, é importante destacar que 1975 foi definido como o Ano Internacional da Mulher pela ONU e teve como resultado a constituição do Centro da Mulher Brasileira.<sup>205</sup> De acordo com a ONU Mulheres, a I Conferência Mundial da Mulher sob o lema “Igualdade, desenvolvimento e paz, teve como tema central a discriminação da mulher e o seu avanço social. Nesse evento, também foi feito um plano a ser norteador das diretrizes de governos e da comunidade internacional no decênio 1976-1985, com destaque para a igualdade plena de gênero e eliminação da discriminação por razões de gênero. Além disso, os movimentos feministas que emergiram nos anos 1960 até os anos 1980, reivindicaram políticas que o corpo ocupava um lugar central, como por exemplo os direitos de reprodução, aborto, prazer, contracepção e críticas contra a violência sexual.<sup>206</sup>

No que diz respeito ao aspecto político e social, vale lembrar que:

Os processos de modernização, urbanização e entrada do país na sociedade de consumo, as transformações culturais, econômicas e demográficas alteraram profundamente as relações sociais no país. Sob este aspecto, uma das mudanças fundamentais que teve lugar neste momento é aquela, lenta e gradual, que diz respeito ao papel da mulher na sociedade. É certo que o processo de modernização engendrado pela ditadura foi de tipo conservador. Ainda assim, é difícil supor que uma sociedade

<sup>204</sup> MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas do futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Rev. Brasi. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

<sup>205</sup> PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 52, p. 249-272, 2006. O Centro da Mulher Brasileira foi um órgão institucionalizado que tinha como objetivo promover articulações no sentido de lutar pelos direitos das mulheres.

<sup>206</sup> SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 13, n. 24, p. 191-207, 2008.

que se urbanizou e se transformou da maneira como ocorreu no Brasil durante os anos 1970, mantivesse intactos os papéis e as representações tradicionais sobre a mulher.<sup>207</sup>

Assim, a visão social sobre a mulher já não era mais aquela de 1965, quando o CND instituiu a Deliberação nº 7, reforçando a proibição da modalidade. A concepção da mulher como mãe, esposa e dona de casa já não era mais compatível com o padrão médio da mulher brasileira dos anos 1970.<sup>208</sup> É importante lembrar que essas noções nunca fizeram sentido para as mulheres das classes sociais inferiores, já que desde muito tempo estiveram presentes no universo público, realizando os mais variados tipos de trabalhos. Em relação ao contexto político, Daniel Aarão Reis afirma que a ditadura civil-militar passava por um processo de enfraquecimento, por conta da concentração de poderes nas mãos do presidente, pela autonomia da polícia política e pelas denúncias que apareceram em vários lugares do mundo a respeito das torturas implementadas pelo regime aos opositores. Frente a isso, Ernesto Geisel foi indicado por Médici e junto com seu principal assessor, Golbery do Couto e Silva, formularam um projeto de restauração democrática pelo alto.<sup>209</sup>

Somado a isso, o próprio contexto de expansão do futebol de mulheres a nível internacional também exerceu influência para a retomada dos campos pelas brasileiras. Na verdade, elas não deixaram de estar presentes nesses espaços. Porém, o fato é que na segunda metade da década de 1970 identificou-se um aumento e uma regularidade na prática em diferentes lugares. Levando em consideração o alcance das notícias pelos jornais naquele contexto, é possível que muitas mulheres no Brasil tenham começado a praticar o esporte por saber que ele estava fazendo sucesso em outros países.

O fato dos movimentos feministas a partir da década de 1960 terem como foco principal os direitos do corpo também é um elemento que merece ser explorado. Tendo em vista que o argumento que sustentava a proibição do futebol feminino baseava-se na proteção do órgão reprodutor, é possível dizer que os ideais feministas iam na contramão dessa lógica, levando em consideração que, segundo a perspectiva feminista, o corpo da mulher deveria ser livre e não ficar a cargo dos interesses masculinos. Portanto, por mais que não se possa constatar que as jogadoras daquele contexto eram feministas, é plausível afirmar que as ideias do movimento

---

<sup>207</sup> CORDEIRO, Op. cit., p. 66.

<sup>208</sup> Ibid.

<sup>209</sup> REIS, Daniel Aarão. A vida política. In: REIS, Daniel Aarão (Coordenação). **Modernização, ditadura e sociedade (1964-2010)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 75-125.

que circulavam na sociedade influenciaram na prática do futebol e de outros esportes considerados impróprios às mulheres.

## **2.1 Deixa de ser proibido o futebol de mulheres**

Os meios de comunicação não apontam a existência de um movimento que tivesse como pauta a legalização do futebol feminino. Ainda assim, não é plausível dizer que ela foi uma concessão dos dirigentes do CND. Por meio das fontes disponíveis, a legalização pode ser entendida como parte de um processo de ocupação pelas mulheres de diferentes modalidades esportivas que até então eram proibidas, associado a uma mudança de mentalidade social a respeito das possibilidades de atuação delas em espaços que antes eram exclusivamente masculinos.

A antropóloga Carmen Rial menciona a Lei de Anistia de 1979, a qual promoveu à volta de feministas que lutaram contra a ditadura e promoveram discussões relacionadas ao corpo, direitos sexuais e reprodutivos e, além disso, associa o fim da proibição da modalidade no mesmo ano, às feministas ligadas ao âmbito da educação física.<sup>210</sup> Contudo, a relação direta entre o fim da proibição do futebol feminino e as feministas é problemática, tendo em vista que os documentos e os trabalhos realizados até o momento não mostram indícios que esta era uma pauta do movimento. Ainda assim, é certo que, a legalização do futebol de mulheres no Brasil foi influenciada pelas ideias feministas associadas ao corpo e aos questionamentos das desigualdades de gênero nos espaços sociais, pois criou um ambiente propício para que cada vez mais mulheres praticassem esse e outros esportes que eram proibidos.

Na busca de compreender a legalização, Caroline Almeida levanta diversos fatores que podem ter influenciado na decisão do CND, como por exemplo os movimentos que questionavam a condição feminina e estudavam a opressão das mulheres nas sociedades patriarcais, a instituição dos anos 1970 como década da mulher pela ONU, o surgimento de mulheres atletas que se tornaram ícones do esporte, tais como as ginastas Olga Korbut e Nádya Comaneci e a prática de outras modalidades proibidas por mulheres além do futebol.<sup>211</sup> É certo que todos esses aspectos foram relevantes para a legalização dos esportes que até então eram proibidos para as mulheres. No entanto, segundo Giovana Capucim Silva, tudo indica que o fator determinante para que ela ocorresse tenha sido a participação de atletas brasileiras no Sul-

---

<sup>210</sup> RIAL, Op. cit., p. 122.

<sup>211</sup> ALMEIDA, Op. cit.

Americano de 1979. O diretor da Confederação Brasileira de Judô, Joaquin Mammed, inscreveu 4 mulheres com nomes de homens na comunicação feita ao CND, garantindo as passagens delas. Ao voltar para o Brasil, havia uma intimação para ele comparecer ao CND e ele foi com as garotas portando quimono e as medalhas no peito.<sup>212</sup>

A Deliberação nº10 do CND foi publicada já no final de 1979, revogando a Deliberação nº 7 e nela constava o seguinte:

O CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS, no uso das atribuições que lhe são conferidas [...] delibera:

01. As mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

02. A permissão a que se refere o item I, desta deliberação, só é aplicável quando a entidade internacional realizar a prática do desporto pelas mulheres, em seus campeonatos ou torneios oficiais.

03. As entidades máximas dirigentes dos desportos no país poderão estabelecer condições especiais para a prática de desportos para as mulheres, tendo em vista a idade ou o número incipiente de praticantes em determinada modalidade, observadas porém as regras desportivas das entidades internacionais

04. No caso de desporto, que ainda não seja praticado no Brasil ou que não seja dirigido por entidade internacional, a entidade dirigente no Brasil, deverá solicitar ao CND a devida autorização, para que possa ser praticado pelas mulheres

05. A participação de mulheres e homens em provas ou competições mistas, só será permitida nas condições também permitidas pelas entidades dirigentes internacionais, nos seus campos ou torneios oficiais.

06. A presente Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a Deliberação número 07/65.

Sala das Sessões, 21 de dezembro de 1979

**Nelson Malemont Rebello Filho**

**Vice-Presidente no exercício da Presidência**<sup>213</sup>

Antes do fim da proibição, entre 1975 e 1979, um movimento de expansão da modalidade pôde ser observado em diferentes lugares do país. Segundo Giovana Silva, em São

<sup>212</sup> SILVA, Op. cit., 2013, p. 1-13.

<sup>213</sup> BRASIL, Conselho Nacional de Desportos. Normas Básicas sobre Desportos. Deliberações 1979. Rio de Janeiro, 1981. Apud SILVA, Op. cit., p. 79.

Paulo, por exemplo, alguns jornais como *A Gazeta Esportiva*, destacaram a equipe de futebol feminino da AD Polícia Militar. Em uma matéria de 1979, o jornal relata que o clube vinha jogando há três anos e as mulheres que atuavam nele se consideravam feministas, defendendo a luta por igualdade de direitos para dentro dos campos. Além disso, um outro argumento usado pela jogadora Lúcia era que existiam outros esportes mais violentos do que o futebol e eram praticados pelas mulheres sem nenhum preconceito, como o handebol.<sup>214</sup>

Ainda conforme Silva, além do ADPM, outros times surgiram nesse contexto, principalmente na várzea paulistana. É o caso do AA Corinthians do Bom Retiro e do Cafum FC, o qual se destacou não só por participar de campeonatos, mas também pelas excursões que realizou ao interior paulista e até outros estados como Minas Gerais e Paraná. De acordo com a historiadora, o CND não interferia nesses jogos pois o futebol amador não era alvo de grandes preocupações e não era controlado pelo órgão. A preocupação da entidade estava na prática do futebol por mulheres dentro dos clubes profissionais, que era um espaço de poder que as mulheres não poderiam pertencer. Já a várzea tinha caráter marginal, assim como as mulheres na sociedade, de maneira geral. As jogadoras que circulavam nesses espaços eram das classes menos abastadas e, por esse motivo, tinham permissão social para que seus corpos ocupassem o espaço público, pois já faziam parte dele em função do trabalho.<sup>215</sup> A respeito dessa interpretação, vale acrescentar que além do CND, outras instituições poderiam interferir para impedir os jogos, como a polícia, a Divisão de Censura e Diversões Públicas e as entidades esportivas estaduais e municipais, mas, nenhuma delas interveio.

No contexto do Rio de Janeiro, também foi possível perceber o aumento da prática do futebol pelas mulheres em diferentes regiões do estado. Além desse crescimento, verifica-se uma aceitação maior na mídia fluminense em relação à modalidade, visto que boa parte das notícias se restringiam apenas aos jogos, deixando de mencionar a proibição.

## **2.2 As mulheres jogam na baixada fluminense**

A partir de 1977, a coluna do *Jornal dos Sports* denominada “Baixada”, passou a noticiar partidas de futebol feminino que ocorriam na baixada fluminense de forma constante. Em um primeiro momento, as partidas integravam os eventos esportivos do futebol amador, mas com o desenvolvimento da modalidade, as jogadoras apareceram como protagonistas em

---

<sup>214</sup> *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 15 jan. 1979, p. 2. Apud. SILVA, Op. cit., p. 72.

<sup>215</sup> SILVA, Op. cit.

várias edições da coluna. Sendo assim, na primeira notícia que citava o futebol feminino, ele fazia parte da grade de programação do 14º aniversário do Brasileirinho, de Mesquita, mas os nomes dos times que iriam se enfrentar nem foram divulgados.<sup>216</sup> A prática do futebol por mulheres naquela região, porém, parece que já fazia sucesso desde 1974, tendo em vista uma notícia do jornal *O Fluminense*, a qual dizia que: “esta modalidade de esporte já comum na Europa vem se implantando ilegalmente em Duque de Caxias, onde várias equipes femininas conseguem reunir grande público nos campos em que se apresentam”.<sup>217</sup> O periódico, porém, não deu prosseguimento à cobertura do futebol entre as mulheres na baixada, o que aconteceu somente em 1977 no *Jornal dos Sports*.

Após a primeira aparição do futebol praticado por mulheres na coluna “Baixada”, do *Jornal dos Sports*, um mês depois uma partida de futebol entre mulheres obteve protagonismo na mesma coluna. A notícia se referia a um jogo que aconteceu no campo do Cajueiro, no bairro Vila Nova, em Nova Iguaçu, entre as equipes denominadas As Panteras e o Duas Vidas, tendo sido promovido em comemoração ao aniversário de fundação do clube da casa, o Duas Vidas. A coluna informa ainda que o time vinha de duas vitórias, contra o Santo Elias e As Panterinhas. Do lado do time As Panteras, chama atenção o fato da técnica da equipe, Denise, ser uma mulher, tendo em vista que esse tipo de cargo, de comando e organização, até mesmo em times de várzea, era ocupado por homens.<sup>218</sup> Após cinco dias, o jornal noticiou a vitória do Duas Vidas por 1 a 0, com gol de pênalti convertido por Noêmia, mantendo a invencibilidade da equipe. Em relação ao jogo, foi dito que “Os torcedores vibraram com a exibição das garotas e as situações complicadas em que se viu metido o juiz Gilberto dos Santos para explicar diversos lances considerados faltosos”.<sup>219</sup>

O mesmo jornal tinha entre os seus principais nomes o jornalista Álvaro Nascimento, o “Zé de São Januário”, um grande opositor do futebol feminino, que em diversas vezes em sua coluna chamada “Uma Pedrinha na Chuteira”, criticou e se posicionou contra o futebol de mulheres. Os escritos do jornalista contra o futebol feminino, contudo, cessaram, tendo sua última aparição em 1977. Jornalistas da coluna “Bate Bola”, que era um espaço do *Jornal dos Sports* destinado a cartas dos leitores, também se colocaram contra a promoção do futebol feminino no Rio de Janeiro, se opondo à sugestão de uma leitora no ano de 1970.<sup>220</sup> A partir de 1977 os jornalistas parecem ter entendido que já não havia mais espaço para esse tipo de

<sup>216</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1977, p. 9.

<sup>217</sup> *O Fluminense*, Niterói, 27 jun. 1974, p. 15.

<sup>218</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1977, p. 10.

<sup>219</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29 jul. 1977, p. 8.

<sup>220</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 maio 1970, p. 6.

postura, diante do notório crescimento do esporte. Assim, restou acompanhar o movimento e trazer as notícias sobre a modalidade que ganhava adeptos dentro e fora de campo, tendo em vista que os jogos entre mulheres atraíam o público, como foi o caso do confronto entre o Duas Vidas e As Panteras, que foi prestigiado por uma torcida empolgada, que vibrou com o jogo, conforme destacou o jornal.

No mês seguinte, o Duas Vidas voltava a ser destaque na coluna que trazia informações sobre o futebol na baixada fluminense. A notícia era sobre um treino tático da equipe, que iria defender a sua invencibilidade diante do Mocidade.<sup>221</sup> Nessa oportunidade, contudo, o jornal não noticiou o resultado do jogo. No final do mês, o Duas Vidas retornou as notícias, sendo anunciados dois jogos do time: um contra o Santo Elias e outro contra o Mocidade, de Areia Branca, que provavelmente era o mesmo da matéria anterior. Não se falou a respeito da invencibilidade do Duas Vidas nessa ocasião, o que sugere que a equipe teria perdido, pois nas notícias anteriores a invencibilidade era sempre comentada.

É difícil saber o porquê, mas durante o ano de 1978, a coluna “Baixada” não trouxe nenhuma notícia a respeito do futebol feminino. Além disso, o time do Duas Vidas, que mais tinha aparecido no jornal, parece ter encerrado as suas atividades, pois, quando em 1979, a coluna voltou a trazer informações sobre o futebol jogado por mulheres na baixada fluminense, ele não esteve presente.

O retorno do futebol de mulheres para a coluna aconteceu em abril de 1979, ano do fim da proibição do futebol feminino, como já foi mencionado, quando o periódico noticiou sobre uma partida entre as equipes do Juventude, da Pavuna e do Copacabana, de Vilar dos Teles, bairro de São João de Meriti, que estava marcada para acontecer no Estádio Municipal da cidade de Porciúncula, no noroeste do estado. Apesar do jogo entre as mulheres ser uma preliminar do jogo entre os times masculinos do Copacabana e do Juventude, foram elas que receberam maior destaque.

A equipe feminina do Juventude tem excursionado a diversos municípios do RJ, como Petrópolis, Teresópolis e Três Rios, entre outros, e ainda recentemente esteve em Jacarepaguá, onde derrotou uma equipe local, por 2 a 1. O vice-presidente José de Freitas Fraga, do Juventude, diz que suas meninas tem um futebol “de fazer inveja a muitos barbados” e, por isso, garante que os esportistas de Porciúncula ficarão satisfeitos com a exibição do dia 21 próximo.<sup>222</sup>

---

<sup>221</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1977, p. 8.

<sup>222</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 abr. 1979, p. 9.

A partir da notícia, não é possível saber se nessas excursões realizadas pela equipe do Juventude para as cidades do interior do Rio, ela enfrentava equipes da própria cidade ou times da baixada, como ocorreria em Porciúncula. Independentemente disso, é certo que essas excursões ocorriam em função da atração que as partidas de futebol feminino representavam para o público.

As equipes do Juventude e do Copacabana se enfrentaram novamente, no aniversário de 29 anos do Heliópolis AC. Nessa ocasião, os times fariam um jogo preliminar a partida principal, entre a equipe principal do time aniversariante e o profissional do Madureira.<sup>223</sup> Poucos dias depois, a notícia do resultado do jogo entre Juventude e Copacabana trazia a vitória acachapante do segundo. No encontro entre as equipes, em Porciúncula, 9 a 0 para o Copacabana e na revanche no estádio do Heliópolis, 11 a 0 para o mesmo time. O público parece ter gostado da exibição do Copacabana, em especial de duas jogadoras: “Vera e Nena, duas garotas boas de bola, deixaram muitos marmanjos com inveja, pois elas armaram todos os lances de gol, quando não o fizeram”.<sup>224</sup> Assim, os comentários do jornalista sobre o jogo ficaram restritos aos aspectos técnicos das jogadoras, sem colocar a questão da aparência física em primeiro plano, como era comum em muitas notícias relacionadas à modalidade.

Ainda no mês de maio, a equipe do Juventude retornou às páginas do JS, mas desta vez a notícia era favorável ao time da Pavuna, que venceu o Bonsucesso por 5 a 1. Após informar sobre o jogo, o jornalista responsável pela coluna relatou que:

José Fraga, vice-presidente e responsável pela organização do futebol feminino no Juventude, está demissionário do cargo, o que formalizará em reunião que pediu ao presidente Lourival Abreu, quando dirá os motivos que determinaram a sua renúncia.<sup>225</sup>

Com a saída de José Fraga do Juventude, o futebol feminino no clube parece ter sido abalado, tendo em vista que só foi noticiada mais uma partida da equipe ao longo do ano de 1979. As mulheres que jogavam naquele contexto, necessitavam do apoio de pessoas que faziam parte dos clubes, que eram, e ainda são compostos majoritariamente por homens, mesmo que fossem amadores. Por mais simples que seja a prática do futebol, para ser jogado de forma minimamente organizada, é necessário um espaço adequado e alguns materiais, como uniforme,

---

<sup>223</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1979, p. 10.

<sup>224</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 03 maio 1979, p. 9.

<sup>225</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 maio 1979, p. 9.

que esses clubes possuíam. Dessa forma, com a saída de José Fraga do Juventude, nenhum outro membro do clube deve ter se interessado a ficar responsável com o futebol de mulheres, tendo como consequência o encerramento da modalidade.

A partir de julho de 1979, um outro time chamado As Panteras<sup>226</sup>, passou a figurar entre as páginas do jornal. A equipe era de Guadalupe, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, A notícia citada estava em uma coluna que informava sobre o futebol amador na capital e no interior, mantendo a posição marginal das mulheres no futebol e dizia que:

As Panteras, um time de futebol feminino de Guadalupe, está aceitando jogos de futebol de campo e de salão. A treinadora da equipe, Lisieux, informa que o time está invicto há 15 partidas e que os interessados em jogar contra as Panteras devem procurá-la no campo do Mavilis, em São Cristóvão, todos os fins de semana.<sup>227</sup>

Pela forma como a notícia foi escrita, é plausível supor que ela tenha sido solicitada pela treinadora Lisieux ao jornalista. Diante da dificuldade de encontrar equipes para jogar, recorrer ao *Jornal dos Sports* era uma boa opção, sobretudo pela grande circulação do periódico. Na baixada, depois de julho, não teve nenhuma outra notícia sobre a prática do futebol de mulheres na região no ano de 1979, de modo que, com a desestruturação dos times formados, o leque de opções das Panteras para realização de partidas diminuía. Contudo, na várzea da capital, seja no campo ou nas quadras, existiam equipes de futebol feminino em atividade, que quase não receberam atenção da imprensa.

Quase dois meses após essa notícia, uma outra informava sobre um jogo de futebol de salão entre As Panteras e Equipe das Gatinhas, na quadra do Esporte Clube Marabu, valendo o Troféu Ano Internacional da Criança. O jornal não menciona de qual local era a Equipe das Gatinhas e nem fornece nenhuma informação sobre ela. Sobre As Panteras, o jornalista menciona que a treinadora Lisieux estava confiante, mas que iria fazer mistério quanto a escalação e, além disso, cita que elas estavam invictas há 20 jogos. Se na notícia anterior elas tinham uma invencibilidade de 15 jogos e agora era de 20 partidas, isso quer dizer que nesse

---

<sup>226</sup> É difícil saber se o time era o mesmo que apareceu em notícias anteriores na coluna “Baixada”, pois naquela época era comum que equipes de futebol feminino se chamassem As Panteras. Nome, provavelmente, inspirado nas personagens da série de TV norte-americana *Charlie's Angels*, traduzida nacionalmente como As Panteras. O seriado contou com cinco temporadas, de 1976 a 1981. A trama trazia as aventuras de três mulheres que trabalhavam para uma agência privada de detetives em Los Angeles, Califórnia.

<sup>227</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 2 out. 1979, p. 10.

curto período de tempo de menos de dois meses elas jogaram 5 vezes, sem nenhum deles constar nas páginas dos jornais.

Essas ausências indicam que, apesar da expansão da prática da modalidade, nem sempre ela era vista como digna de uma cobertura jornalística mais ampla. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, trouxe um número significativo de notícias nos primeiros anos da década de 1970, com informações do futebol de mulheres no contexto internacional, mas apenas uma notícia sobre o futebol praticado por mulheres no Rio de Janeiro, na segunda metade da referida década. Intitulada “O futebol depois da louça lavada”, a notícia trazida por Mara Caballero referia-se a partidas disputadas entre empregadas domésticas que trabalhavam no Leblon. Os jogos aconteciam por volta das 23 horas, pois na casa de algumas patroas a janta era servida bem tarde. As empregadas diziam que o intuito era apenas se divertir e sobre feminismo não tinham opinião definida: “Homem não pode ficar sempre na frente, né? “É, eu gosto de fazer algumas coisas que homem faz”.<sup>228</sup> Ao analisar essa reportagem, Silva compreende que o desconhecimento das questões feministas por essas mulheres se deve a baixa escolaridade que tinham.<sup>229</sup> A reportagem relata ainda, entre outras coisas, que a ideia delas era comprar uniforme para os dois times, chamados de Flamengo Futebol e Regatas e Botafogo Futebol Clube e, além disso, um grupo de homens costumavam assistir aos jogos. Após essa reportagem, no entanto, nenhum meio de comunicação repercutiu mais as partidas realizadas pelas empregadas domésticas.

Em Niterói, que na década de 1960 já tinha apresentado um movimento interessante de mulheres jogando futebol, elas novamente estiveram envolvidas com a prática da modalidade nesse contexto da segunda metade da década de 1970.

### **2.3 As mulheres jogam em Niterói**

Ao contrário do *Jornal do Brasil*, *O Fluminense* fez uma ampla cobertura sobre o futebol feminino na segunda metade dos anos 1970. Em uma proporção maior que na década anterior, mulheres formaram equipes em Niterói que disputaram campeonatos e fizeram excursões para outras cidades do estado. Mais uma vez, devido a sua localização na cidade, o jornal trouxe várias notícias a respeito do futebol praticado por elas.

---

<sup>228</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1976, Caderno B, p. 4.

<sup>229</sup> SILVA, Op. cit., p. 74.

As notícias sobre o futebol de mulheres em Niterói reapareceram no mês de agosto de 1976. Dali até dezembro, a presença das informações sobre os jogos nas páginas do jornal foi constante e regular, com destaque para o Fluminense Atlético Clube, da Rua Xavier de Brito, pois além de possuir um time de mulheres, era no seu campo que a maior parte dos jogos aconteciam. O primeiro jogo do Fluminense noticiado foi contra o time do Independente, do bairro Tenente Jardim, em seu campo de futebol *society* na Rua Xavier de Brito. O *Flu* venceu por 3 a 2 e já tinha uma outra partida marcada, contra o São Cristóvão.<sup>230</sup>

O clube Fluminense Atlético Clube, contudo, estava enfrentando sérias dificuldades financeiras e administrativas. Em uma matéria que detalhava as eleições para a presidência do clube, programadas para novembro, o jornalista escreveu o seguinte:

Nas festividades de anteontem, a reportagem sentiu de perto as dificuldades encontradas para levar a nau tricolor a seu rumo certo. Sem o menor apoio financeiro das autoridades competentes e com um quadro social que não prestigia maciçamente às promoções da diretoria, o Fluminense viu-se obrigado a terminar com o futebol de campo e partir para a construção de sua piscina, medida considerada como a única que possa motivar e até mesmo sensibilizar, a família tricolor. Este futebol - que ao lado do atletismo - deu tantas glórias ao clube, está hoje considerado, como “objeto luxuoso” para os seus conselheiros. Por ele, caíram dois presidentes: João Santos e Laurindo Durão. A piscina ocupará uma área do seu campo e o que sobrou foi dividido para a prática do futebol *society* e do **futebol feminino que aos domingos vem oferecendo boas receitas aos cofres do clube** (grifo nosso).<sup>231</sup>

Era um clube tradicional da cidade de Niterói, fundado em 1913 como Rio Branco Football Club e ganhou algumas vezes o campeonato niteroiense de futebol. Como a própria notícia relata, o futebol (profissional) já tinha dado muitas glórias ao Fluminense, mas em função da crise não teve como se sustentar. O interessante é que um outro futebol estava sendo fundamental para abastecer os cofres do clube: o futebol feminino. Em um contexto no qual a modalidade era proibida por lei, é surpreendente que um clube se beneficiava dela para conseguir se sustentar.

Assim, a equipe do Fluminense continuou recebendo visitantes em seu clube e o futebol entre mulheres movimentou a Rua Xavier de Brito. Foi criado um grupo dentro do clube, chamado “Trem da Alegria”, que tinha como objetivo promover a modalidade. Ao noticiar uma partida contra o Botafoguinho, o jornal destacou que: “A promoção é do famoso “Trem da

<sup>230</sup> *O Fluminense*, Niterói, 24 ago. 1976, p. 16.

<sup>231</sup> *O Fluminense*, Niterói, 9 set. 1976, p. 9.

Alegria” tricolor que vem realizando um trabalho para propagar o futebol feminino no Flu, visando um contato com as famílias do seu quadro social”.<sup>232</sup>

O “Trem da Alegria”, supervisionado por Orlanda Medeiros, promoveu um almoço para homenagear os redatores esportivos do jornal *O Fluminense* e o desportista Paulo Cesar Cardoso, que seria sucedido com um jogo entre as garotas do *Flu* e do Niteroiense. A ideia dos membros do “Trem da Alegria” era cultivar uma boa relação com os jornalistas esportivos do jornal, pois eram eles quem noticiavam os eventos no clube. Na mesma notícia, o jornal aponta que “o futebol feminino vem tomando grande vulto com jogos aos domingos que têm levado grande público ao minicampo da Xavier de Brito”.<sup>233</sup>

Um outro evento foi noticiado pelo jornal poucos dias depois, trazendo dois jogos programados para o domingo próximo no campo do *Flu*. O primeiro entre Snoopy e Vasco e o segundo entre Fluminense e Nasa. Além das partidas, o jornal trouxe algumas outras informações:

Antes dos jogos, o “Trem da Alegria” vai prestar uma homenagem ao Carbar, durante um almoço preparado pelas senhoras Orlanda Alves Medeiros e Silvia Alves Costa Velho. O Trem está acertando uma excursão a Cabo Frio no mês de novembro e amanhã, haverá reunião na casa da dona Orlanda para tratar do assunto. Ainda este mês, será realizado um torneio relâmpago reunindo oito equipes.<sup>234</sup>

O Carbar, citado na notícia, era o Carlos Barcelos, um dos jornalistas do jornal *O Fluminense* que mais noticiava os eventos do “Trem” e, por esse motivo, o almoço em sua homenagem. Já a excursão a Cabo Frio e o torneio relâmpago, foram realizadas no mês seguinte.

Uma foto ilustrou a matéria de um jogo entre Snoopy e Nasa. A fotografia tirada com a bola em movimento, mostra a goleira de um dos times saindo para encaixá-la e ao fundo do gol uma arquibancada cheia, com um público bem diversificado em termos de gênero, embora a maioria fosse homem. O jornal não fala onde teria sido o jogo retratado, mas é bem provável que tenha sido no campo do Fluminense, tendo em vista a grande presença de público que, de acordo com as notícias, era comum no clube e pelo fato da maioria dos jogos serem realizados lá.

---

<sup>232</sup> *O Fluminense*, Niterói, 26 e 27 set. 1976, p. 14.

<sup>233</sup> *O Fluminense*, Niterói, 1 out. 1976, p. 9.

<sup>234</sup> *O Fluminense*, Niterói, 7 out. 1976, p. 8.



Figura 6: *O Fluminense*, Niterói, 7 out. 1976, p. 8.

No dia do jogo entre o Flu AC e o Nasa, o jornal *O Fluminense* voltou a falar a respeito da partida. A expectativa era de um bom jogo entre as equipes, que de acordo com o periódico, vinham de vitória. Novamente a notícia trazia uma foto. Dessa vez eram os membros do “Trem da Alegria” que ilustravam a página. Inclusive, era a única foto de uma das páginas do jornal que tratava de esportes, indicando a relevância do evento na cidade. É válido salientar que as fotos foram colocadas no jornal após o primeiro almoço que o “Trem da Alegria” proporcionou aos jornalistas esportivos, de modo que esse aumento do espaço concedido às notícias dos jogos na Xavier de Brito pode ter relação com o estreitamento das relações entre o clube e o jornal. Formado por seis mulheres e cinco homens, a maior parte deles aparentava ser jovens adultos, com exceção de dona Orlanda, ao centro, que tinha idade mais avançada e era a supervisora do grupo.



Figura 7: *O Fluminense*, Niterói, 10 e 11 out. 1976, p. 14.

A realização de almoços pelo “Trem da Alegria” em homenagem a pessoas importantes da cidade tornou-se uma prática frequente. Na semana seguinte ao evento citado acima, por exemplo, *O Fluminense* relata que o grupo serviu um almoço em homenagem ao Dr. Gilberto e à jornalista Maria Auxiliadora.<sup>235</sup>

No mês de novembro de 1976, um torneio reunindo as principais equipes da cidade, Fluminense, Nasa, Snoopy e Niteroiense, movimentou as páginas do periódico, estando presente em diversas edições. A primeira notícia referente ao assunto foi no final de outubro, no dia 29 e dizia que:

O futebol feminino da cidade terá um movimentado torneio no próximo dia 9, à noite, no minicampo do Fluminense, na Xavier de Brito. Estarão disputando um rico troféu, as equipes do Nasa, Snoopy, Niteroiense e do Fluminense que já vem jogando entre si há vários meses. Domingo por exemplo, jogarão Flu x Niteroiense às 15h. A reunião preparatória está prevista para o dia 3 às 14h, entre Paulinho (Flu), Jorge (Nasa), Luis (Snoopy), Toninho (Niteroiense) e o nosso companheiro Carlos Barcelos. Na oportunidade, serão feitos o Regulamento e a tabela.<sup>236</sup>

Para ilustrar a notícia, a mesma foto utilizada na edição do dia 7 de outubro, de um jogo entre Snoopy e Nasa, é um indício da falta de outras imagens disponíveis pelo meio de

<sup>235</sup> *O Fluminense*, Niterói, 17 e 18 out. 1976, p. 11.

<sup>236</sup> *O Fluminense*, Niterói, 29 out. 1976, p. 8.

comunicação. Em relação à organização do torneio, merece destaque o fato de não existir nenhuma mulher presente, pois os comandantes dos times eram homens. As mulheres do “Trem da Alegria” até atuavam nos bastidores e na promoção dos jogos, mas na maioria das vezes em um espaço social atrelado ao feminino, a cozinha, por meio do oferecimento de almoço antes dos jogos. Além disso, o fato de o jornalista Carlos Barcelos participar da organização do campeonato demonstra que a relação dele com futebol feminino na cidade não era apenas de trazer as notícias, mas de participar ativamente na promoção da modalidade, o que exerce um impacto direto na cobertura do jornal no qual ele trabalhava a esses eventos.

Um dia antes da reunião entre os organizadores, mais uma notícia sobre o torneio foi publicada, sem nenhuma novidade a respeito do assunto, apenas relembrando o que já havia sido comunicado na notícia citada acima. Além disso, a matéria destacava a vitória do Fluminense por 3 a 2 em cima do Niteroiense e uma foto de duas jogadoras do Snoopy, Cenira e Regina. Duas adolescentes, sorridentes e uniformizadas, com camisa, short e meião.



Figura 8: *O Fluminense*, Niterói, 2 nov. 1976, p. 8.

Na edição do dia em que aconteceu a reunião, o jornal publicou mais uma notícia sobre o assunto e a imagem ilustrativa era, novamente, aquela do jogo entre Snoopy e Nasa. O encontro entre os dirigentes dos times para o sorteio da tabela aconteceu na redação do jornal

*O Fluminense*, confirmando o suporte que o periódico dava às equipes, o qual evidentemente estava associado aos seus interesses. Para o jornal, seria positivo manter boas relações com os clubes, pois estes poderiam fornecer informações privilegiadas e exclusivas e da mesma forma, para os clubes essa relação também seria benéfica, tendo em vista o espaço na página do periódico a respeito dos seus eventos. A notícia ainda informa que no próximo domingo *Flu* e *Snoopy* iriam jogar em Arraial do Cabo, que na época era um distrito da cidade de Cabo Frio, de modo que a viagem estava sendo programada desde o mês anterior, pelo “Trem da Alegria”, como foi visto em notícia citada anteriormente.<sup>237</sup>

No dia seguinte, várias informações ligadas ao regulamento do “torneio relâmpago” foram publicadas. Na ausência do técnico Luis Antônio Fernandes, o *Snoopy* foi representado pelo jornalista Carlos Barcellos, evidenciando a associação dele com uma das equipes. No que diz respeito a estrutura do torneio, foi definido que o primeiro jogo seria entre Niteroiense x Nasa e o segundo entre Fluminense x *Snoopy*, de modo que os vencedores se enfrentariam no terceiro jogo para definir o campeão. As duas primeiras pelepas teriam duração de 10 minutos cada tempo sem intervalo, e a final teria 20 minutos cada tempo com intervalo de 5 minutos. Em caso de empate a decisão seria nos pênaltis. Em relação às equipes, cada uma poderia inscrever 15 atletas e em campo elas seriam constituídas por 9 jogadoras contando com a goleira. O jornal ainda informava que:

Um trio de árbitros da FFD funcionará no torneio e haverá prêmios para o campeão, vice, artilheira e goleira menos vazada. Os casos omissos serão resolvidos pela direção do torneio. O desportista Jorge Oliveira, presidente do clube tricolor e as componentes do Trem da Alegria estarão emprestando a sua colaboração nas festividades do dia 9.<sup>238</sup>

Percebe-se que o torneio era bem estruturado, com regras definidas e com uma série de pessoas envolvidas na organização. Chama atenção, também, o fato de árbitros da Federação Fluminense de Desportos serem os responsáveis por apitarem as partidas. Na grande maioria desses jogos, os árbitros eram homens comuns, que conheciam as regras do jogo, mas sem formação profissional. Provavelmente, foi a atuação em conjunto entre os clubes e o próprio jornal, que foi capaz de conseguir árbitros da federação para trabalhar no torneio. Apesar do

---

<sup>237</sup> *O Fluminense*, Niterói, 3 nov. 1976, p. 8.

<sup>238</sup> *O Fluminense*, Niterói, 4 nov. 1976, p. 8.

futebol feminino ainda ser proibido por lei, isso praticamente não era lembrado nem pela imprensa e nem pelas instituições esportivas

Antes do torneio do dia 9 de novembro, Fluminense e Snoopy jogaram em Arraial do Cabo, sob o comando do “Trem da Alegria”. A partida era anunciada pelo jornal como um preparativo para o torneio programado. No dia do jogo, em Arraial, o jornal trouxe mais informações sobre a viagem, relatando que as duas comissões seguiriam juntas em condução especial, além das escalações das equipes. Os outros dois times inscritos no torneio, Niteroiense e Nasa, também iriam se preparar, jogando no campo do Fluminense.<sup>239</sup>

Na data do tão comentado torneio, que valia o troféu “Jornalista Carlos Barcelos”, uma das manchetes da página esportiva era a seguinte: “Niteroiense x Nasa o jogo inaugural desta noite no Fluminense”. No texto, o jornal relembra o funcionamento das partidas, citava o nome dos árbitros, o nome das jogadoras inscritas e dizia que a premiação seria entregue em um coquetel após o torneio, além de trazer o resultado do jogo em Cabo Frio, que foi 0 a 0 entre os times femininos e 3 a 2 para o Snoopy no futebol masculino. Mesmo com times de futebol de homens, eram as mulheres que eram protagonistas nas páginas do jornal. Por fim, uma informação muito relevante: “O torneio desta noite contará com a colaboração de Jorge de Oliveira, presidente do clube tricolor que amanhã estará tentando a sua eleição nas relações do clube”.<sup>240</sup> Em notícia citada anteriormente o jornal já havia falado sobre a importância dessa eleição para o clube, tendo em vista as dificuldades enfrentadas. Nessa perspectiva, o trabalho exercido pelo “Trem da Alegria”, promovendo os jogos de futebol entre mulheres, viagem e torneio, faziam parte de objetivos políticos internos ao clube, de modo que o sucesso e o retorno financeiro que a modalidade proporcionava, poderiam ser explorados pelo atual presidente.

Dois dias após a realização do torneio, o periódico trouxe as informações detalhadas sobre o mesmo. A manchete dizia que: “Niteroiense foi o campeão do torneio relâmpago em Xavier de Brito” e logo abaixo uma foto, da jogadora do Niteroiense, Tininha, conduzindo a bola, que segundo o jornal foi peça importante na conquista do título.<sup>241</sup> Na primeira parte, o jornal relatava o seguinte:

Com as arquibancadas do Fluminense literalmente tomadas pelo público, o torneio de futebol feminino foi a nota de destaque da última terça-feira em Niterói, no âmbito esportivo. A torcida organizada do Niteroiense com a sua incrementada *bateria* polarizou as atenções gerais, embora o Nasa tenha levado um grupo de torcedores com

<sup>239</sup> *O Fluminense*, Niterói, 7 e 8 nov. 1976, p. 15.

<sup>240</sup> *O Fluminense*, Niterói, 9 nov. 1976, p. 9.

<sup>241</sup> Pelo fato de a qualidade da foto estar muito ruim, achamos melhor não a reproduzir.

bandeiras e fogos para incentivar as suas jogadoras. O time do Niteroiense foi o grande campeão, após eliminar o Nasa e o Fluminense, na cobrança dos pênaltis. O tricolor ficou com o vice e após o torneio, foram entregues os troféus Carlos Barcellos e Firmino Vieira, ao campeão e vice, respectivamente.<sup>242</sup>

Em notícias anteriores o jornal já citava o bom público que prestigiava os jogos na Xavier de Brito, mas sem falar em torcida. Em contrapartida, nessa oportunidade, em função principalmente do caráter competitivo e organizado do torneio, até torcidas organizadas marcaram presença. Esse exemplo mostra o impacto que esses jogos de futebol feminino tinham na cidade e nas pessoas envolvidas, que iam muito além das jogadoras. Esses times, formados por mulheres, despertaram sentimentos de pertencimento e de identificação em diversos sujeitos da cidade, os quais foram expressados pela prática do torcer.

Um outro elemento interessante em relação a esses times, é que o nível deles era muito parelho, tendo em vista os resultados dos jogos. Das três partidas da noite, por exemplo, duas ficaram empatadas, sendo decididas nos pênaltis e em outra o Fluminense venceu o Snoopy no tempo normal por 2 a 0, o que se configura em um resultado comum nos padrões do futebol. Ao fim, o jornal ainda mencionou as escalações das equipes e destacou alguns planejamentos para o futuro da modalidade:

Em princípio de dezembro, o Fluminense promoverá novo torneio, reunindo mais clubes de vez que o futebol feminino vem tomando vulto em nossa cidade e a iniciativa do *Trem da Alegria* vem despertando inclusive, a curiosidade de outras cidades. Há também, em perspectiva, um jogo-desafio entre o Niteroiense, campeão de anteontem e uma seleção, integrada por atletas que participaram da disputa. A data deste jogo poderá ser marcada para o final deste mês, mediante uma reunião a ser feita entre o nosso companheiro Carlos Barcellos e os dirigentes dos quatro clubes participantes.<sup>243</sup>

Apesar desse cenário bastante favorável ao futebol de mulheres na cidade de Niterói, com planejamentos de futuros jogos e torneios, o fato é que após esse evento a modalidade só apareceu mais uma vez nas páginas do jornal *O Fluminense* em 1976, e ainda de forma secundária, como uma preliminar entre Niteroiense e Cachoeiras no campo da Visconde de Sepetiba.<sup>244</sup> O sumiço da presença nas páginas do jornal é intrigante, tendo em vista a cobertura feita durante boa parte do ano. Ao longo do ano de 1977, foram raras as notícias de futebol

---

<sup>242</sup> *O Fluminense*, Niterói, 11 nov. 1976, p. 8.

<sup>243</sup> *Ibid.*

<sup>244</sup> *O Fluminense*, Niterói, 14 dez. 1976, p. 8.

feminino na cidade, com apenas duas notícias de partidas. Em 1978, entretanto, o futebol feminino voltou a estar presente nas páginas do jornal de maneira frequente, com o time do Nasa sendo o único remanescente dos principais clubes que atuaram em 1976.

A equipe feminina do Nasa voltou a figurar nas páginas do periódico quando participou de um evento promovido pela Banda do Fonseca, com samba, futebol e churrasco. A notícia da vitória do Nasa por 7 a 0 em cima da Banda do São Bento, do Rio, apareceu em duas colunas diferentes do jornal, sendo uma no dia 2 e a outra no dia 3 de abril. A matéria do dia 3 destacou duas jogadoras que já atuavam em 1976: “A dupla-mignon Cenira-Regina que atua no meio campo, além do bom fôlego que possui, mostrou muita intimidade com a bola e o gol de Regina na cobrança de uma falta, encobrendo a barreira, revelou muita malícia”.<sup>245</sup> Cenira fazia parte do elenco do Snoopy em 1976. Já em relação à Regina, é mais complicado saber sobre qual se tratava, já que em 1976 existia uma jogando no Snoopy e outra no Nasa e na escalação deste jogo, trazida pela edição do dia 2, apareciam Regina Lúcia e Regina. De todo modo, o fato é que algumas meninas que jogaram dois anos antes, continuavam praticando o esporte. Outros nomes que coincidem entre o elenco de 1976 e o de 1978 são os de Rejane, Luzia, Eliane e Cristina. Além disso, é válido salientar, também, a análise do jornalista em relação às jogadoras, enaltecendo a qualidade técnica e o preparo físico.

Em virtude do sucesso que o futebol feminino fez no evento promovido pela Banda do Fonseca, os responsáveis pelo grupo pensaram em promover um torneio com 3 times de Niterói e 1 do Rio, no mês de julho. No entanto, a ideia parece não ter saído do papel, visto que o campeonato não foi noticiado pelo jornal. Alguns outros clubes e pessoas do meio esportivo também cogitaram promover um torneio de futebol entre mulheres. Em uma reunião do Mauá Esporte Clube, de São Gonçalo, que disputou uma partida de futebol feminino contra a Banda do Formosa, no fim de julho, em sua festa de aniversário, a ideia de um quadrangular de futebol feminino para outubro esteve em pauta.<sup>246</sup> Os presidentes administrativo e de honra do Milionários, Amaro Pesanha e Cel Anivaldo Paiva, estiveram reunidos com Jorge Leite, o qual era presidente do Fluminense AC em 1976, para acertarem detalhes sobre o torneio de veteranos e de futebol feminino que estavam programados para o mês de outubro.<sup>247</sup> Levando em consideração que eram clubes da mesma região, é possível que o torneio citado fosse o mesmo pelas duas matérias. Contudo, no mês de outubro nenhuma notícia foi publicada sobre o assunto, levando a crer que não tenha acontecido.

---

<sup>245</sup> *O Fluminense*, Niterói, 2 maio 1978, p. 11.

<sup>246</sup> *O Fluminense*, Niterói, 15 set. 1978, p. 12.

<sup>247</sup> *O Fluminense*, Niterói, 28 set. 1978, p. 12.

No bairro do Morro do Estado, a escola de samba Bafo de Tigre contava com o futebol de mulheres em seus eventos aos domingos. A partir de setembro, a coluna “Samba” passou a mencionar a ocorrência da modalidade, relatando que: “Hoje, como acontece todos os domingos, prossegue o torneio de futebol feminino do amarelo e preto, lá no Campinho, bem no alto do morro e depois tem um mastigo para a rapaziada com muita cerveja gelada”.<sup>248</sup> A prática do esporte parecia vir acontecendo de forma frequente aos domingos no Bafo de Tigre. No mês de outubro, mais duas notícias mencionaram a prática da modalidade no Campinho, indicando que, de fato, o futebol acontecia de maneira frequente. Uma falava em “mais uma partida de futebol feminino”<sup>249</sup> e outra, ao anunciar o evento, dizia que: como já se tornou praxe, mais uma vez no campinho uma sensacional partida de futebol feminino.”<sup>250</sup> Apesar dessa frequência, as notícias apresentavam poucos detalhes sobre os jogos, não traziam os resultados e nem citavam os nomes das atletas. Pelo fato de os jogos estarem inseridos na programação de uma escola de samba, deveria prevalecer o caráter da diversão, de modo que esse tipo de informação não seria relevante.

A equipe do Nasa voltou a aparecer nas páginas do jornal em novembro, em um evento no Clube Esportivo Mauá, organizado por Carlos Ritter e Carlos Barcellos, que atuou ativamente na promoção do futebol feminino em 1976. Ao informar sobre o evento, a matéria menciona que

A jornada esportiva de anteontem no minicampo do CE Mauá foi das mais movimentadas com destaque para o futebol feminino com a equipe do Nasa apresentando jogadas de alto gabarito e sem encontrar dificuldades para derrotar o time de Visconde pela alta contagem de 10x0. As comandadas de Jorge Nascimento sempre impuseram seu ritmo de jogo e por isso chegaram fácil a goleada construída por Carminha 3, Léa 3, Carla 2, Cenira e Regina. O árbitro foi Carlinhos Xoxó.<sup>251</sup>

Ao contrário dos jogos que aconteciam em 1976, os quais eram equilibrados e com placares sempre apertados, em mais uma oportunidade o Nasa venceu com um placar elástico. Evidentemente, isso se explica por conta da qualidade das jogadoras, além do entrosamento, já que muitas delas estavam há anos jogando juntas e eram treinadas pelo mesmo técnico. Na escalação, constava uma jogadora chamada Pelé. Em 1976, uma mulher chamada da mesma forma atuava no Fluminense, podendo ser a mesma. O caso de Cenira era parecido, de modo

<sup>248</sup> *O Fluminense*, Niterói, 17 e 18 set. 1978, Encontro Mulher, p. 45.

<sup>249</sup> *O Fluminense*, Niterói, 15 e 16 out. 1978, Encontro Mulher, p. 45.

<sup>250</sup> *O Fluminense*, Niterói, 29 e 30 out. 1978, Encontro Mulher, p. 9.

<sup>251</sup> *O Fluminense*, Niterói, 8 nov. 1978, p. 12.

que a jogadora integrava o elenco do Snoopy e passou a jogar no Nasa. Diante disso, percebe-se a importância do Nasa, que se manteve em atividade e integrou jogadoras de outros times ao seu elenco, permanecendo como um espaço no qual elas conseguiram continuar praticando o futebol.

Em 1979, o futebol de mulheres em Niterói voltou a aparecer nas páginas do periódico em maio. Na ocasião, tanto a coluna “Clubes e Gente”<sup>252</sup>, da página social, quanto a coluna “Súmula”<sup>253</sup>, da página esportiva, noticiou o evento. A equipe do Abacaxi FC iria enfrentar o Combinado Nossa Senhora de Lourdes e Morro do Serrão, sendo um dos destaques do 4º Torneio de Futebol da Felicidade, no bairro Nossa Sra. de Lourdes.

A equipe do Nasa, voltou a aparecer em outubro, em uma notícia bem interessante, na qual o jornalista traçou um panorama da modalidade a nível local, nacional e internacional ao informar sobre um jogo do clube, dizendo que:

A equipe da Nasa, dirigida por Jorge Nascimento estará se apresentando amanhã a tarde, em Duque de Caxias no campo do colégio Casimiro de Abreu contra uma equipe local. O time de Niterói (integrado por moças de Niterói e SG) estará alinhado com Luzia, Rejane, Carminha, Regina e Carla; Cenira e Eliane; Lea, Célia, Márcia e Cristina, com Eliane II, Iris e Deise no banco.

O futebol feminino é uma atividade ainda sem muito prestígio nos grandes centros. No RJ, Niterói começou a dar mais atenções ao esporte, através iniciativas particulares de alguns desportistas como Paulinho e Jorginho que armavam times que se enfrentavam em Xavier de Brito, São Francisco e até em campos de SG. Em certa época, o futebol feminino chegou a ser perseguido pelas autoridades que puniam os clubes que deixassem tal prática em suas dependências. **De 76 em diante, as proibições foram sendo esquecidas e as moças puderam “mostrar suas qualidades” no manejo com a bola.**

Na Europa, o futebol feminino possui ainda mais adeptos e ainda anteontem, o presidente da Federação de Futebol da Suécia, pediu a União das Associações Europeias de Futebol - UEFA - que organizasse um campeonato anual a partir de 81. No boletim da União, Brodd reconheceu a popularidade do esporte fazendo exceção a URSS onde o futebol para mulher é proibido.

No Brasil, se o CND não se opor, o futebol feminino poderia ganhar dimensões com organizações de torneios que pudessem atrair o público e dar um descanso aos homens que passariam do campo para as arquibancadas e não reclamariam do “excesso de jogos”. As perspectivas de uma perfeita adaptação da mulher ao futebol são bem favoráveis a considerar os jogos que são realizados no interior do estado do RJ onde as moças chutam, correm e driblam com uma facilidade de causar inveja a muitos homens que andam pelos clubes de futebol a sugar-lhes o dinheiro (grifo nosso).<sup>254</sup>

O time do Nasa mantinha a sua base do ano anterior, tendo alguns nomes, como Rejane, Regina, Eliane e Cristina, que já estavam no elenco de 1976, sem contar a permanência do

<sup>252</sup> *O Fluminense*, Niterói, 3 nov. 1979, p. 21.

<sup>253</sup> *O Fluminense*, Niterói, 6 e 7 maio 1979, p. 15.

<sup>254</sup> *O Fluminense*, Niterói, 6 out. 1979, p. 12.

mesmo treinador, Jorge Nascimento. Ao destacar Niterói como uma das poucas cidades que começaram a dar atenção para o esporte no RJ, a matéria ressalta a atuação de homens envolvidos na formação dos times e dos jogos, mas deixa de lado as jogadoras. As iniciativas desses sujeitos foram de fato relevantes para o esporte em Niterói, porém, elas só aconteceram porque existiam mulheres interessadas e comprometidas com a prática.

A análise em relação à situação do futebol feminino no Brasil era de quem entendia do assunto. Como foi mencionado, autoridades puniam os clubes que promoviam partidas da modalidade em seus campos, mas a partir de um dado momento isso deixou de acontecer. Esse momento teria sido a partir de 1976, ano em que o Fluminense Atlético Clube começou a promover as partidas na Xavier de Brito. No entanto, a atuação das instituições esportivas no que tange a proibição já era bem inexpressiva em 1975. Isso se deve a uma série de fatores, como a modernização do país e a mudança de mentalidade sobre o papel da mulher na sociedade, influenciada pelas discussões pautadas pelos movimentos feministas.

Em relação a modalidade no contexto europeu, ela permanecia com um crescimento gradativo desde o final da década de 1960. O presidente da federação sueca entendia que: “Grande parte das Federações Nacionais sentem que o novo torneio acabará sendo conseguido de qualquer forma e seria preferível organizá-lo de acordo com as regras da competição de menores de 21 anos”.<sup>255</sup> Nessa perspectiva, era certo que um campeonato europeu iria acontecer mais cedo ou mais tarde, tendo em vista a quantidade de times femininos em atividade. Sendo assim, era melhor que esse campeonato fosse organizado pela principal entidade esportiva do continente, para que ela estabelecesse as regras.

Já no contexto nacional, de acordo com a notícia citada acima, o futebol feminino era vislumbrado como um integrante do calendário nacional de futebol, uma vez que os torneios de times de mulheres poderiam atrair o público e “dar um descanso para os homens, que iriam para a arquibancada e não reclamariam do excesso de jogos”. É interessante notar que o problema em relação a quantidade excessiva de jogos no futebol masculino já era uma questão naquela época e até hoje persiste. Mas, voltando ao futebol de mulheres, é válido destacar a menção feita pela matéria aos jogos que aconteciam no interior do Rio de Janeiro, com jogadoras de bom nível técnico. É bem provável que o responsável por escrever a notícia estivesse se referindo aos times da região dos lagos, que serão abordados no tópico seguinte, tendo em vista o sucesso da prática em algumas cidades, como Cabo Frio e São Pedro da Aldeia.

---

<sup>255</sup> Ibid.

Ainda no mês de outubro, o Nasa fez dois jogos no mesmo dia, atuando no campo da Escola Superior de Polícia Militar do RJ, em Niterói. “Nasa marcou 20 gols em 2 jogos na PMERJ” era uma das manchetes da página de esportes do jornal *O Fluminense*, com uma foto abaixo de um lance de uma das partidas. Segundo o periódico, no primeiro jogo, o Nasa venceu o Flamenguinho, de São Gonçalo, por 15 a 0 e no segundo a vitória foi por 5 a 2, em cima do Unidos, também de São Gonçalo.<sup>256</sup> Na imagem ilustrativa da matéria, o jornal exalta a disputa pela bola das jogadoras, com duas atletas caídas em função de uma dividida.



Figura 9: *O Fluminense*, Niterói, 24 out. 1979, p. 12.

Em novembro de 1979, o Nasa ainda apareceu mais duas vezes na coluna “Súmula”. O espaço foi utilizado com a finalidade de convocar as jogadoras e as notícias se restringiram a citar o nome das convocadas, o horário e o local do jogo e o adversário. O Nasa foi o time de futebol feminino de Niterói que teve o maior tempo de duração naquele contexto, com um trabalho contínuo desde 1976 até 1979, com momentos mais atuantes e outros menos. O time ainda apareceu em algumas notícias no início de 1980, mas o seu desaparecimento das páginas do jornal sugere que a equipe não prosseguiu com as suas atividades.

<sup>256</sup> *O Fluminense*, Niterói, 24 out. 1979, p. 12.

Além da baixada fluminense e Niterói, o interior do estado do Rio de Janeiro também contava com um movimento de mulheres jogando futebol, como veremos a seguir.

## 2.4 As mulheres jogam no interior

Apesar do protagonismo da Baixada Fluminense e de Niterói no que diz respeito ao futebol praticado por mulheres na segunda metade da década de 1970, existiram outros lugares no Rio de Janeiro e em outros estados que contaram com a presença da modalidade. Em alguns desses lugares, a cobertura da imprensa teve uma certa constância e continuidade, indicando um processo de desenvolvimento da prática naquela região. Já em outros espaços, as notícias tiveram caráter isolado, deixando em aberto se aquelas partidas representavam uma expansão do esporte ou eram eventos dispersos.

O jornal *O Fluminense* mais uma vez foi um dos que mais noticiaram sobre a prática da modalidade em outras cidades do estado. A respeito disso, é importante dizer que esse meio de comunicação, nas capas das suas edições, se auto intitulava como “O Jornal do Estado do Rio”. Em termos práticos, ele passou a contar, a partir de 1976, com edições regionais, que traziam notícias de cidades específicas, como é o caso, por exemplo, da região formada por Cabo Frio, Araruama e São Pedro D’Aldeia. Nas páginas esportivas, da mesma maneira, as notícias não se concentravam apenas nos grandes clubes, tendo espaço os times menores e até amadores. Sendo assim, era um ideal do jornal abarcar todo o estado do Rio nas suas páginas e é por esse motivo que ele apresentou notícias que os demais periódicos pesquisados não trouxeram.

Na cidade de Volta Redonda, por exemplo, os dirigentes do Volta Redonda Futebol Clube programaram uma partida preliminar de futebol feminino a fim de evitar prejuízos. O jornal *O Fluminense* relatou o seguinte sobre o assunto:

Tentando evitar prejuízos como ocorreu sábado passado, quando jogou e perdeu para Rio Branco (ES) obtendo a fraca renda de 18 mil cruzeiros, os dirigentes do Voltaço programaram como preliminar deste sábado, uma partida de futebol feminino: jovens da rua “4” contra funcionárias da prefeitura.<sup>257</sup>

---

<sup>257</sup> *O Fluminense*, Niterói, 27 ago. 1976, p. 9.

É difícil saber se as meninas da rua 4 e as funcionárias da prefeitura jogavam de forma frequente. É possível que tenham sido chamadas pelo fato de já praticarem a modalidade, mas também é possível que tenham formado os times apenas para essa ocasião. Pelo fato de as equipes não apresentarem um nome, talvez a segunda hipótese faça mais sentido. De qualquer forma, o ponto central aqui não é este. O que mais chama atenção nesse caso é o fato de os funcionários do clube programarem um jogo de futebol de mulheres como preliminar para atrair o público e, conseqüentemente, aumentar a renda da partida.

Na mesma cidade, uma outra partida entre mulheres foi noticiada pelo mesmo jornal em novembro de 1979. Ao contrário da matéria citada acima, os times que iriam se enfrentar tinham nomes, o que pode ser um indício de que eram equipes já formadas e estabelecidas. A partida seria entre Transporte e Unidos do Retiro, no estádio Raulino de Oliveira, e fazia parte das comemorações da Sociedade Esportiva Retiro, que celebrava o título de campeã no futebol de homens, do II Campeonato de Futebol de Bairros, promovido pela Liga de Desportos de Volta Redonda.<sup>258</sup>

Em Cabo Frio, na região dos lagos do estado do Rio de Janeiro, uma equipe de futebol feminino chamada Onze de Ouro, recebeu destaque em algumas páginas do jornal *O Fluminense*. Em outubro de 1978, a edição Zona-Oeste destacou uma partida de futebol feminino entre as equipes do Onze de Ouro, de Cabo Frio e do Kosmos, do bairro da cidade do Rio com o mesmo nome, vencida pelo primeiro por 3 a 0. Na oportunidade, a notícia teve o seguinte título: “Futebol é para homem? Mulheres de Cabo Frio deram show de bola”. No subtítulo, foi destacado que:

A frase machista “futebol é pra homem” perdeu seu efeito. O famoso esporte balípedo, como dizem os locutores esportivos, ou ainda esporte bretão, segundo outros, já é disputado por gentis senhoritas que se travestem de Abel ou Rondinelli, Cláudio Adão ou Roberto, Zico ou Fumanchu e fazem a bola rolar em Cosmos.<sup>259</sup>

A partida de futebol feminino integrou um dia festivo no campo do Kosmos, que contou com a realização de vários outros jogos. Sem saber se o autor da matéria era homem ou mulher, nota-se a preocupação do sujeito que a escreveu em desconstruir a ideia de que o futebol era um esporte para homem. No entanto, ao buscar fazer isso, acaba caindo em contradição, ao dizer que as mulheres que entravam em campo se travestiam de jogadores do futebol masculino

<sup>258</sup> *O Fluminense*, Niterói, 17 nov. 1979, p. 12.

<sup>259</sup> *O Fluminense*, Niterói, 20 out. 1978, Edição Zona-Oeste, p. 6.

profissional. Nessa perspectiva, o futebol continuaria sendo um esporte masculino e de homens, de modo que as mulheres deveriam se comportar como eles dentro das quatro linhas para ter um bom desempenho. Ou seja, por mais que não fossem homens em campo, seriam mulheres imitando a forma deles jogarem.

Nessa mesma notícia, o jornal relatou que a diretoria do Kosmos ficou contrariada com suas atletas por chegarem atrasadas e por duas jogadoras fazerem gestos obscenos diante das vaias do público. A respeito do Onze Unidos, exaltou-se o jogo do time e individualmente a ponta direita Rosana, que fez um gol após passar pela defesa e driblar a goleira. Além disso:

Bibiano, técnico das meninas vencedoras, informou que há dez meses vem preparando a equipe, cujas atletas mostram-se interessadas em fazer bons espetáculos, já tendo conseguido dois troféus, um deles no amistoso com o time do Imperial, de Petrópolis e outro no I Torneio dos Praianos, na Praia do Siqueira, em Cabo Frio. **“Para conseguir isto - diz Bibiano - estas meninas treinam rigorosamente uma ou duas vezes por semana, para não perderem o contato com a bola. Falando após o jogo, Onecileia, goleira do Onze de Ouro, referindo-se a violência no futebol, disse que ela existe quando o jogo é entre homens.**

Sandra, lateral esquerda, é a mais nova atleta do time de Cabo Frio, com 12 anos de idade, enquanto Vilma, que joga com a camisa 10, é a mais velha com 27. **Falando sobre o futebol entre mulheres, líder em campo, disse que acha muito interessante porque o futebol só lhe dá alegrias. Por seu lado, Elizete, que joga no meio campo, não soube responder direito sobre a razão de jogar rindo, dizendo, apenas, que é porque não levo muito a sério o futebol.**<sup>260</sup> (grifo nosso).

O depoimento de Onecileia é muito relevante, pois vai na direção daqueles que se manifestavam contrários às mulheres no futebol. É verdade que em 1978 o discurso da violência no futebol para contrariar a presença de mulheres no esporte já não era tão utilizado, pelo menos pelos jornalistas que escreviam para os jornais pesquisados. Ainda assim, é bem possível que na sociedade esse pensamento ainda estivesse presente. Conforme o pensamento da jogadora, o futebol em si não era violento; ele seria violento se praticado por homens. Entre as mulheres, o jogo seria realizado sem violência.

Ainda em 1978, no mês de dezembro, outra vitória da equipe foi noticiada. Dessa vez o Onze Unidos havia derrotado o Cosmo Futebol Clube, do bairro de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, pelo placar de 4 a 0, atingindo uma marca de 12 jogos sem perder. Após trazer essas informações, *O Fluminense* contou um pouco sobre a trajetória do time recém criado:

---

<sup>260</sup> Ibid.

O time Onze de Ouro foi fundado em 11 de junho de 1978, e seu nome completo é Agremiação Feminina Onze de Ouro. Pertence ao bairro de Porto do Carro. **As atletas estão realizando vários jogos amistosos, muitos fora do município, e há 12 partidas não são derrotadas.** No jogo em Santa Cruz a equipe formou com Leinha (Ana), Sandra, Nete, Dilva, Lisete, Dorly, Valéria, Rosana, Vilma (capitã do time), Sílvia e Odicéia.<sup>261</sup> (grifo nosso)

A data de fundação do clube citada pelo jornal contradiz o técnico Bibiano, que na notícia citada anteriormente revelou que as meninas treinavam há 10 meses. Talvez ele ou o jornal tenha se equivocado, mas, de qualquer forma, o que nos interessa aqui é que naquele momento a equipe estava jogando e treinando de forma constante, o que contribuía para os bons resultados e a sequência invicta. Em função da escassez de equipes femininas na própria cidade de Cabo Frio, as atletas tinham que viajar para jogar em outras cidades, o que certamente dificultava a realização dos jogos. Essas viagens indicam também a existência de times de futebol de mulheres espalhados pelo estado, que não recebiam atenção da imprensa, como é o caso das equipes do bairro de Cosmos e de Santa Cruz, da capital fluminense.

Em 1979, a equipe do Onze de Ouro continuou em ação. No mês de março, a vitória por 3 a 2 contra a equipe do Bandeira-2, de São Gonçalo, foi noticiada na página esportiva da edição “Cabo Frio-Araruama-São Pedro D’aldea” e na coluna “Súmula” da edição comum. A primeira matéria, intitulada “Onze Mostra que futebol não é só para os homens”, destacou que era o 16º jogo da equipe e ela manteve a invencibilidade.<sup>262</sup> Se na matéria anterior o Onze estava há 12 partidas sem perder, no intervalo entre as duas ela havia jogado três vezes.

Em maio, o Onze de Ouro apareceu pela última vez no jornal *O Fluminense* no ano de 1979. O time foi campeão de um torneio no campo do Porto do Carro, do qual participaram, em ordem de colocação: Imperial, de São Pedro D’Aldeia; River, da Gamboa; Canarinhas, do Porto do Carro e As Panteras, de São Pedro D’Aldeia.<sup>263</sup> A matéria ainda cita que “O torneio atraiu um grande público ao campo do Porto do Carro e as atletas campeãs foram bastante aplaudidas”.<sup>264</sup> É certo que o time do Onze, em virtude da sua breve trajetória vitoriosa e com um bom futebol, já deveria ser conhecido, ao menos no bairro, o que explica o grande público e os aplausos.

É difícil imaginar que o time tenha deixado de jogar, diante da sequência que vinha tendo, com um técnico fixo desde o ano anterior e com todo o sucesso que a equipe estava

<sup>261</sup> *O Fluminense*, Niterói, 1 dez. 1978, Edição Cabo Frio-Araruama-São Pedro D’aldea, p. 6.

<sup>262</sup> *O Fluminense*, Niterói, 30 mar. 1979, Edição Cabo Frio-Araruama-São Pedro D’aldea, p. 36.

<sup>263</sup> *O Fluminense*, Niterói, 25 maio 1979, Edição Cabo Frio-Araruama-São Pedro D’Aldeia-Macaé, p. 6.

<sup>264</sup> *Ibid.*

fazendo, acumulando vitórias e títulos. No entanto, o fato é que o jornal não noticiou mais a respeito do Onze de Ouro.

Diferentemente do jornal *O Fluminense*, que tinha como foco as notícias do estado do Rio, o *Jornal dos Sports* tinha como intuito realizar uma cobertura jornalística mais ampla, trazendo informações de outros estados e até outros países. Nesse sentido, a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, tinha uma coluna especial, comandada pelo radialista Mário Helênio. Em 1979, essa coluna noticiou por três vezes a respeito da modalidade na cidade, revelando um desenvolvimento. Em uma dessas vezes, Mário Helênio informou que:

Por iniciativa da Associação Atlética Ferroviária, vai ser fundada aqui uma Liga de Futebol Feminino. Dez clubes já foram relacionados para a primeira reunião, na sede do São Carlos, no bairro de Lourdes. Os líderes do movimento, pretendem iniciar, em julho, um grande torneio.<sup>265</sup>

Depois dessa notícia, a coluna “Juiz de Fora” não falou mais a respeito do futebol de mulheres, o que dificulta saber se a Liga foi ou não formada. Independente disso, é significativo o número de dez clubes que participariam da reunião. Certamente, eram equipes da própria cidade e também de cidades vizinhas que jogavam entre si e visavam tornar a prática institucionalizada, a fim de melhorar a organização e proporcionar uma expansão do esporte.

Esse movimento de expansão da prática do futebol pelas mulheres na segunda metade da década de 1970 foi relevante para o fim da proibição em 1979. Os membros do CND, órgão responsável pela deliberação que colocou fim a ilegalidade do futebol e de outros esportes para as mulheres, provavelmente acompanhavam esse processo e perceberam que as proibições já não se sustentavam.

Apesar disso, na prática, o futebol de mulheres deixou de ser proibido, mas não foi regularizado e se manteve inviabilizado. A deliberação menciona que a permissão para a prática dos desportos só seria aplicável quando a entidade internacional da modalidade a realizasse em seus torneios e campeonatos. No entanto, a FIFA, instituição internacional responsável pelo futebol, ainda não havia reconhecido oficialmente o futebol feminino e tão pouco promovia torneios e campeonatos da modalidade. Levando em consideração a literalidade da lei, portanto, as mulheres continuavam impedidas de jogar futebol. Era necessária uma regulamentação da

---

<sup>265</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1979, p. 9.

prática do futebol feminino pelas autoridades esportivas nacionais, para que a modalidade pudesse se organizar e se desenvolver.

## 2.5 A expansão nas praias e a regulamentação

No início dos anos 1980, o Brasil vivia um momento de continuidade da abertura política iniciada em 1974 no governo Geisel. O processo de transição para a democracia seguia de forma lenta, segura e gradual, sendo conduzida pelos militares que ocupavam o governo, com o apoio dos setores econômicos dominantes, os quais estavam fortalecidos com a consolidação do capitalismo possibilitada pela ditadura civil-militar. Existiam outros setores sociais com opiniões diversas a respeito da maneira de conduzir esse processo, embora tenha prevalecido o caminho determinado pela conciliação dos interesses das classes dominantes.

Na esfera futebolística, de forma semelhante, o momento também era de transição. No futebol praticado pelos homens, era preciso renovar os campeonatos diante dos fracassos de renda e público dos últimos certames. Já o futebol praticado pelas mulheres, cresceu a tal ponto que não dava mais para ser ignorado, sendo necessário que as instituições esportivas do país o regulamentassem. A regulamentação do futebol de mulheres contou com propostas de diferentes organizações, porém, prevaleceram os interesses e as convicções dos setores dominantes do mundo do futebol: os homens que dirigiam as instituições desportivas.

Em 1980, foi realizado em Pernambuco o I Congresso de Futebol Feminino, que reuniu atletas, treinadores, preparadores físicos, médicos, advogados e outros atores ligados ao esporte, com o objetivo de discutir a regulamentação do futebol de mulheres, o qual era proibido por lei do Conselho Nacional de Desportos, segundo as notícias veiculadas em periódicos como *O Fluminense*<sup>266</sup> e o *Jornal dos Sports*<sup>267</sup>. Essa referência indica que a legalização, que ocorreu em 1979, não representou efetivamente uma possibilidade para as mulheres jogarem futebol, visto que não existia uma regulamentação que organizasse a modalidade.

Além disso, a CBF não permitia jogos de futebol feminino em estádios considerados oficiais e nos clubes filiados a ela.<sup>268</sup> De acordo com Giovana Silva, o Corinthians chegou a montar uma equipe de futebol de mulheres, mas quando a informação chegou ao CND, as

---

<sup>266</sup> *O Fluminense*, Niterói, 14 e 15 dez. 1980, p. 14.

<sup>267</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1980, p. 3.

<sup>268</sup> A CBF foi criada em 1979, após um decreto da FIFA que exigia que todas as entidades nacionais deveriam ser voltadas apenas para o futebol. Dessa forma, a Confederação Brasileira de Desportos passou a ser Confederação Brasileira de Futebol.

jogadoras foram desligadas do clube.<sup>269</sup> Nessa mesma época, o Cruzeiro, clube tradicional de Minas Gerais, tinha um time chamado Camisa 12, por conta dos problemas com a legislação do CND.<sup>270</sup> Em função das restrições impostas pela CBF, as atletas não poderiam jogar como Cruzeiro e, por esse motivo, adotaram o nome Camisa 12. Em relação aos jogos de mulheres em estádios oficiais, os jornais noticiaram algumas intervenções por parte da CBF, proibindo os jogos, como é o caso da partida que estava prevista para acontecer no Pacaembu, entre o Radar e a Seleção de Porto Alegre, na preliminar de Corinthians e Santos.<sup>271</sup>

Em algumas oportunidades, entretanto, as mulheres conseguiram se articular e atuar nesses espaços tão restritos ao futebol dos homens, que são os grandes estádios. Em seu trabalho, Silva relata que uma partida de futebol feminino entre as seleções do Rio de Janeiro e a de São Paulo, no Morumbi, marcou o encerramento do I Festival Nacional das Mulheres nas Artes, em uma preliminar de Corinthians e São Paulo. Antes do jogo, um telegrama do CND chegou determinando o impedimento da partida. Alguns jogadores do Corinthians, como Sócrates, Casagrande e Biro-Biro, que faziam parte da Democracia Corinthiana,<sup>272</sup> apoiaram as jogadoras anunciando que só jogariam se elas também jogassem. A organizadora do evento, Ruth Escobar, ameaçou invadir o campo junto com as mais de 5 mil mulheres que lá estavam para assistir ao encerramento do evento. A partida aconteceu, porém o São Paulo, responsável pelo estádio, teve que pagar uma multa de 16 salários-mínimos, aplicada como um gesto simbólico da CBF de demonstração de poder.<sup>273</sup>

Tendo em vista a dificuldade de jogar nos estádios oficiais, as mulheres se apropriaram de outros espaços possíveis. As quadras, as areias, os campos de futebol soçaites e os campos de várzea foram os lugares que elas encontraram para jogar sem que algum órgão desportivo intervisse. No Rio de Janeiro, ainda no ano de 1980, alguns campeonatos de futebol de salão foram promovidos, principalmente na zona norte da cidade. Um dos primeiros torneios aconteceu em Del Castilho, participando o Vitória Tênis Clube, do Engenho Novo; o Oposição, de Jacarepaguá; o Grupo Piscina; o América, de Benfica; o São Cristóvão e o Suruí.<sup>274</sup> Outros campeonatos de futebol de salão foram realizados no ano de 1980. No entanto, destaca-se o Campeonato Cacilda Fernandes de Souza<sup>275</sup>, por ter sido um campeonato de longa duração,

---

<sup>269</sup> SILVA, Op. cit.

<sup>270</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 out. 1982, p. 4, Esportes.

<sup>271</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1982, p. 2.

<sup>272</sup> A democracia corinthiana foi um movimento de um grupo de jogadores do Corinthians, que teve início no começo dos anos 1980 e tinha como uma de suas principais pautas a luta pelo fim da ditadura civil-militar

<sup>273</sup> SILVA, Op. cit.

<sup>274</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 25 maio 1980, p. 5.

<sup>275</sup> Nome da diretora do *Jornal dos Sports*

contando com dois turnos e várias rodadas. O *Jornal dos Sports* fez a cobertura de boa parte dos jogos, trazendo os resultados e outras informações. O campeão do campeonato foi o Suruí, de Brás de Pina, que venceu o Vitória por 5 a 4 no último jogo.<sup>276</sup>

No início de 1981, se iniciou nas areias das praias cariocas, sobretudo de Copacabana, um grande movimento de mulheres que se organizaram, formaram equipes e começaram a jogar futebol. As partidas, que se iniciaram de forma tímida, rapidamente ganharam força e em pouco tempo foram organizados torneios que tiveram uma ampla repercussão.

Algumas ponderações sobre Copacabana são importantes para compreender o movimento que ocorreu no início da década de 1980. De acordo com Gilberto Velho, citado por Caroline Almeida: “o local foi vanguarda de vários modismos e práticas no país, tal qual a utilização da praia como espaço de sociabilidade entre jovens - “lugar de esportes, culto à beleza física e às relações sexuais amorosas””.<sup>277</sup> Existia uma dinâmica particular no bairro e na praia, que atraía pessoas em busca de liberdade e do que é moderno. Assim, a praia de Copacabana possuía alguns elementos que tornavam a prática do futebol pelas mulheres possível naquele espaço. A praia do bairro é também um dos principais cartões postais do país, visitada por turistas de todas as partes do mundo e por pessoas de todas as regiões do Brasil. Dessa forma, tudo o que acontece em Copacabana acaba chamando mais atenção. A expansão da prática do futebol feminino acontecia desde a segunda metade da década de 1970, em diferentes lugares; porém, é justamente quando ela toma as areias de Copacabana que passa a ser mais notada e divulgada pela imprensa, atraindo marcas famosas, como o Unibanco e os Relógios Mondaine, os quais patrocinaram campeonatos e o Esporte Clube Radar. Nesse contexto, a territorialidade é um elemento central, de modo que a expansão da prática em Copacabana possui um papel determinante para a regulamentação da modalidade.

O 1º Torneio de Futebol Feminino de Praia foi organizado pelo Copacabana Clube e contou com a presença de 8 equipes.<sup>278</sup> Segundo Almeida, as equipes, em um primeiro momento, levavam os nomes das ruas do bairro e, posteriormente, algumas marcas locais se interessaram, vinculando os seus nomes aos times, como é o caso do *American Denin* e do *Belford Roxo/Gang*. Para o torneio, foi montado um mini estádio, com campo demarcado por fitas, palanques e sistema de som.<sup>279</sup> No primeiro jogo da competição, aproximadamente 2 mil

<sup>276</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1980, p. 7.

<sup>277</sup> VELHO, Gilberto, 2002, p. 14-15. Apud ALMEIDA, Op. cit.

<sup>278</sup> O Copacabana Clube era o Radar, que mudou de nome por algum tempo, mas posteriormente voltou a ser Radar. O Eurico Lira já era o presidente do clube e foi o responsável pela organização do campeonato.

<sup>279</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1981, 1º Caderno - Esportes, p. 21.





As moças usaram o físico para compensar a falta de uma técnica mais apurada

### Futebol feminino é a atração na praia

Com a presença de mais de 2 mil pessoas, e muita organização, foi realizado ontem na areia do Lido em Copacabana o 1º Torneio de Futebol de Praia Feminino, organizado pelo Copacabana Clube. As equipes vencedoras, que se classificaram para disputar hoje o final do torneio, foram Camburão, Federal, Ronald e Soccer Angels. Participaram ainda as equipes dos Grêmios, Gang-Bel, Tap Ipanema, Agorá e Banda de São Ferrnna.

Além das lidas garotas que participaram do primeiro etapa do torneio, a grande atração do Brasil, da Seleção Brasileira e que está se recuperando de uma fratura na perna fazendo exercícios na Escola de Educação Física do Exército. Ela foi incluída convidada para dar o chute inicial, tendo seu nome gravado em ouro.

**Solistas**  
Dentro do horário previsto, tiveram início as atividades de abertura do Torneio de Futebol Feminino com o chute das equipes participantes e a execução do Hino Nacional brasileiro na praia Bandeira da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Logo após começaram os jogos que tiveram os seguintes resultados: Camburão 1 x 0 Grêmios, Clube Federal 1 x 1 Gang-Bel 1

Clube Federal venceu por 3 a 0 nos penáltis; Ronald 3 x 0 Tap Ipanema; Agorá e Soccer Angels 3 x 0 Banda de São Ferrnna.

As equipes participantes jogaram assim: Camburão — Cezília, Valéria, Rita, Priscila e Dulce; Fátima, Cristina e Lilian; Mônica, Cláudia e Magda; Gatinha — Cássia, Cassia, Cláudia, Márcia e Constança; Sandra, Carmem e Juarena; Joaze, Sara e Evelyn.

Clube Federal — Denise, Renata, Mônica, Rose e Angélica; Stella, Sandra e Helena; Dora, Gláucia e Andréia; Gang-Bel — Rosanna, Maurício, Elaine, Soraya e Lorelai; Patrícia, Lucie e Cristiana; Bebel, Cida e Simone.

Ronald — Carmelita, Valéria, Beth, Dêlia e Glória; Sidney, Daniela e Tereza; Neza, Airgema, Albertina; Tap Ipanema Agorá — Vanessa, Cláudia, Berna, Babu e Cláudia; Regina, Patrícia, Ana Paula e Lucio; Anelha, Miriam e Glória.

Soccer Angels — Jara, Elaine, Cláudia, Cláudia, Mara e Maristela; Maria Conceição, Maria José e Beth; Solange, Cláudia Maria e Mariana; Banda de São Ferrnna — Américo, Maria Luísa, Irone, Ana Maria e Lúcia; Cláudia Regina, Cláudia Fernandes e Edna, Ana Maria, Nanda e Reginalda.

### Brasil passa a liderar golfe de duplas femininas

São Paulo — Uma grande reação, com as duas jogadoras demonstrando muita tranquilidade e eficiência, a equipe do Brasil assumiu ontem a liderança do 4º Campeonato Internacional de Duplas Femininas de Golfe, contando 210 lanchas em três dias de competição. A Espanha, com 211, está em segundo lugar e o torneio, que se realiza no campo do São Fernando, termina hoje.

A equipe brasileira, formada por Elizabeth Nickerson e Cláudia Bertoni, que no primeiro dia, quinta-feira, havia ficado 74 e terminou na quarta posição, atrás da Suíça, Espanha, França, Itália, Japão e Rússia, passou para o terceiro lugar no dia seguinte, com 70 lanchas. Ontem, ela terminou com 56, jogando em um abastido do par do campo do São Fernando, enquanto a Suíça jogou 70. O Brasil foi 34 e 32 e passou a ser forte concorrente ao título.

#### Classificação

A classificação geral do campeonato agora é a seguinte: 1. Brasil, 210; 2. Espanha, 211; 3. Suíça, 213; 4. França, 215; 5. Argentina, 218; 6. Japão, 219; 7. Portugal, 223; 8. México, 223; 9. Suécia, 225; 10. Colômbia, 227; 11. Itália, 227; 12. Equador, 229; 13. Bélgica, 230; 14. Peru, 232; 15. França, 236; 16. Chile, 238; 17. Uruguai, 240; 18. Paraguai, 253.

As equipes do Brasil e da Espanha serão juntas, hoje, as 11h30, e a expectativa é muito grande, devendo o São Fernando receber muita gente, a exemplo do que aconteceu ontem. A medida do tempo na Capital foi com que as jogadoras brasileiras subiram de posição: uma vez que o campo ficou seco Elizabeth Nickerson, que na véspera da abertura do torneio disse que o campo, então, estava seco, não favoreceu as espanholas, que batem fortemente na bola, agora esta mais úmida.

Apesar de França ter mencionado depois do primeiro dia de competição, sua colocação, a qual, com 215, está surpreendendo, pois Concha Roulos e Eliane Bertoni eram apontadas por quase todas as comentaristas como favoritas. A Suíça, também considerada uma das grandes forças do campeonato, está muito mal, ficando inclusive atrás de Portugal e do Brasil, equipes pouco cotadas.

#### Veteranos

Com uma rodada de vantagem sobre Roma Carvalho, que tem o terceiro tempo, Douglas Canedo assumiu a liderança do 27º Campeonato Alberto de Veteranos do Estado do Rio de Janeiro, que teve sua primeira volta ontem, no campo do Olveira, em 18 buracos, stroke-play. Ele lidera a categoria seneca, com 71 goals.

Canedo jogou ainda a categoria 9-18 do campeonato, com 64 net, enquanto Carlos Pires está a frente da categoria 17-22, com 66 net e Carlos Bandeira lidera a 23-36, com 67 net. A última volta do campeonato, que reúne 87 jogadores de várias idades, será hoje, no campo do Olveira, com mais 18 buracos.

Da realização da primeira volta foram mesmo sete: 1. Douglas Canedo, 78; 2. Romão Carvalho, 79; 3. Francisco Castanheira, 81; 4. 8-18: 1. Douglas Canedo, 64 net; 2. Francisco Castanheira, 65 net; 3. Carlos Pires, 65; 4. 17-22: 1. Armando Pereira Rotta e Dennis Talbot, 71; 2. 23-36: 1. Carlos Bandeira, 67; 2. Wayne Hawkins e Leon Bernard, 72; 3. 33-36: 1. José Amador Peláez e João Manoel, 73; 3. Albert

### Corinthians vence e Rondinelli é o maior destaque

São Paulo — A boa atuação de Rondinelli — o melhor jogador da partida — foi um fator importante na vitória do Corinthians sobre a Ponte Preta, por 3 a 2, ontem à tarde, no Estádio Moisés Luparelli, em Campinas. A partida, válida pelo retorno do Campeonato Paulista, teve a arbitragem de Oscar Bezerra, e a renda contou com 2 mil 100 e 70 mil 800, com público de 19 mil 388 pagantes.

O resultado permitiu ao Corinthians quebrar um tabu de cinco anos, pois a Ponte Preta jogando em seu campo não havia mais se tornado adversária desde 1976. O Corinthians venceu e Rondinelli controlou as finalizações, sendo negativas as de Roberto de Jesus, como uma falta de grande importância para o Corinthians que impediu o aproveitamento a posição de segundo lugar e na classificação geral do Campeonato.

As equipes jogaram assim: Corinthians — Rabeli, Luis Claudio, Romário, Daniel e Vladimir; Campesina — Beto Beto e Zéton; Ponte Preta — Carlos, Edson (Torção Oliveira), Ruel, Nelson e Odinei; São Paulo, Corvado e Humberto (Marco Aurélio, Sérgio, Jorge Campos e Abel).

**BOLAS JOGADAS**  
O público presente ao estádio Moisés Luparelli viu um bom jogo, com as equipes comendo muito, buscando o gol a toda vontade. O Corinthians abriu a

contagem aos 12 minutos, com um gol de Roberto de Jesus, que entrou no campo na área e chutou sobre o goleiro de Carlos. Mas a Ponte chegou ao campo aos 22 minutos, com um gol de Humberto e o primeiro tempo terminou 1 a 1.

No 45º complementar, aos dois minutos, Roberto marcou excelente jogada árbitro Rudes e Carlos e o goleiro do Corinthians novamente em vantagem. Aos 18 minutos, Abel, que havia entrado no lugar de Humberto, fez 3 a 1, para Abel, aos 33 minutos.

No 45º complementar, a Ponte pressionou bastante, mas o goleiro Zéton do Corinthians, com a ajuda de Roberto de Jesus, conseguiu controlar as finalizações de Roberto de Jesus, como uma falta de grande importância para o Corinthians que impediu o aproveitamento a posição de segundo lugar e na classificação geral do Campeonato.

As equipes jogaram assim: Corinthians — Rabeli, Luis Claudio, Romário, Daniel e Vladimir; Campesina — Beto Beto e Zéton; Ponte Preta — Carlos, Edson (Torção Oliveira), Ruel, Nelson e Odinei; São Paulo, Corvado e Humberto (Marco Aurélio, Sérgio, Jorge Campos e Abel).

O público presente ao estádio Moisés Luparelli viu um bom jogo, com as equipes comendo muito, buscando o gol a toda vontade. O Corinthians abriu a

### Atlético enfrenta América e tem Luisinho de volta

São Paulo — Com o retorno de Luisinho, o Atlético enfrenta hoje a América, em quarta rodada do Campeonato Paulista, às 19h30, no Estádio do Morumbi. O Atlético, que está em primeiro lugar, com 12 pontos, enfrenta o Atlético, que está em segundo lugar, com 10 pontos. O jogo será transmitido pelo canal 10 da Rede Globo.

Atlético — Carlos, Edson (Torção Oliveira), Ruel, Nelson e Odinei; América — Roberto de Jesus, como uma falta de grande importância para o Corinthians que impediu o aproveitamento a posição de segundo lugar e na classificação geral do Campeonato.

Figura 11: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 out. 1981, 1º Caderno - Esportes, p. 41.

No início de 1982, um outro campeonato começou a ser planejado novamente pelo Copacabana Clube, chamado Coopertone Open. Em uma matéria intitulada “O “show” de bola das estrelas do futebol feminino”, a jornalista Sônia Machado entrevistou o presidente do Copacabana Clube, Eurico Lira e trouxe informações sobre o campeonato e a modalidade. Eurico mencionou que a maioria das pessoas achou que o campeonato do ano anterior daria errado, mas, para ele, se enganaram, pois foi um sucesso. Além disso, a expectativa para o Coopertone Open era a melhor possível, pois este contaria com um regulamento feito pelos 12 times participantes.<sup>281</sup> De acordo com o *Jornal dos Sports*, o campeonato contava com o apoio da Federação de Esportes de Praia do Estado do Rio de Janeiro e a promoção da Plough Laboratories<sup>282</sup>, responsável pela produção do protetor solar da marca Coppertone, que dava nome a competição.

O *Jornal do Brasil* foi o meio de comunicação e entre os pesquisados, que fez a cobertura mais completa da competição, trazendo notícias sobre a maior parte dos jogos, que aconteciam aos domingos. De acordo com o *JB*, “Se durante todo o torneio o interesse do público foi aumentando gradativamente, ontem na semifinal, com uma arquibancada montada perto da rua,

<sup>281</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1982, Caderno B, p. 2.  
<sup>282</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 jan. 1982, p. 7.

esteve tudo lotado”.<sup>283</sup> A expectativa para a final entre Radar e Federal era de um público ainda maior. Antes do jogo, estava programada uma disputa de pênaltis entre artistas de televisão, como Maitê Proença, Kate Lira e Pepita Rodrigues e a disputa do terceiro lugar entre Bell Yamamoto e Di Occhiali.<sup>284</sup>

Na final, cerca de 5 mil pessoas compareceram para prestigiar o evento. Na disputa do terceiro lugar, o Bell Yamamoto venceu o Di Occhiali por 1 a 0 com gol de Célia Marta. Já a disputa de pênaltis entre as artistas, apesar da empolgação do público, não foi tão boa, pois cada uma delas converteu apenas uma penalidade de cinco. A grande final entre Radar e Federal ficou empatada por 0 a 0 e o resultado manteve-se na prorrogação, levando a disputa para os pênaltis. Embora o jogo não tenha tido nenhum gol, o jornal destaca que não foi uma partida monótona, de modo que as equipes fizeram um bom jogo, criando oportunidades de abrir o placar. Ao final da prorrogação, contudo, os torcedores invadiram o “campo de jogo”, dificultando a organização das cobranças de pênaltis. Como a iluminação era ruim, o árbitro da partida decidiu adiar a decisão.<sup>285</sup>

A partida extra foi marcada para o dia 6 de março e o Radar sagrou-se campeão do Coppertone Open, diante do Federal, vencendo por 3 a 1, com destaque para a jogadora Marilza, apelidada de Pelezinha.<sup>286</sup> Na notícia do título, o *Jornal do Brasil* salientou o seguinte:

Mas nenhuma das quase 300 moças que participaram da competição desde janeiro perdeu nada, porque o grande vencedor acabou sendo o até então incipiente futebol feminino, que deu um passo importante para sua aceitação, tal como na Europa, onde há jogos inclusive entre seleções nacionais.<sup>287</sup>

De fato, a competição tinha um significado muito expressivo para o futebol de mulheres. Elas foram as protagonistas do espetáculo, em um espaço de grande relevância mundial, que é a praia de Copacabana, mostrando que apesar das discriminações e preconceitos, possuíam técnica e categoria para jogar. Nesse sentido, além das pessoas que viram de perto as garotas jogando, muitas outras ficaram sabendo por meio das notícias.

---

<sup>283</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1982, 1º Caderno, p. 29.

<sup>284</sup> *Ibid.*

<sup>285</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1982, 1º Caderno, p. 17.

<sup>286</sup> Pelezinha fez carreira na equipe do Radar e seguiu se destacando nos gramados. Ela participou do Campeonato Mundial Experimental de 1988.

<sup>287</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 mar. 1982, 1º Caderno, p. 35.

O sucesso das competições em Copacabana influenciou outros atores sociais a promover eventos semelhantes em outros lugares. É o caso do jornal *O Fluminense*, que alguns meses depois promoveu um torneio de futebol feminino na praia de Icaraí, em Niterói. De acordo com o jornal:

Nos quatro dias que tivemos para divulgar este evento, usamos a Rádio Fluminense FM. 94,9, ouvida pela grande massa jovem, e O FLUMINENSE, o mais lido, o que resultou numa grande multidão na praia de Icaraí. Todos vibraram durante as três partidas de futebol feminino, disputadas entre as equipes do Stampa 3, Giló, Swet e West Side.<sup>288</sup>

O jornal *O Fluminense* possuía tradição na promoção de eventos esportivos em Niterói, contando com o auxílio de uma rádio que auxiliava na difusão dos mesmos, chegando aos ouvidos de boa parte da população niteroiense. Na década anterior, o mesmo periódico esteve envolvido diretamente na organização de torneios de futebol feminino, que foram abordados anteriormente nessa dissertação.

No contexto internacional, a tendência era de crescimento e reconhecimento. Isso significa que além do aumento da prática, as federações continentais e nacionais, estavam promovendo campeonatos da modalidade. O jornalista do *Jornal do Brasil*, José Inácio Werneck, trouxe a informação que a partir de 1982 a UEFA realizaria uma Taça Europa de Futebol Feminino, pois, segundo a reportagem, a entidade resolveu se curvar à realidade de que o futebol é cada vez mais popular entre as mulheres.<sup>289</sup> Na Ásia, a China era o grande destaque do continente, tendo diversas equipes disputando campeonatos, como por exemplo a Mu-Ian, vencedora da II Copa Asiática de Futebol Feminino em 1980. Para comemorar o feito, a República da China anunciou o lançamento de dois selos comemorativos, com tiragem de 2 milhões de exemplares cada uma, evidenciando a força do futebol de mulheres no país.

Nesse mesmo contexto, o presidente da FIFA, João Havelange, começou a comentar sobre a disposição da FIFA de organizar um Campeonato Mundial de futebol feminino. O assunto surgiu na imprensa do Rio de Janeiro no ano de 1981, por meio de Abílio Almeida, integrante do Comitê Executivo da FIFA. A matéria, que trazia diversos temas, mencionava que:

---

<sup>288</sup> *O Fluminense*, Niterói, 27 jun. 1982, *Jornal da Gente*, p. 19.

<sup>289</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1981, 1º Caderno, p. 19.

Embora seja proibido no Brasil, o futebol feminino vem sendo difundido, com grande aceitação por parte das atletas e do público, na Europa. E como está sendo explorado por uma série de empresários, a ideia da FIFA é de organizar a competição, a fim de legitimá-lo e ter o controle de seu exercício.<sup>290</sup>

Nota-se que a ideia de organizar o Mundial da modalidade surge em função da sua expansão e, sobretudo, da exploração do esporte por empresários. A instituição, enquanto entidade máxima do futebol, se via no dever de controlar não só o futebol feminino, mas as modalidades desse esporte, como é o caso do futebol de salão, que nesse mesmo momento passava por um processo de incorporação à FIFA. No início da década de 1970, um movimento semelhante aconteceu, mas a FIFA apenas aconselhou as entidades filiadas a tomarem conta da prática do futebol praticado por mulheres. Pode-se dizer que a instituição adiou consideravelmente o seu envolvimento direto com a prática, tendo em vista que apenas em 1988 foi realizada uma competição organizada por ela.<sup>291</sup>

No ano de 1982, foram várias as declarações a respeito da realização do campeonato mundial de futebol feminino e partiram do próprio João Havelange, presidente da FIFA. Ele estava no comando da instituição desde 1974 e caminhava para o terceiro mandato, pois a sua candidatura era única.

Havelange tinha, portanto, legitimidade e apoio para desempenhar o seu trabalho à frente da FIFA. Nesse ambiente de transição para um novo mandato, a ideia da promoção de um campeonato de futebol feminino era interessante, tendo em vista que representava uma novidade, atrelada às mudanças que as sociedades vinham sofrendo ao redor do mundo.

Em uma entrevista para o *Jornal dos Sports*, Havelange mandou uma mensagem direta para o CND, dizendo o seguinte:

Recomendo - prosseguiu Havelange - a regulamentação do futebol feminino no Brasil o mais rápido possível, para que possa participar do mundial que a FIFA realizará. Não posso me meter nos assuntos do CND, mas acho que seria bom para o próprio país participar desta competição.<sup>292</sup>

---

<sup>290</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1981, p. 4.

<sup>291</sup> De acordo com o *site* do museu do futebol: “O I Torneio Internacional de Futebol Feminino foi um campeonato experimental, que contou com a participação de 12 países: Brasil, Estados Unidos, Canadá, Costa do Marfim, Austrália, Japão, Tailândia, Checoslováquia, Noruega, Suécia, Holanda e China. O torneio foi um teste para a realização de um futuro Campeonato Mundial, e ocorreu na China durante os dias 1 e 12 de junho”. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/700379/>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

<sup>292</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 maio 1982, p. 7.

As declarações de Havelange em relação à realização de um mundial da categoria, assim como as suas falas sobre a regulamentação da modalidade no Brasil, causaram reações dos dirigentes das entidades esportivas brasileiras, que passaram a comentar sobre o assunto, indicando que estavam dispostos a regulamentar o esporte. O *Jornal do Brasil* noticiou que o presidente da CBF, Giulitte Coutinho, por exemplo, comentou que via com normalidade a ideia do mundial e da regulamentação do esporte no Brasil.<sup>293</sup>

Apesar de tudo isso, alguns sujeitos ainda se colocavam contra a prática do futebol pelas mulheres, baseando-se ainda em argumentos de ordem médica. Giovana Silva cita uma reportagem da *Folha de S. Paulo* em que o médico Mario Pini, professor de medicina da USP, se posicionava contra a prática não só do futebol, mas de qualquer esporte de excessivo contato físico.<sup>294</sup> No *Jornal dos Sports*, em uma matéria que debatia a regulamentação, o Dr. Waldemar Arenos, membro do comitê médico da Confederação Internacional de Atletismo, mencionava que a mulher não deveria se expor a um esporte tão viril.<sup>295</sup> Os argumentos dos médicos, contudo, não tinham base em estudo científico, mas em uma mentalidade que desde muito tempo via a mulher como um ser frágil. De todo modo, esse tipo de pensamento vinha perdendo força, principalmente em virtude da luta de mulheres que gradativamente passaram a ocupar espaços sociais até então entendidos como masculinos, demonstrando que as suas características físicas não eram um impedimento.

Entre junho e julho de 1982, a Espanha sediou a XII Copa do Mundo de futebol masculino. Às vésperas do início da competição, a equipe do Radar, que naquela altura contava com o patrocínio do Unibanco, viajou ao país para fazer alguns amistosos beneficentes. A ida do Radar à Espanha foi muito relevante para o futebol de mulheres no Brasil, pois gerou grande atenção da imprensa. Silva relata que as informações sobre o Radar pouco apareciam na imprensa paulista, mas a excursão para a Espanha recebeu atenção do jornal *O Estado de São Paulo*.<sup>296</sup> O Radar obteve ótimos resultados na Espanha, causando boa impressão aos que assistiram e jogou em um dos principais estádios do mundo, o Santiago Bernabéu, na capital Madri, para um público de mais ou menos 20 mil espectadores.<sup>297</sup>

Após a excursão do Radar à Espanha, os debates a respeito da regulamentação se intensificaram. No entanto, existia um impasse entre a CBF, o CND e a FIFA, de modo que os

---

<sup>293</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 maio 1982, p. 5.

<sup>294</sup> SILVA, Op. cit.

<sup>295</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1982, 2º Clichê, p. 6.

<sup>296</sup> Silva, Op. cit.

<sup>297</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1982

dirigentes dessas instituições tiravam de si a responsabilidade de resolver a situação. Entre o final de julho e o começo de agosto de 1982, o *Jornal do Brasil* publicou uma série de notícias que retratam bem o imbróglio entre essas instituições esportivas no que tange a regulamentação do futebol de mulheres no Brasil. Uma matéria do dia 30 de julho expõe que o diretor de futebol da CBF, Medrado Dias, disse que o futebol feminino deveria ser estimulado e que a Confederação estava pensando em estudar o assunto. O presidente do CND, César Montagna, por sua vez, afirmou que já havia deliberado sobre o assunto na Resolução 10/79, citando o artigo 1, no qual constava que a permissão da prática das modalidades às mulheres estaria vinculada às condições estabelecidas pelas entidades internacionais, que no caso do futebol, era a FIFA e o artigo 4, o qual estabelecia que a entidade dirigente (no caso do futebol, a CBF), deveria solicitar ao CND a devida autorização para que o desporto fosse praticado. Já o presidente da FIFA, João Havelange, mantinha o discurso de realização do mundial feminino, com previsão de acontecer até 1986 e que caberia a entidade brasileira providenciar tudo, no caso a regulamentação da modalidade, para que o Brasil tivesse um representante.<sup>298</sup>

No dia seguinte, uma outra matéria tratando sobre o assunto foi publicada pelo mesmo jornal. Dessa vez, o técnico da seleção brasileira masculina, Telê Santana, era quem se colocava a favor da regulamentação. Na mesma matéria, o presidente da CBF, Giulitte Coutinho, mencionou que deveria haver uma definição por parte da FIFA em relação ao futebol feminino e ao futebol de salão, para que as entidades nacionais pudessem se organizar ou assumir o comando dos esportes. Coutinho também disse que:

Pessoalmente também sou favorável à regularização. E desde o momento em que o CND abre uma perspectiva de regularizá-lo e há a informação de que a CBF teria de pedir ao órgão autorização para sua liberação, pode ser que a CBF peça isso ao CND. Mas também gostaríamos de ver como vai ser esta competição experimental que a FIFA vai dirigir, gostaríamos de observá-la. Tudo também depende da posição da diretoria da CBF.<sup>299</sup>

O discurso do presidente da CBF é bastante confuso, revelando o seu desconhecimento sobre o tema. Assim, uma série de declarações vagas e desconexas são colocadas, tais como: “Pode ser que a CBF peça isso ao CND”. “Tudo também depende da posição da diretoria da CBF”. Apesar de se colocar favorável à regularização, Giulitte Coutinho não mostrava disposição para que isso fosse concretizado. Silva menciona que havia comentários da

<sup>298</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jul. 1982, p. 6.

<sup>299</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1982, Esportes, p. 3.

existência de atritos políticos entre o presidente da CBF e o presidente da FIFA, João Havelange, o que pode ser uma boa explicação para a postura dos dirigentes, de “jogar” um para o outro a responsabilidade sobre o assunto.<sup>300</sup>

Enquanto os dirigentes não resolviam a questão da regulamentação, as mulheres seguiram jogando. Entre os meses de agosto e outubro de 1982, foi disputado o Torneio de Futebol Soçaito Feminino, promovido pelo *Jornal dos Sports* com patrocínio das Casas Pernambucanas. Alguns times participantes, como é o caso do Federal, atuavam nas praias de Copacabana e outros, como o Alberto's, eram formados por jogadoras que atuavam nas praias ou nas quadras. Outro time que participou da competição foi o Bangu, que praticava o futebol de campo, mas se adequou ao soçaito, sendo uma das grandes forças do campeonato. O campeonato foi muito disputado e vencido pelo Federal na final contra o Alberto's, sendo a jogadora Vera Chagas a artilheira e o destaque da competição.<sup>301</sup>

O último grande evento do futebol feminino no ano de 1982 ocorreu entre os meses de outubro e dezembro. Trata-se da Copa Mondaine de Futebol Feminino, promovido pelo *Jornal dos Sports* com o patrocínio da marca de relógios Mondaine, a qual também havia fechado um patrocínio recente com o Radar. Percebendo o desenvolvimento do futebol das mulheres e o crescente interesse do público com a modalidade, o *Jornal dos Sports* investiu na promoção de campeonatos com o apoio de empresas que vislumbraram uma oportunidade de se comunicar, principalmente com as mulheres e o público jovem. De acordo com o *Jornal dos Sports*, foi realizada uma festa do futebol de praia, que contou com a presença da seleção masculina de futebol de areia. Neste mesmo evento, a equipe do Radar enfrentou a seleção da Copa Mondaine de Futebol Feminino. Na notícia, o presidente da Federação de Praia, Eurico Lyra, que também era presidente do Radar, agradeceu ao diretor do *Jornal dos Sports*, Climério Velloso, pelo apoio dado ao futebol de praia, dando o nome do diretor do periódico a um dos troféus entregues no evento. Além disso, como foi destacado pelo jornal, os outros troféus entregues no evento levavam o nome do presidente da FIFA, João Havelange, do presidente da CBF, Giulitte Coutinho, e do presidente da CBD, General César Montagna.<sup>302</sup> Com essa iniciativa, Eurico Lyra visava receber o apoio daqueles que podiam atuar para atender os seus interesses. No caso do diretor do jornal, mantendo a cobertura ao futebol das mulheres e, em relação aos presidentes das instituições esportivas, regulamentando a modalidade.

---

<sup>300</sup> SILVA, Giovana Capucim e. Op. cit., p. 102.

<sup>301</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 out. 1982.

<sup>302</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1982, p. 7.

No final de 1982, o *Jornal do Brasil* publicou uma matéria sobre um anteprojeto feito pela Federação Gaúcha de Futebol, desenvolvido por uma comissão especial formada por médicos, professores de educação física, advogados, árbitros e atletas, que foi enviado ao CND, Ministério da Educação e outros órgãos que possuem relação com a esfera esportiva. A matéria citava alguns pontos do projeto, como a obrigatoriedade de chuteiras sem travas pontiagudas, diminuição do tamanho e peso da bola e um sutiã especial para a proteção dos seios.<sup>303</sup> Não por acaso, o ex-presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Rubens Hofmeister, candidato de oposição à presidência da CBF, anunciava como uma de suas propostas a regulamentação do futebol feminino, que deveria ser feita com urgência.<sup>304</sup>

No início do ano seguinte, a discussão sobre a regulamentação permaneceu e o presidente do CND, César Montagna, fez questão de esclarecer que: “O futebol feminino terá que passar por um estágio de desenvolvimento, como aconteceu com o masculino, até adquirir condições de ser profissionalizado”.<sup>305</sup> O presidente do CND, no entanto, desconsiderou, entre outros aspectos, que o futebol das mulheres já desenvolvendo-se desenvolvia em diversos estados do país mesmo sem estar regulamentado e, além disso, não esclarece de forma concreta quais seriam as condições da profissionalização. Na mesma reportagem, César Montagna atribuiu a demora para a regulamentação ao processo eleitoral da CBF, mas acreditava que o presidente da instituição reeleito, Giulitte Coutinho, se encarregaria de conduzir os trabalhos visando a regularização da modalidade.

Foi o que, de fato, aconteceu. Mas, não de forma espontânea. O anúncio da promoção de um campeonato de nível nacional pelo Radar, reunindo os campeões de alguns estados, pode ter contribuído para a aceleração do processo, tendo em vista a necessidade de a CBF adquirir o controle desse tipo de competição. O técnico do Bangu, Robson Prado, também pressionou as autoridades esportivas, Ele se reuniu em uma oportunidade com César Montagna, expondo os detalhes do futebol das mulheres no Brasil em outra com André Richer, diretor do Departamento Jurídico da CBF e que era um dos responsáveis por conduzir os estudos com vistas a regulamentar a prática.<sup>306</sup> De acordo com o *Jornal dos Sports*:

O Diretor do Departamento Jurídico da CBF, André Richer, prometeu ontem a tarde ao treinador Robson Prado, técnico do Bangu, que na reunião de Diretoria da entidade, no dia 25 deste mês, será debatida a regulamentação do futebol feminino. O assunto

---

<sup>303</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1982, Esportes, p. 3.

<sup>304</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 28 dez.1982, p. 11.

<sup>305</sup> *O Fluminense*, Niterói, 4 fev. 1983, p. 13.

<sup>306</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1983, p. 4.

será encaminhado então ao CND para oficialização da modalidade e, por isso, Richer acredita que em meados de abril o futebol feminino já estará devidamente regulamentado.<sup>307</sup>

A matéria dizia ainda que a regulamentação seria feita de acordo com o que a UEFA já havia aprovado, até então, para a prática do esporte. Entre alguns itens citados, consta que a duração do jogo seria de 35 minutos e as dimensões do gramado seriam as mesmas do futebol masculino.

Como estipulou André Richer, o futebol de mulheres foi devidamente regulamentado em abril, quando foi publicado no diário oficial, no dia 11.<sup>308</sup> No entanto, o anúncio do CND sobre a regulamentação já havia sido dado no final de março, fazendo com que os meios de comunicação repercutissem sobre a decisão.



Figura 12: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1983, p. 14.

A matéria feita pelo *Jornal dos Sports* anunciando a regulamentação destaca a equipe do Radar como responsável pela aceitação e divulgação da modalidade, levando em consideração os campeonatos promovidos pela equipe e a excursão feita à Espanha em 1982. Sem dúvida alguma, o Radar teve grande relevância nesse processo. Contudo, outras equipes

<sup>307</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1983, p. 4.

<sup>308</sup> Disponível em: < <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1983/04/11> >. Acesso em: 8 jul. 2022.

também foram importantes para o crescimento da prática, não só no Rio de Janeiro, mas também em outros estados. A ênfase no Radar, por parte do *Jornal dos Sports*, parece estar associada não apenas aos seus feitos futebolísticos, mas também ao seu patrocinador, os Relógios Mondaine, que anunciava a marca no jornal, como pode ser visto nitidamente na imagem acima.

Entre as imagens colocadas na matéria, chama atenção a menor delas, logo abaixo do título “Regulamentado o futebol feminino”. A comemoração do momento mais importante de um jogo de futebol, o gol, é exposta de maneira a representar a comemoração das jogadoras pelo momento mais importante do futebol feminino até então, a regulamentação.

A Deliberação 01/83, que regulamentava o futebol feminino no Brasil, estabelecia uma série de regras e normas. De acordo com o documento, o futebol feminino teria a categoria juvenil, de 14 até 18 anos e a categoria adulto, acima de 18 anos, sendo proibido o jogo de equipes femininas contra equipes masculinas ou a formação de equipes mistas. Além disso, as leis das partidas seriam as mesmas promulgadas pela *International Board*, com algumas exceções, tais como a bola que seria a número 4, sendo um pouco menor e mais leve que a do futebol masculino e o tempo da partida, que seria de 70 minutos. Conforme divulgado anteriormente pelo *Jornal dos Sports*, as normas específicas para o futebol das mulheres foram equivalentes às estabelecidas pela UEFA, visto que a FIFA teria acolhido as recomendações da confederação europeia, o que as cancelaram completamente como o principal ponto de referência sobre o assunto.<sup>309</sup>

Como foi mencionado no início deste tópico, a regulamentação do futebol de mulheres no Brasil foi um processo conduzido por um pequeno grupo de homens que faziam parte das instituições esportivas brasileiras. Ainda assim, é fundamental perceber que esse processo só foi possível em virtude das mulheres que se dedicaram ao esporte, participando dos campeonatos, influenciando outras garotas e desenvolvendo a modalidade. O próprio CND reconhece isso em suas considerações iniciais da Deliberação nº 01/83, ao traçar algumas justificativas para a regulamentação, escrevendo: “[...] CONSIDERANDO o inequívoco interesse das mulheres, no Brasil, em praticar o futebol de campo [...]”<sup>310</sup>. Portanto, apesar das limitações da regulamentação, que não previa, por exemplo, a profissionalização, essa foi uma conquista de todos os envolvidos na promoção da modalidade, mas, sobretudo, das jogadoras.

Diante desse panorama, cabe levantar os seguintes questionamentos: quais foram as mudanças trazidas pela regulamentação ao futebol praticado por mulheres? O que essa

---

<sup>309</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1983, p. 4

<sup>310</sup> BRASIL, 1983. Deliberação CND nº 01/83.

regulamentação representou para o futebol feminino em termos práticos? É a partir desses questionamentos que iniciamos o próximo capítulo.

### Capítulo 3: O futebol de mulheres pós regulamentação até o primeiro mundial

A regulamentação do futebol feminino no Brasil, chamada também por alguns jornais de oficialização,<sup>311</sup> aconteceu no mesmo contexto da Campanha das *Diretas Já*, movimento político e social que tinha como objetivo eleições diretas para Presidente da República. O historiador Carlos Fico compreende que esse movimento é marcado por um sentimento de puro otimismo, no qual “o brasileiro, alegremente, espontaneamente, rompe com o obscurantismo e exige seus direitos”.<sup>312</sup> Era, assim, sobretudo, um movimento de esperança. De forma semelhante, a regulamentação do futebol de mulheres fazia a modalidade respirar esses mesmos ares de otimismo, esperança e entusiasmo.

Com o apoio de grande parte da imprensa esportiva, que outrora havia condenado o futebol de mulheres e contribuído para a sua proibição, a regulamentação representava a possibilidade de estruturação e desenvolvimento do esporte no Brasil. No entanto, existia um entrave colocado pela mesma, o amadorismo. Em entrevista concedida ao jornal *O Fluminense*, o presidente do CND, general César Montagna, pouco tempo antes da regulamentação, disse que: “O futebol feminino terá que passar por um estágio de desenvolvimento como aconteceu com o masculino, até adquirir condições de ser profissionalizado”.<sup>313</sup> Essa situação criava uma grande dificuldade para a maior parte das jogadoras, as quais pertenciam às classes menos favorecidas e tinham que conciliar o futebol com o trabalho. Dessa maneira, a regulamentação já nasceu com uma pauta aberta para as atletas: a profissionalização.

Em termos práticos, a regulamentação representou continuidade daquilo que já estava sendo feito pelos atores sociais envolvidos com o futebol de mulheres. No Rio de Janeiro, campeonatos vinham sendo realizados nas praias, nas quadras e em campos *society*. Eles continuaram sendo realizados, mas aos poucos foram passando para o comando da Federação Estadual de Futebol do Rio de Janeiro, a FERJ.

Inclusive, o Primeiro Torneio Brasileiro de Clubes Campeões de Futebol Feminino foi realizado antes da publicação em diário oficial da regulamentação. O torneio aconteceu no campo do Juventus, em Copacabana, organizado pelo Esporte Clube Radar, contando com a

---

<sup>311</sup> O termo ‘oficialização’ também era utilizado, tendo em vista que o futebol de mulheres passava a ser reconhecido oficialmente pelas instituições esportivas brasileiras.

<sup>312</sup> FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 58.

<sup>313</sup> *O Fluminense*, Niterói, 4 fev. 1983, p. 13.

supervisão da Federação de Esportes de Praia do Rio de Janeiro, patrocínio do Banco Econômico e cobertura da Rede Bandeirantes de Televisão ao vivo para todo Brasil. Além disso, o evento contou com o apoio da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado do Rio de Janeiro. O torneio reuniu os campeões do Rio de Janeiro (Radar); São Paulo (Associação Desportiva Polícia Militar); Minas Gerais (Cruzeiro) e Rio Grande do Sul (Grêmio). Dessa forma, verifica-se que antes da regulamentação, já existia uma organização do esporte em diferentes estados, que por meio de instituições independentes promoviam campeonatos. Em breve resumo sobre as equipes, o *Jornal dos Sports* destacou que o Cruzeiro venceu o Campeonato Mineiro de 1982 invicto, em um campeonato com 49 equipes e a ADPM venceu o Campeonato de Santo André, São Caetano do Sul e a I Copa São Paulo, sem perder nenhum jogo.<sup>314</sup> O *Fluminense* e o *Jornal do Brasil* também divulgaram o evento e trouxeram uma propaganda com as principais informações.

**FUTEBOL FEMININO**

Neste sábado e domingo a partir das 2 e meia da tarde em Copacabana - Posto 4, o 1º Torneio de Clubes Campeões de Futebol Feminino, organizado pela Federação de Esportes de Praia do Rio de Janeiro.

**Radar - RJ • Grêmio - RS • ADPM - SP • Cruzeiro - MG**

Narração: Alberto Léo • Comentários: Edgar de Mello Filho • Reportagens: Cristina Rego Monteiro.

**Domingo transmissão Ao Vivo da final às 3 e meia da tarde**

REALIZAÇÃO  
**BANDEIRANTES**

Figura 13: *O Fluminense*, Niterói, 9 abr. 1983, p. 12.  
*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1983, p. 3.

<sup>314</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1983, p. 8.

O Radar-Mondaine, que contava com o patrocínio da famosa marca de relógios,<sup>315</sup> venceu o Grêmio por 6 a 0 na final do torneio, confirmando o seu favoritismo e, além disso, beneficiado pelo fato das suas jogadoras estarem acostumadas a jogarem na praia. Já a ADPM ficou com o terceiro lugar, derrotando o Cruzeiro por 3 a 1.<sup>316</sup>

Poucos dias após esse evento, os jornais anunciavam a primeira partida oficial de futebol feminino a ser realizada no Rio de Janeiro, entre Bangu x Cruzeiro, no estádio do Maracanã, em uma preliminar de Flamengo x Corinthians no futebol masculino. De acordo com o jornal *O Fluminense*, Bangu e Cruzeiro foram os primeiros clubes femininos a se filiarem em suas respectivas federações estaduais.<sup>317</sup> O *Jornal dos Sports* trouxe a notícia da partida em diferentes edições e em uma oportunidade dedicou uma página inteira para falar não só sobre a partida, mas sobre o futebol feminino no Bangu e as suas jogadoras. A matéria intitulada “As mulheres entram em campo”, tinha como subtítulo a frase “FUTEBOL NÃO É SÓ PARA HOMEM” e o jornalista Milton Salles expunha o seguinte:

A partir de hoje os torcedores não irão mais ao estádio, em dias de jogo de futebol feminino, para somente se extasiar com as pernas de uma goleira, a esbeltez de determinada atacante ou o rostinho encantador de uma meio-campo. Daqui por diante a galera já poderá ir ao Maracanã para se deslumbrar com a habilidade de qualquer jogadora, porque agora futebol não é só para homem. Sem que considerem isso mais uma vitória do feminismo, as mulheres conseguiram ver aprovada mais uma de suas reivindicações: a oficialização do futebol feminino. E as moças do Bangu, que levam a modalidade a sério, desde quando suas praticantes eram olhadas com um misto de desconfiança e reprovação, esperam provar no jogo histórico de hoje com o Cruzeiro que as mulheres podem ser hábeis e criativas sem perder o charme quando jogam futebol.<sup>318</sup>

Salles conta também a respeito da formação da equipe feminina do Bangu. Segundo ele, em novembro de 1979, a equipe feminina do Hospital Estadual Padre Olivério Kraemer goleou por 5 a 0 o time do Horto Florestal, em Santa Cruz. Gerando grande entusiasmo entre torcedores, pais e amigos, foi formado o time da Hepoketes. A equipe passou a jogar frequentemente de maneira beneficente no campo do Bangu, atraindo bom público. O responsável pelo time, o enfermeiro José Marcelino, convidou o seu amigo, Robson Prado, professor de Educação Física, para treinar as meninas, o qual ficou impressionado com o talento de algumas jogadoras, como Fia, e aceitou o desafio de treiná-las. O presidente do Conselho

<sup>315</sup> Mondaine era a empresa de relógios que patrocinava o time do Radar.

<sup>316</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1983, p. 8.

<sup>317</sup> *O Fluminense*, Niterói, 13 abr. 1983, p. 14.

<sup>318</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1983, p. 6.

Deliberativo do Bangu, Castor de Andrade, e sua esposa, Vilma de Andrade, ficaram empolgados com as apresentações das Hepoketes no campo do clube. E então, Castor entrou em contato com os responsáveis pelo time para incorporá-lo ao Bangu. Até aquele momento, a equipe havia disputado 99 jogos, marcando 610 gols e sofrendo apenas 30. A matéria ainda traz a imagem de cada uma das jogadoras que integravam o elenco do Bangu, mencionando as suas principais características, como por exemplo, idade, altura e posição.<sup>319</sup>

No jogo contra o Cruzeiro, no Maracanã, o Bangu venceu por 4 a 1, com a artilheira Fia, autora de 2 gols, sendo o destaque da partida. Ela falou a respeito do futebol feminino no Brasil defendendo a profissionalização: “Creio que agora só nos falta a profissionalização para que nós, mulheres, possamos ter mais um mercado de trabalho”.<sup>320</sup> O treinador Robson Prado também manteve o discurso na mesma linha, defendendo o profissionalismo e a adoção de regras específicas para o futebol feminino.

O *Jornal do Brasil* fez uma reportagem com os pais da jogadora Fia, Maria Aparecida e Arlex, moradores do bairro de Realengo. Eles se mostravam orgulhosos pelo sucesso da filha e seu Arlex relatou a sensação de ver a filha atuando:

Cheguei a chorar no Maracanã. Esta menina é o meu maior orgulho. Ela havia me prometido um gol e acabou fazendo dois. Sempre que posso vou assistir aos seus jogos. Domingo é lá em São Paulo. Se não tiver dinheiro, falo com o doutor Castor de Andrade (diretor do Bangu) e vou.<sup>321</sup>

O apoio das famílias às mulheres que jogavam futebol não era algo muito comum naquele contexto. Caroline Almeida aponta que entre as atletas que entrevistou para a sua dissertação, apenas uma relatou apoio da família.<sup>322</sup> Por esse motivo, chama atenção o fato de seu Arlex ver com bons olhos a presença de Fia nos gramados. Além disso, vale destacar a maneira íntima como ele cita o diretor do Bangu, Castor de Andrade,<sup>323</sup> indicando a facilidade existente de diálogo com o dirigente, que poderia financiar sua ida a São Paulo.

A mãe de Fia, Maria Aparecida, por outro lado, apesar de não se colocar contra a filha jogar bola, se mostra um pouco incomodada com o pensamento dos outros ao dizer que: “Os

<sup>319</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1983, p. 6.

<sup>320</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1983, p. 8.

<sup>321</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1983, Esportes, p. 5.

<sup>322</sup> ALMEIDA, Op. cit., p. 120.

<sup>323</sup> Castor de Andrade foi uma figura de grande destaque no Rio de Janeiro, principalmente na década de 1980. Foi dirigente do Bangu, patrono da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, e um grande contraventor envolvido com o “jogo do bicho”.

vizinhos e os conhecidos começam a falar que Fia é sapatão, mulher-homem e tudo mais. Mas não ligo pra isso, A Fia é uma mulher igual as outras”.<sup>324</sup> A existência desse tipo de discurso relatado por Dona Maria Aparecida permanece no universo do futebol de mulheres até hoje. Entretanto, é interessante notar a maneira pela qual ele era combatido pelas jogadoras e pelos seus familiares. Na mesma reportagem, a jogadora Solange, que assistiu à partida das arquibancadas do Maracanã, relatou ter se incomodado com os gritos dos torcedores chamando as jogadoras de sapatão e fez questão de mencionar que era noiva e estava prestes a se casar. Em um contexto social no qual as sexualidades não hegemônicas eram tratadas de maneira tão negativa, as jogadoras de futebol, que estavam tentando conquistar o seu espaço, eram levadas a refutar e tentar se distanciar desses estereótipos e adjetivos.

A prática do futebol por mulheres se tornou um tema com certa relevância, pelo menos nesse período pós regulamentação. O *Jornal dos Sports* reuniu uma série de pessoas, de diferentes áreas, para discutir a respeito da modalidade em uma coluna de destaque, chamada “Grande Júri-JS”. Em um contexto de abertura política, no qual pode-se destacar o surgimento de novos partidos políticos em 1979, o retorno das eleições diretas para governador em 1982 e o Movimento das *Diretas Já*, em 1983, a sociedade brasileira respirava ares democráticos.<sup>325</sup> Justamente nesse clima, de opiniões divergentes e contraditórias, O Grande Júri, montado pelo *Jornal dos Sports*, com coordenação do sociólogo José Gilberto Caldas, tinha como objetivo decidir se o futebol feminino deveria ou não ser incrementado no país.

Mauro Pompeu, médico e campeão do mundo em 1970, Letícia Alencar, educadora e presidente do Instituto de Sexologia, Hildete Pereira, líder feminista, Clovis Bornay, museólogo e intelectual desportista, Silvio Cesar, cantor consagrado e desportista ferrenho, Danilo Alvim o nosso “príncipe” Danilo, ex-jogador da seleção Brasileira; Robson Prado, professor e treinador de futebol feminino, e Fia, a revelação das mulheres no futebol, fazem a nossa página de hoje, com a síntese da opinião de cada um dos jurados.<sup>326</sup>

Por unanimidade, a presença feminina dentro das quatro linhas foi considerada válida nas páginas do jornal, embora com algumas discordâncias em detalhes pontuais. A feminista Hildete Pereira defendeu a profissionalização, argumentando que a partir disso surgiria um

<sup>324</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1983, Esportes, p. 5.

<sup>325</sup> RODRIGUES, Marly. **A década de 80 Brasil**: quando a multidão voltou as praças. São Paulo: Editora Ática, 1992.

<sup>326</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1983, p. 9.

novo mercado de trabalho para as mulheres. Já o médico Mauro Pompeu entendia que em um primeiro momento deveria ter a instituição das competições amadoras, para posteriormente ser instaurado o profissionalismo. O médico também salientou que o futebol não é um esporte violento e que não existe nenhum empecilho de ordem médica para a prática, de modo que apenas deve ser respeitada a constituição biológica da mulher e tomar certas precauções, como não jogar se estiver grávida. Letícia Alencar ponderou sobre a questão estética e psicológica, mencionando o fato de a mulher menstruar e a jogadora Fia relatou uma oportunidade na qual ficou menstruada antes de um jogo, mas atuou normalmente. O cantor Silvio Cesar opinou dizendo que as mulheres podem contribuir para o embelezamento do espetáculo, entendendo que as regras, o campo, a bola e o uniforme das meninas deve ser diferente. Em suma, o jornal concluiu que a mulher pode jogar futebol sem deixar de ser mulher. Sendo assim, nota-se claramente um esforço por parte da mídia em manter intactos os ideais de feminilidade e beleza das atletas do futebol e uma posição de poder exercida por elas na sociedade, a qual se manifesta no ato de cancelar a prática de um esporte, reconhecendo a sua validade.

Diante desse cenário de crescimento, aos poucos alguns clubes foram introduzindo a prática do esporte em suas dependências, com vistas a participar do primeiro campeonato estadual da categoria. Clubes tradicionais como Olaria, Madureira, Portuguesa e Canto do Rio montaram um time formado por mulheres e se filiaram à FERJ. Entre os considerados grandes, apenas o Botafogo montou um time de futebol feminino neste primeiro momento após a regulamentação. No entanto, a iniciativa não durou muito tempo, tendo em vista que no ano seguinte o time foi desfeito em função da falta de apoio da diretoria. Já os dirigentes de Vasco, Fluminense e Flamengo, relataram, segundo Carlos Damião, dirigente de futebol feminino do Madureira, para o *Jornal dos Sports*: “que temem que a primeira competição do gênero seja uma bagunça igual ao campeonato de futebol feminino da praia”, e por esse motivo não estavam interessados em disputá-lo.<sup>327</sup> Alguns torcedores pensavam de maneira diferente, como é o caso do flamenguista Cleto Barreto, que escreveu para a coluna Bate-Bola reivindicando o futebol de mulheres no time rubro-negro, concluindo que “o Flamengo tem tudo para ser o melhor também entre as meninas”.<sup>328</sup> Em outra oportunidade, o mesmo torcedor também disse que: “Li na coluna do Milton Sales que alegam ser o primeiro campeonato e por isso deverá ser uma bagunça. Realmente isso deverá acontecer, mas poderá não ser. É só o Flamengo e demais grandes clubes participarem e juntos ajudarem na organização do campeonato”.<sup>329</sup>

---

<sup>327</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1983, p. 4.

<sup>328</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1983, p. 2.

<sup>329</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1983, p. 2.

De acordo com o jornal *O Fluminense*, a Federação Estadual de Futebol do Rio de Janeiro, por meio do árbitro Valquir Pimentel, Diretor do curso de arbitragem da entidade, teve a iniciativa de promover um curso de arbitragem para as mulheres, para arbitrarem nas partidas de futebol feminino. Segundo o periódico, o movimento era visto de forma positiva pelos árbitros, que não achavam conveniente apitar os jogos da categoria. A notícia também relata que, em relação ao público interessado no curso, “a procura é intensa, sobretudo de professoras e alunas de Educação Física”.<sup>330</sup> No discurso jornalístico, evidencia-se a contradição entre conquista feminina e concessão masculina, ao mencionar que: “As mulheres, a cada dia, conquistam novos mercados de trabalho. Elas acabam de ganhar mais um espaço no futebol. Primeiro foi a oficialização da prática desse esporte e agora a abertura de cursos para “árbitras” de futebol.”<sup>331</sup> Além disso, a oposição entre mulher feminina e masculinizada, também era uma preocupação dos jornalistas em relação às candidatas. Rosane Cezar Pimentel e Marisínia Ferreira Machado foram destacadas como “Candidatas femininas e provocantes”. Questionadas sobre a possibilidade de serem chamadas de “sapatão”, em linguagem do jornal, pelos torcedores, as duas asseguraram não ter problema quanto a isso, por não terem preconceitos e por terem consciência de suas feminilidades.

Como consequência dessa iniciativa, no ano seguinte (1984) algumas árbitras já estavam atuando no campeonato estadual da categoria. A árbitra Vanda Virla foi a primeira a apitar um jogo da categoria, na partida entre Radar e Monte D’Ouro. A atuação dela recebeu destaque no *Jornal dos Sports* que fez uma matéria intitulada: “Vanda Virla mostra classe na arbitragem”. A jornalista responsável pela reportagem, Astrid Nick, relatou que:

Decididamente, o futebol feminino realizou, neste último domingo, mais um importante conquista: a arbitragem feminina. Todos os presentes a partida foram unânimes ao afirmar que as árbitras podem e devem apitar os jogos oficiais do Campeonato de Futebol Feminino. A experiência com Vanda Virla foi satisfatória e superou todas as expectativas.<sup>332</sup>

A arbitragem de Vanda agradou aos torcedores, às jogadoras e aos dirigentes, sendo um marco importante para a arbitragem feminina no Rio de Janeiro. Gradativamente, outras mulheres formadas pelo curso da FERJ foram sendo escaladas para apitar as partidas e para atuar também como assistentes.

---

<sup>330</sup> *O Fluminense*, Niterói, 29 abr. 1983, p. 14.

<sup>331</sup> *O Fluminense*, Niterói, 3 jun. 1983, p. 13.

<sup>332</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 maio 1984, p. 8.

### 3.1 As primeiras rivalidades

No contexto carioca, a regulamentação do futebol de mulheres deu continuidade a um movimento que já estava acontecendo, de jogos e torneios, com a incorporação de clubes profissionais e com a federação estadual sendo responsável por organizar os campeonatos. Alguns times, principalmente os que atuavam na praia, foram desmontados, e as suas jogadoras foram cooptadas por equipes recém-formadas ou por aquelas que já vinham praticando a modalidade, como é o caso do Bangu e do Radar. Antes do início do primeiro campeonato estadual da categoria, os times começaram a se enfrentar e algumas rivalidades começaram a surgir.

Em reportagem de maio de 1983, o *Jornal dos Sports* noticiou que após voltar invicto de uma excursão ao Chile e aos Estados Unidos, a equipe do Radar foi desafiada pelo supervisor de futebol feminino do clube, Carlos Damião, que era o grande entusiasta e responsável pelo time. “Mas o dirigente Eurico Lira não quer aceitar porque está com medo”, ele relatou ao *Jornal dos Sports*, empolgado com a vitória do Madureira por 6 a 0 sobre o Apolo, que era “uma verdadeira seleção de Copacabana”<sup>333</sup>. Apesar da animação de Carlos Damião, ao enfrentar o forte time do Bangu em amistoso, o Madureira foi derrotado por 4 a 0. Logo abaixo desta notícia, a coluna “Ponta de Lança”, de Milton Salles, informou que o time do Olaria já estava invicto há 15 jogos.<sup>334</sup>

O desempenho das jogadoras do Bangu era empolgante e dava alegria ao “todo poderoso” Castor de Andrade, que comprava chuteiras novas para elas e pagava o “bicho”<sup>335</sup> após as vitórias. No final de maio, “O time de futebol feminino do Bangu cumpriu o seu 110º primeiro jogo sem perder. Derrotou sábado a seleção de Macaé por 12 a 0”.<sup>336</sup> Diante desse sucesso, Carlos Damião, do Madureira, insistia em desafiar o time dirigido pelo técnico Robson Prado e liderado por Fia, dentro de campo. Nas páginas dos jornais, ele dizia que: “O pessoal do Bangu certamente teme enfrentar as moças do Madureira, porque elas estão invictas e marcaram 71 gols contra um apenas. Nosso time, portanto, assusta qualquer adversário”.<sup>337</sup> A

<sup>333</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 4 maio 1983, p. 4.

<sup>334</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 maio 1983, p. 4.

<sup>335</sup> O termo “bicho”, comumente utilizado na seara esportiva, diz respeito a uma premiação especial paga aos jogadores.

<sup>336</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 31 maio 1983, p. 4.

<sup>337</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 5 jun. 1983, p. 4.

mesma coluna do *Jornal dos Sports*, “Jogo Limpo”, publicou poucos dias depois a resposta de Fernandão, supervisor da equipe de futebol feminino do Bangu.

Ou o Damião perdeu a memória ou eu sonhei. Há pouco tempo, como todos sabem, o Madureira jogou com o Bangu e tomou uma goleada de 4 a 1, além de um passeio de bola. Nós jogaremos com o Madureira onde o Carlos Damião quiser e ainda damos alguns gols de vantagem.

[...] Podem dizer para o Damião que eu aposto quanto ele quiser e mais o meu carro. Se ele topar, é só telefonar para mim.<sup>338</sup>

Carlos Damião, então, respondeu ao *Jornal dos Sports* que na ocasião em que o Madureira foi derrotado estava com a equipe mista e, portanto, não valeu. Além disso, afirmou ao periódico que topava o jogo assim que o seu time estivesse completo, visto que algumas jogadoras estavam se recuperando de lesão. Quanto a aposta, Damião disse para o *Jornal dos Sports* que não mistura vida particular com o futebol.<sup>339</sup> Novamente Fernandão respondeu mostrando bastante confiança nas jogadoras do Bangu, destacando que o amistoso poderia ser onde e quando o dirigente do Madureira quisesse e ainda dava gol de vantagem.

Nessa situação, percebe-se que o *Jornal dos Sports* atua de maneira a incentivar as provocações entre os dirigentes, concedendo espaço para as discussões entre eles. Nesse sentido, o fato de o periódico fomentar esse tipo de rivalidade em suas páginas é uma opção feita de forma consciente pelos editores, tendo em vista que poderia gerar curiosidade aos leitores em conhecer o desfecho da história, de modo que precisariam comprar o jornal para isso.

Pelo que consta nos jornais pesquisados, as equipes só foram se enfrentar no campeonato estadual, que teve início no final de julho. Entretanto, menos de um mês após essas discussões, o *Jornal dos Sports* noticiou que o Bangu emprestou algumas jogadoras para o Madureira realizar um amistoso na cidade de Magé<sup>340</sup>. Esse fato que nos leva a crer que as provocações faziam parte de brincadeiras entre sujeitos que possuíam uma relação anterior no futebol carioca e o jornal se aproveitou disso para desenvolver uma rivalidade que poderia gerar interesse aos leitores.

O mesmo jornal noticiou em suas páginas uma outra situação envolvendo o dirigente do Madureira, Carlos Damião. De acordo com ele, em depoimento para o *Jornal dos Sports*, o

<sup>338</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1983, p. 4.

<sup>339</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1983, p. 4.

<sup>340</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1983, p. 4.

técnico do seu clube, Murilo, relatou ter recebido uma proposta do Radar de 150 mil cruzeiros mensais e levou várias jogadoras para o novo time, alegando que não tinham contrato. Com isso, Damião se mostrou bastante insatisfeito diante da situação por ter sido ele quem trouxe o técnico do Leminho. Além disso, aproveitou para tecer críticas ao dirigente do Radar, Eurico Lira, alegando que o mesmo teria lhe dito que Murilo seria treinador apenas por dois meses, pois era ele quem escalava o Radar e que se o Radar não disputasse o campeonato estadual não aconteceria, pois o Bangu não tinha força na federação para organizar.<sup>341</sup>

Na edição do dia seguinte, o *Jornal dos Sports* publicou matéria na qual o dirigente do Radar, Eurico Lira, teria desmentido as acusações de Carlos Damião, chamando-as de levianas, mentirosas e irresponsáveis. Na ocasião, Eurico relatou que Damião estava querendo prejudicar o relacionamento dele com o Bangu e destacou que já havia dito para o representante do clube que era o melhor time de futebol feminino do Brasil, pois realizava o trabalho mais sério e organizado. A respeito do técnico Murilo, este teria comentado com Eurico que Damião fez inúmeras promessas às garotas e não havia cumprido nenhuma, de modo que a ajuda de custo com alimentação e transporte era paga por ele.<sup>342</sup> É interessante observar, nesses casos, a abertura do *Jornal dos Sports* para as discussões entre os dirigentes dos clubes, concedendo espaço para os envolvidos se manifestarem e colocarem as suas visões a respeito dos assuntos. Nessa perspectiva, pode-se inferir que as questões polêmicas ganhavam espaço nas páginas do jornal, por ter um potencial de atrair o público leitor.

Um outro episódio associado a rivalidade aconteceu no último jogo do primeiro turno do primeiro campeonato estadual de futebol feminino do Rio de Janeiro, envolvendo as duas melhores equipes da competição: Bangu e Radar. A partida que valia o título do primeiro turno, aconteceu no campo do Bangu e foi vencida pelo Radar, com um gol que supostamente estava impedido. Além disso, os torcedores, os dirigentes e as jogadoras do Bangu reclamaram de um pênalti não marcado. Ao fim da partida, o árbitro Ricardo Durans foi agredido por diversas pessoas ligadas ao Bangu e o caso teve uma grande repercussão na imprensa. Até mesmo os jornais que não concediam tanto espaço para as notícias do futebol de mulheres, fizeram uma ampla cobertura desse episódio, como por exemplo a *Tribuna da Imprensa*.<sup>343</sup>

O discurso da imprensa foi praticamente unânime ao tratar do assunto como um ato de barbárie e covardia, sendo o dirigente do Bangu, Castor de Andrade, o principal alvo das críticas, por ter incitado as agressões, segundo os jornalistas. O programa esportivo Globo

---

<sup>341</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1983, p. 4.

<sup>342</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 8 jul. 1983, p. 4

<sup>343</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 13 out. 1988, p. 12.

Esporte, por exemplo, denominou o caso como “Massacre de Bangu”.<sup>344</sup> No mesmo sentido, os membros da Comissão de Arbitragem da Federação de Futebol do Rio de Janeiro pediram severas punições para os envolvidos. Ricardo Durans, vítima das agressões, ameaçou deixar o cargo se as providências não fossem tomadas. Já o Presidente do Radar, Eurico Lira, ameaçou retirar seu time da competição e levá-lo para excursionar, “caso não sejam tomadas medidas para preservar o espírito esportivo da competição”. Em sentido oposto, o presidente da Federação, Otávio Pinto Guimarães declarou que “os fatos foram lamentáveis, mas cabe a Justiça Desportiva julgá-lo”.<sup>345</sup> Ao *Jornal dos Sports*, ele chegou a dizer que “Futebol é paixão, e paixão é assim mesmo”.<sup>346</sup>

O documentário da plataforma *Globoplay*, “Doutor Castor”, o qual conta sobre a trajetória do famoso bicheiro, dirigente do Bangu e da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, abordou o referido caso no primeiro episódio, trazendo depoimentos de pessoas que estiveram relacionadas ao acontecimento e apresentaram diferentes visões.<sup>347</sup> De um lado, os defensores do “Doutor Castor” e de outro os acusadores. O fato é que as imagens mostram que, ao final do jogo, Castor entrou em campo e correu na direção do árbitro. Um ex-jogador do time do Bangu, que trabalhou como gandula na partida, relatou o seguinte: “e detalhe, o Castor não encostou um dedo nele, mas só dele ir pra cima do juiz, pô, o pessoal só precisava do incentivo”.<sup>348</sup> Realmente, pelo que consta nas imagens disponíveis, o dirigente do Bangu não chegou a agredir o árbitro, no entanto, a conduta praticada por ele poderia ser enquadrada no artigo 286, do Código Penal de 1940: Incitar, publicamente, a prática de crime, com pena de detenção de três a seis meses, ou multa.<sup>349</sup>

Mesmo com todo poder e influência nos diversos setores da sociedade, o caso levou Castor não apenas ao Tribunal de Justiça Desportiva, mas também à justiça comum. Na Justiça Desportiva:

O dirigente banguense foi enquadrado nos artigos: desrespeito ao árbitro, invasão de campo, invasão de vestiário e agressão ao árbitro, sendo considerado culpado nos três primeiros e recebendo como pena 90 dias de suspensão. No artigo correspondente a agressão ao árbitro, foi considerado inocente pela maioria dos juízes - apenas um voto pela sua condenação.

<sup>344</sup> DOUTOR CASTOR. Direção: Marco Antonio Araújo. Rio de Janeiro: *Globoplay*, 2021.

<sup>345</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 out. 1983, 1º Caderno, p. 18.

<sup>346</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 13 out. 1983, p. 6.

<sup>347</sup> DOUTOR CASTOR. Direção: Marco Antonio Araújo. Rio de Janeiro: *Globoplay*, 2021.

<sup>348</sup> *Idem*.

<sup>349</sup> Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10602129/artigo-286-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

As jogadoras Sandra e Beth foram enquadradas por agressão ao árbitro Ricardo Durães e consideradas culpadas, pegando a suspensão de 210 e 270 dias, respectivamente. A jogadora Sara, também enquadrada no artigo relativo a agressão ao juiz, teve como pena uma suspensão de 90 dias, sendo considerada culpada na agressão ao auxiliar Gilberto Arantes.<sup>350</sup>

Alguns dias depois do episódio, Castor declarou ao *Jornal dos Sports* que achou a decisão justa, considerando que deveria mesmo ser punido pelo que fez. Sobre a punição às jogadoras, ele não se manifestou. Já na justiça comum, segundo o jornal *O Fluminense*:

O bicheiro Castor de Andrade e quatro membros de sua segurança particular foram absolvidos ontem à tarde pelo juiz Carmine Antônio Savino, da 8ª Vara Criminal de Bangu no Rio, no processo em que era acusado de lesões corporais pelas agressões ao juiz Ricardo Durães e os bandeiras Edson Coelho e Getúlio Alcântara, após o jogo de futebol feminino entre Bangu e Radar, dia 12 de outubro de 1983. Os policiais Cleber Bittencourt e Jerônimo Lopes, além das jogadoras Elizabeth e Sara foram condenadas a penas que variam de 15 meses a 7 meses de detenção como incurso nos artigos 129 e 141 do Código Penal.<sup>351</sup>

Talvez, em função das pressões exercidas pela imprensa, o Ministério Público tenha feito as acusações a Castor por lesão corporal, pelo fato de ser um crime com pena mais grave. No entanto, como foi dito anteriormente, as imagens não o mostram encostando no árbitro, de modo que o delito de incitação à prática de crime poderia se enquadrar melhor na situação. Ainda assim, é bem provável que mesmo se a acusação fosse diferente Castor seria absolvido, tendo em vista que o julgamento ocorreu na Vara Criminal de Bangu, onde ele tinha grande prestígio e influência. A certeza da absolvição era tal que a bateria da escola de samba Portela estava na porta do fórum preparada para comemorar a vitória de Castor na justiça.

As jogadoras e os policiais condenados conseguiram a Suspensão Condicional da Pena, que é um instituto do direito no qual a pena é suspensa por um determinado período, desde que cumpridas as condições estabelecidas pelo juiz, por serem primários.<sup>352</sup>

Apesar de ser um caso isolado, a imagem do futebol de mulheres acabou sendo afetada pelas repercussões negativas que circularam na mídia. O próprio Bangu acabou com o time da

<sup>350</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 out. 1983, p. 3.

<sup>351</sup> *O Fluminense*, Niterói, 15 fev. 1984, p. 6.

<sup>352</sup> Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Suspensão Condicional da Pena - SURSIS. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/suspensao-condicional-da-pena-sursis>>. Acesso em: 2 fev. 2022.

modalidade no ano seguinte, fato que provavelmente foi influenciado pelo episódio envolvendo o dirigente Castor de Andrade. Embora tenha sido absolvido na justiça comum, o fato é que a imagem de Castor sofreu um desgaste considerável ao longo do processo, principalmente em função das matérias veiculadas pela imprensa. Dessa forma, é provável que este episódio tenha acabado com a empolgação de Castor com o futebol feminino no Bangu, de modo que sem os seus investimentos seria inviável manter as jogadoras no clube. De acordo com o *Jornal dos Sports*, a maioria das atletas do Bangu seguiu com o ex-treinador banguense Robson Prado, para o Esporte Clube São José.<sup>353</sup>

### 3.2 Os clubes

O futebol de mulheres já apresentava um cenário de crescimento em todo o Brasil antes da regulamentação. A institucionalização da modalidade, no entanto, acelerou o processo de desenvolvimento, tendo em vista que ela começou a receber espaço nos clubes e os campeonatos a nível estadual e até nacional foram sendo promovidos pelas federações. O jornalista Milton Salles, responsável pela coluna “Bola no Chão”, do *Jornal dos Sports*, que constantemente noticiava sobre as mulheres no futebol, defendeu a modalidade ao denunciar que alguns setores dentro da FERJ eram contrários à prática. Salles trouxe dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontando que:

[...] de 1983 a 1984 o número de jogadoras cresceu mais de cem por cento, no total geral e por faixa etária. De 1600 passou para 3007 jogadoras menores de 18 anos. E com 18 anos ou mais subiu de 1911 para 3930. Ao todo, assegura o anuário, eram 3511 jogadoras de futebol em 1983 e 6937 em 1984, o que não deixa margem dúvidas sobre o sucesso do futebol feminino em todo o Brasil.<sup>354</sup>

O anuário do IBGE ainda traz o número de praticantes de futebol de salão, que incluídas menores e maiores de 18 anos, somam 1271. Além disso, algumas modalidades proibidas até 1979, como as lutas, apresentam uma quantidade significativa de praticantes. O judô, por exemplo, apareceu com mais de 2 mil praticantes em 1984 e o karatê com mais de 1 mil. Os esportes como vôlei e natação eram os esportes com o maior número de praticantes mulheres,

---

<sup>353</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1984, p. 4.

<sup>354</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1986, p. 12.

ambos com mais de 20 mil praticantes mulheres.<sup>355</sup> Diante desses dados, verifica-se uma mudança nos hábitos culturais da população brasileira, com as mulheres gradativamente conquistando espaços na esfera pública e esportiva

Apesar disso, as dificuldades para se manter jogando eram enormes, sobretudo pela falta de apoio por parte dos clubes. De uma maneira geral, a maioria não dava suporte para as atletas e apenas “emprestavam” o nome para que disputassem os campeonatos, já que existia essa necessidade. O futebol de mulheres, no âmbito dos clubes, era um projeto de poucos sujeitos, que por uma série de motivos se interessavam pela categoria. Pelo menos no contexto do Rio de Janeiro, essa foi a dinâmica observada. Em termos práticos, o Radar representou o projeto do Eurico Lira, que foi o mais duradouro e de maior sucesso. Já o Bangu, foi o projeto do Castor de Andrade, influenciado por sua esposa Vilma de Andrade, que apesar do seu grande impacto na modalidade, durou pouco tempo.<sup>356</sup> Um outro nome marcante nesse cenário é o de Robson Prado, treinador que passou por vários clubes do Rio de Janeiro, como Bangu, São José, América e Vasco da Gama, sempre fazendo boas campanhas nos campeonatos, mas sem conseguir superar o Radar. Segundo o *Jornal dos Sports*, o técnico chegou a fazer uma pós-graduação na qual desenvolveu uma monografia chamada “A mulher no futebol”.<sup>357</sup>

Antes do início do Campeonato Estadual de 1983, o *Jornal dos Sports* informou sobre uma reunião que aconteceria entre os dirigentes dos times participantes e entre um dos assuntos abordados estava:

[...] a falta de apoio por parte da diretoria de alguns clubes ao futebol feminino. Apenas as diretorias do Bangu e do Bonsucesso estão dando total apoio aos seus clubes. Nos demais clubes, os dirigentes responsáveis estão tendo muitas vezes que arcar com todas as despesas.<sup>358</sup>

O *Jornal dos Sports* passou a adotar uma postura favorável à prática do futebol pelas mulheres nos primeiros anos da década de 1980, atuando inclusive na promoção de campeonatos. Tendo isso em mente e levando em consideração a relevância do periódico, sobretudo no Rio de Janeiro, o destaque da falta de apoio dos clubes ao futebol de mulheres é

<sup>355</sup> Anuário do IBGE, 1985, p. 252. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1985.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1985.pdf)> Acesso em: 20 fev. de 2022.

<sup>356</sup> O caso envolvendo o dirigente Castor de Andrade, abordado anteriormente, provavelmente contribuiu para a dissolução do futebol feminino no clube.

<sup>357</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1983, p. 4.

<sup>358</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1983, p. 4.

colocado na notícia com o intuito de que isso chegasse até os dirigentes e estes se mobilizassem no sentido de investir na modalidade.

Apesar disso, o problema da falta de investimentos manteve-se ao longo da década de 1980, dificultando a manutenção do futebol de mulheres dentro dos clubes. Os representantes do alto escalão não davam apoio a elas, de modo que os treinadores e dirigentes responsáveis acabavam sobrecarregados, pois tinham que arcar com as despesas, tais como as viagens e passagens para as jogadoras irem treinar. Para citar um exemplo concreto, o Madureira e o Olaria que disputaram o estadual de 1983, no ano seguinte não tiveram representantes na competição.<sup>359</sup>

Até mesmo nos bastidores do Radar, que foi o principal time de futebol feminino do Brasil na década de 1980, existiu um grupo de conselheiros que desejavam encerrar as atividades envolvendo as mulheres. Eles utilizavam como argumento a construção da sede do clube na Barra da Tijuca, entendendo que o dirigente Eurico Lira não conseguiria apoiar o futebol das mulheres. Além disso:

Os conselheiros alegam também - informou o diretor de Esportes, Álvaro Brites, a esta coluna - que o futebol feminino é deficitário porque a verba que é paga pelo patrocinador não cobre nem a metade dos gastos e, além disso, as rendas dos jogos não dão retorno ao investimento do clube.<sup>360</sup>

Nessa discussão, é importante levar em conta a crise que o país vivenciava, tendo impacto significativo no âmbito futebolístico. A inflação altíssima contribuiu para o empobrecimento da população, que passou a se afastar dos estádios.<sup>361</sup> Somado a isso, fatores como o aumento da violência nas arquibancadas e a ida de vários jogadores para o exterior, instaurou uma crise no futebol brasileiro.<sup>362</sup> Sendo assim, a afirmação do diretor de esportes Álvaro Brites não se sustenta, tendo em vista que não era apenas o futebol feminino que era deficitário, mas esse esporte como um todo. É nesse contexto histórico que o futebol passa a buscar recursos na iniciativa privada para equilibrar as contas, por meio dos patrocínios estampados nas camisas.<sup>363</sup> No futebol dos homens, o exemplo mais emblemático dessa

<sup>359</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1984, p. 4.

<sup>360</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1984, p. 4.

<sup>361</sup> O Campeonato Brasileiro de 1979, por exemplo, teve média de público de apenas 9157 pessoas.

<sup>362</sup> HELAL, Ronaldo.; GORDON, Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**, v. 5, n.1, p. 37-55, 2002.

<sup>363</sup> *Ibid.*

parceria entre clube e empresa é o Palmeiras-Parmalat, o qual obteve grande sucesso. Já no futebol das mulheres, o Radar teve alguns patrocinadores ao longo da sua história, como a empresa de relógios Mondaine, Unibanco e o Pão de Açúcar.

Uma outra questão observada na estrutura interna dos clubes estava relacionada com a utilização dos espaços. Existia uma certa má vontade com o futebol das mulheres, de modo que, na visão de alguns dirigentes, ele estava ocupando um lugar que deveria ser dos homens. De acordo com o jornal *O Fluminense*, por exemplo, no ano de 1983 ocorreu um impasse no América, pois em um sábado à tarde estava marcado uma partida válida pelo Estadual de futebol feminino no campo do Andaraí, no entanto, o time masculino precisava do local para realizar seu treino, já que os jogadores não gostavam de treinar no período da manhã.<sup>364</sup>

Ainda a respeito do América, em uma reportagem feita pelo *Jornal dos Sports* na qual foram entrevistadas várias personalidades ligadas ao futebol de mulheres, a jogadora Priscila, do alvirrubro carioca, ao ser perguntada sobre o apoio que os clubes oferecem, respondeu: “Não sei de todos os clubes. Sei do que visto a camisa. O time foi registrado em nome do América, por ser uma exigência o registro em nome do clube mas na verdade quem banca mesmo é o Guimarães”.<sup>365</sup> Na mesma reportagem, a jogadora e atriz Suzane Carvalho, que atuava pelo Botafogo, falou sobre as dificuldades que percebia:

O que eu vejo são problemas de ordem financeira, a maior parte das meninas não tem dinheiro, as vezes nem para a passagem. O Botafogo acho que é o único clube que não dá nenhuma ajuda de custo. Outra coisa que dificulta é o horário do treino, à noite, porque muitas jogadoras trabalham ou estudam. Então, para quem mora longe, tipo São João de Meriti, fica difícil voltar para casa tarde, dependendo de ônibus ou trem. Algumas têm muito medo, são moças novas. Por fim, a falta de campo para treinar, que é uma dificuldade de todas nós.<sup>366</sup>

Apesar de ser uma jovem de classe média, da zona sul do Rio de Janeiro, Suzane conseguiu visualizar bem o problema que as suas companheiras que viviam nas regiões mais afastadas enfrentavam. Depois de trabalhar ou estudar durante o dia inteiro, ainda tinham que tirar o dinheiro da passagem do próprio bolso para ir ao treino, já que o Botafogo nem isso pagava. Mais uma vez, evidencia-se o descaso total por parte dos dirigentes da alta cúpula dos clubes, visto que alguns não forneciam nem o mínimo, como um espaço para o treino.

<sup>364</sup> *O Fluminense*, Niterói, 28 jul. 1983, p. 11.

<sup>365</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 out. 1983, p. 10.

<sup>366</sup> *Ibid.*

No final de 1986, as notícias relatam a prática da modalidade no Vasco da Gama. Uma matéria do *Jornal dos Sports* com o responsável pelo futebol feminino no clube, Ivan Vitorino, mencionou que a equipe já existia há dois anos, mas seria a primeira vez que participaria de uma competição oficial, o I Torneio de Verão de Futebol feminino organizado pela FERJ. De acordo com Vitorino,

o time nunca disputou uma partida oficial devido a existência de duas correntes na diretoria, uma favorável e outra contra a existência dessa categoria esportiva: somente agora, depois do dia 5 de outubro, nós conseguimos conquistar a confiança de toda torcida em nosso trabalho. Nesta data, foi realizada a partida de futebol feminino entre Vasco e Seleção de Nova Iguaçu, em São Januário, como preliminar de Vasco e Operário”.<sup>367</sup>

Segundo o jornal *O Fluminense*, a corrente contra a existência da modalidade no clube defendia, desde 1983, a ideia de que: “[...] o Vasco da Gama é um clube e não uma “sapataria”. As moças vascaínas só praticam esporte adequado ao seu sexo, como natação, saltos ornamentais, ginástica olímpica e outros correlatos”.<sup>368</sup> Partindo do pressuposto equivocado de que todas as jogadoras seriam lésbicas, o pensamento dos membros dessa corrente diz muito sobre a sociedade daquele contexto. Ou seja, uma sociedade que, de fato, mudou em muitos aspectos, mas conservou a discriminação de grupos que não se enquadravam no padrão heteronormativo e compreendia uma divisão das atividades sociais, inclusive dos esportes, baseada na visão binária dos gêneros, de modo que algumas tarefas seriam adequadas aos homens e outras às mulheres.

Os dirigentes de algumas equipes não gostaram da iniciativa de Ivan Vitorino no Vasco, pois várias atletas estavam abandonando os seus clubes para vestir a camisa cruzmaltina. O jornalista Milton Salles, em contrapartida, defendia que: “O lógico é que se faça justamente o contrário, para que o Campeonato Estadual da Modalidade tenha a participação de um clube de tão gloriosas tradições no esporte”.<sup>369</sup>

O Vasco contratou duas grandes jogadoras para atuar em sua equipe. Maria Lúcia, mais conhecida como Fia, que era a principal jogadora do time do Bangu de 1983 e Cenira, que se destacou no Radar entre 1983 e 1986, sendo artilheira de diversas competições que disputou, tais como o Campeonato Estadual e um Mundial Interclubes disputado na Itália, em 1986. No

<sup>367</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1986, p. 14.

<sup>368</sup> *O Fluminense*, Niterói, 17 nov. 1983, p. 11.

<sup>369</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1986, p. 11.

último jogo do campeonato estadual carioca de 1986 ela não jogou pois estava grávida de 5 meses, mas foi artilheira da competição com 14 gols, jogando boa parte como gestante. Ao *Jornal dos Sports*, Cenira contou sobre a sua saída conturbada do Radar:

**Joguei até os cinco meses de gravidez. Fui mandada embora do time só porque estava grávida.** Tive muitos aborrecimentos nesse clube. Recebia 800 cruzados, mesmo tendo permanecido tanto tempo. O Radar recebe uma grande ajuda de um dos seus patrocinadores, que é o Pão-de-Açúcar, mas não paga as jogadoras o que deveria. Depois de minha dispensa, o Vasco me procurou e tive uma ótima acolhida. Já recebi uma ajuda de custo, mesmo antes de começar a jogar (grifo nosso).<sup>370</sup>

A gravidez possui um grande impacto na vida das mulheres no mundo do trabalho até os dias atuais, principalmente para as atletas, que utilizam o corpo como um meio de trabalho.<sup>371</sup> Como o futebol feminino era um esporte amador, as atletas não estavam amparadas pela legislação trabalhista e ao serem dispensadas não recebiam nenhum auxílio financeiro. A atleta chegou a declarar ao jornal *O Fluminense*, no final de 1986, que iria parar de jogar futebol para se dedicar exclusivamente à educação do seu filho que estava prestes a nascer.<sup>372</sup> Segundo a matéria, ela parecia realmente decidida a encerrar a carreira. No entanto, com a proposta do Vasco a jogadora resolveu mudar de ideia voltando aos gramados e, junto com Fia, vislumbrava o Mundial da categoria que estava previsto para 1988. Inúmeros motivos podem ter influenciado nessa decisão. É possível que ela tenha sido tomada em virtude de uma questão financeira, da mesma forma que é razoável pensar que ela tenha sido motivada por gostar da modalidade. De qualquer forma, o fato é que com Cenira e Fia, o Vasco tinha grandes expectativas no futebol feminino.

Mesmo após Cenira ter ido para o Vasco, o presidente do Radar, Eurico Lyra, declarou no evento de renovação de sua posse, para seguir comandando o clube por mais três anos, que estava empolgado com o campeonato estadual de 1987. “É que teremos a participação do Vasco. Aliás, considero a adesão do Vasco a coisa mais importante que aconteceu este ano no futebol feminino”.<sup>373</sup> De acordo com o *Jornal dos Sports*, o Radar cogitou fazer uma

<sup>370</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1987, p. 4.

<sup>371</sup> NINA, Roberta. “Querida que não existisse punição para as atletas durante a gravidez”, diz Maria Elisa. **Dibradoras**. 24 set. 2021. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2021/09/24/querida-que-nao-existisse-punicao-para-as-atletas-durante-a-gravidez-diz-maria-elisa/#:~:text=Maria%20Elisa%20engravidou%20no%20final,tr%C3%AAs%20vezes%20durante%20a%20semana>. Acesso em: 16 abr. 2022.

<sup>372</sup> *O Fluminense*, Niterói, 21 e 22 dez. 1986, p. 20.

<sup>373</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1987, p. 3.

homenagem ao time de São Januário, por ser o primeiro grande clube do Rio a ter em seus quadros o futebol feminino, após a extinção da equipe do Bangu.<sup>374</sup>

Apesar das declarações amistosas, o dirigente do Radar não estava satisfeito com a presença de Cenira no time de São Januário e agiu para impedir a atuação da jogadora pelo clube. Uma notícia do *Jornal dos Sports* relatou a situação do clube, expondo que:

De patrocínio novo, o Vasco já enfrenta problemas para a estreia no Campeonato Estadual de Futebol Feminino, que será na preliminar do clássico Flamengo x Vasco, amanhã, no Maracanã. **O Esporte Clube Radar conseguiu uma liminar para impedir a estreia de Cenira na equipe vascaína, pois, segundo o clube, ela ainda não cumpriu o período de estágio probatório, após a transferência do Radar.** O Vasco garante que colocará a jogadora em campo, pois consultou a CBF e lamentou a atitude do Radar, que já está fazendo como muitos outros clubes: recorrendo à justiça comum para tumultuar o setor esportivo (grifo nosso).<sup>375</sup>

O patrocínio citado é da empresa Café Câmara, que recebeu o convite do Vasco para patrocinar o futebol feminino do clube e aceitou. A jogadora Cenira acabou se machucando e só jogou no segundo turno do campeonato estadual. Mesmo assim, o Vasco foi punido pelo Tribunal de Justiça Desportiva por ter escalado a jogadora contra o Radar e contra o Anchieta, descumprindo o referido estágio probatório citado na notícia. Como punição, o time cruzmaltino perdeu 5 pontos em cada jogo e ainda teve que pagar multa de 140 OTN,<sup>376</sup> segundo o jornalista Milton Salles.<sup>377</sup>

A situação mistura ressentimento e falta de consideração com a jogadora, que desde 1983 tinha ajudado o clube a conquistar vários títulos. Sem dúvida alguma, Cenira foi a mais prejudicada nessa história, pois foi convocada pelo técnico João Varela para a seleção que iria participar do Mundial Experimental de 1988, mas de acordo com o mesmo, “por problemas políticos ela não pôde comparecer à convocação”.<sup>378</sup> Ao que tudo indica, os problemas políticos mencionados pelo treinador estavam associados aos desentendimentos de Cenira com Eurico, o qual era o chefe da delegação brasileira.

<sup>374</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1987, p. 3.

<sup>375</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1987, p. 8.

<sup>376</sup> Obrigação do Tesouro Nacional. É um título da dívida pública que foi emitido no Brasil entre 1986 e 1989.

<sup>377</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 11 set. 1987, p. 3.

<sup>378</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1988, p. 3.

### 3.3 A hegemonia do Radar

O Esporte Clube Radar foi fundado em 1932, no bairro de Copacabana. O time feminino, contudo, foi criado em 1981, por Eurico Lyra Filho, que era advogado, ex-administrador, ex-jogador de praia e sempre muito ligado ao esporte, tendo comandado a Federação Carioca de Futebol de Areia na década de 1960. No primeiro ano, o time jogou nas areias da praia de Copacabana, obtendo grande êxito nas competições que disputou, porém, no ano seguinte a equipe da praia foi extinta sendo criada uma equipe de campo.<sup>379</sup>

O Radar construiu ao longo da década de 1980 uma hegemonia no futebol feminino nacional, vencendo praticamente todas as competições que disputou. A Taça Brasil, que era um torneio entre os campeões estaduais da categoria, foi vencida pelo Radar por cinco vezes consecutivas, entre 1983 e 1987. No Campeonato Estadual, da mesma forma, o clube foi penta campeão, vencendo a maioria dos campeonatos com certa facilidade. O primeiro Estadual da categoria foi o mais competitivo, pois tinha o Bangu que era um excelente time e conseguiu dificultar a vida do Radar. O projeto do futebol de mulheres no Bangu não teve continuidade e as jogadoras se dispersaram entre os diferentes times do Rio de Janeiro. Ao longo desse período, alguns clubes até conseguiram formar bons times, como foi o caso da Portuguesa no ano de 1986, mas não o suficiente para “bater de frente” com o Radar. O sucesso do Radar não se restringiu ao Brasil, pois o time realizou excursões por diferentes países, como Espanha, Estados Unidos, Itália e Suriname, causando ótimas impressões a todos que assistiram. Além disso, o time do Radar foi a base da seleção que disputou o Mundial Experimental na China em 1988.

O que explica todo esse sucesso do Radar? No tópico anterior, defendemos a ideia de que o futebol de mulheres era, na grande maioria dos casos, um projeto individual de algum sujeito que tinha interesse na modalidade. Nessa perspectiva, a equipe de mulheres do Radar foi um projeto do Eurico Lyra Filho, o qual, por variados motivos, decidiu investir na categoria. Antes de montar a equipe do Radar, ele foi responsável pelo time de futebol de praia *Belford Roxo/Gang* e organizou campeonato com público médio de quatro mil pessoas, além da presença de “torcidas organizadas”.<sup>380</sup> Eurico, portanto, percebeu que a modalidade estava se desenvolvendo e que valia a pena, até mesmo em termos financeiros, realizar um investimento. No entanto, é importante visualizar sua empreitada para além de uma possibilidade de retorno

---

<sup>379</sup> ALMEIDA, Op. cit.

<sup>380</sup> Ibid., p. 72.

financeiro. Caroline Almeida revela que uma de suas entrevistadas para a sua dissertação relatou que:

o Radar fora montado por Eurico para servir de base à seleção. Seu grande projeto consistiria, em primeiro lugar, regulamentar o futebol, depois, criar campeonatos e, por último, uma seleção nacional. Para tanto, mesclou garotas da praia com de outras comunidades e, com o tempo, foi trazendo jogadoras de outras cidades, até de outros Estados.<sup>381</sup>

Frente a isso, percebe-se que Eurico Lyra vislumbrava ser o grande nome do futebol feminino no Brasil, responsável pela condução da expansão da modalidade, o que lhe concederia um status de pioneiro no esporte. E o fato é que ele esteve envolvido e teve grande relevância desde a regulamentação até a formação da seleção. É necessário ponderar que existem diversas controvérsias em relação à figura de Eurico Lyra, já que ele é admirado por uns, pelo que fez pela modalidade e repudiado por outros, por algumas atitudes que teve no âmbito futebolístico e pessoal.<sup>382</sup> De todo modo, ele teve grande influência no futebol de mulheres na década de 1980 e foi essencial para as glórias do Radar.

Chama atenção a forma como o próprio dirigente analisava o esporte, concedendo uma grande relevância para o seu clube, o Radar. Sendo assim, ao passo que engrandecia os feitos da sua equipe, enaltecia a sua própria imagem, já que estava por trás dos feitos do clube. A *Tribuna da Imprensa* publicou uma matéria de página inteira a respeito do Radar no ano de 1986, contendo muitos elementos interessantes:

---

<sup>381</sup> Ibid., p. 74.

<sup>382</sup> Ibid. O caso da jogadora Cenira, citado em linhas acima, é um exemplo. Além disso, a jornalista Cláudia Silva, na entrevista que fizemos, relatou uma situação desagradável com o dirigente. Em resumo, ele teria ficado responsável por carimbar o seu passaporte para a viagem à China, rumo ao Mundial Experimental da FIFA, mas não o fez de propósito para que ela não viajasse com a delegação.

esporte

RADAR

Mostra que futebol também é para mulher

**E**ste ano, como sempre, a equipe feminina do Radar não teve uma campanha brilhante. Mas, apesar de ter perdido mais jogos do que venceu, o clube conseguiu se manter na liderança da tabela. Isso graças ao bom desempenho das jogadoras, que foram responsáveis por 24 gols marcados em 24 jogos disputados. O Radar, que começou o campeonato com uma vitória sobre o Fluminense, terminou o torneio com 19 pontos, empatado com o Botafogo e à frente do Flamengo e do Vasco da Gama.

Na Itália, que sempre foi o principal destino das jogadoras do Radar, o futebol feminino também é praticado. O clube Radar, de São Paulo, participou recentemente de uma competição em São Paulo, organizada pelo Conselho Nacional de Esportes. O Radar terminou em terceiro lugar, com 19 pontos em 24 jogos. O clube também participou de uma competição em São Paulo, organizada pelo Conselho Nacional de Esportes. O Radar terminou em terceiro lugar, com 19 pontos em 24 jogos.

A jogadora brasileira mais conhecida no exterior é a atacante Lúcia, que atua no clube italiano do Radar. Ela marcou 12 gols em 18 jogos disputados. Lúcia também participou de uma competição em São Paulo, organizada pelo Conselho Nacional de Esportes. O Radar terminou em terceiro lugar, com 19 pontos em 24 jogos.



Uma página que venceu. As jogadoras do Radar em ação durante um jogo. O clube terminou em terceiro lugar na tabela.

Atividade das jogadoras brasileiras em jogos internacionais. O Radar terminou em terceiro lugar na tabela.



**N**o Brasil, o futebol feminino também é praticado. O Radar, de São Paulo, participou recentemente de uma competição em São Paulo, organizada pelo Conselho Nacional de Esportes. O Radar terminou em terceiro lugar, com 19 pontos em 24 jogos.

Com 13 anos de existência, o Radar é considerado um dos clubes mais antigos do futebol feminino brasileiro. O clube participou de várias competições internacionais e nacionais, sempre com um bom desempenho.

Uma das jogadoras mais conhecidas do Radar é a atacante Lúcia, que marcou 12 gols em 18 jogos. Ela também participou de várias competições internacionais e nacionais.

Mesmo diante de tantas dificuldades, o Radar conseguiu se manter na liderança da tabela. Isso graças ao bom desempenho das jogadoras, que foram responsáveis por 24 gols marcados em 24 jogos.

Tudo começou no Natal de 52

Em dezembro de 1952, em uma noite de Natal, um grupo de mulheres se reuniu em uma casa de São Paulo para discutir a possibilidade de criar um clube de futebol feminino. O grupo decidiu se chamar Radar e começou a organizar jogos e competições. O clube terminou em terceiro lugar na tabela.

- Elenco: Sônia, Lúcia, Rosa, Zera, Mary, Helena, Fátima, Sandra, Cláudia, Helena, Célia, Daniela, Rosely, Patrícia, Elvina, Reges, Marilene e Adriana.
- Técnicos: Prof. João Varela (Clube de Maracá) e Prof. Paulo Paulo (Clube de Maracá).
- Local de treinos: Casa de Maracá, Lido de Maracá, Praia de Maracá.
- Membros: Dora, Célia, Ana, Maria, Helena, Sandra, Cláudia, Daniela, Rosely, Patrícia, Elvina, Reges, Marilene e Adriana.



Augere adequações

O clube Radar também se adequou às exigências das competições internacionais e nacionais, sempre com um bom desempenho.

Figura 14: Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 23 e 24 ago. 1986, p. 11.

A jornalista Lourdes Dória inicia o texto apontando para o sucesso do Radar, enfatizando que o clube havia sofrido apenas 5 derrotas em 5 anos. No entanto, conclui que apesar dos seus excelentes resultados, a equipe é desconhecida por boa parte dos seus leitores, por conta do sexo das jogadoras. Nesse sentido, ela responsabiliza o machismo, característica de países latinos, pela falta de espaço para as mulheres no futebol. A jornalista também cita o retrospecto do Radar, que naquele momento contava com 267 jogos, dos quais venceu 243, empatou 19 e perdeu apenas 5 vezes. Entre esses jogos, 44 foram contra times do exterior, que venceram as brasileiras 3 vezes e empataram 2 vezes. Muitas dessas vitórias correspondiam a títulos, como os campeonatos estaduais e torneios internacionais, como a *Copa Internazionali di Club*, realizada na Itália.

Na matéria, Eurico Lyra expõe a sua visão a respeito do futebol feminino, dividindo a história da modalidade em “antes e depois do Radar na Espanha”:

Segundo Eurico, antes havia futebol feminino, mas ninguém sabia, não havia campeonatos organizados e nem cobertura da imprensa. Com os jogos do Radar na Espanha e a ampla cobertura feita por jornalistas de todo o país, que então cobriam a Copa do Mundo, o time campeão teria contribuído para a divulgação deste esporte. Quando as notícias da atuação do Radar chegaram ao Brasil, as garotas que gostavam de jogar futebol começaram a pressionar os dirigentes de clubes para a criação de um time de futebol feminino e, com isso, os clubes de esquina também se proliferaram. Em nossas viagens, já passamos por cerca de 16 Estados brasileiros e observamos de perto que, quando o time é antigo, ele se formou entre julho e dezembro de 1982., época da visita do Radar a Espanha, durante a Copa, e, quando é mais recente, se constituiu na época da visita do Radar a sua cidade.<sup>383</sup>

É evidente que a excursão do Radar à Espanha foi muito positiva para o futebol de mulheres no Brasil. No entanto, a análise de Eurico Lyra desconsidera a dinâmica do futebol feminino em diversos estados brasileiros antes da viagem do seu time ao exterior. No ano de 1980, por exemplo, aconteceu um congresso em Pernambuco, para discutir sobre a proibição da modalidade. De acordo com os organizadores, existiam mais de 25 equipes praticando o esporte em Pernambuco, sem contar as do interior que eram desconhecidas.<sup>384</sup> Além disso, no próprio Rio de Janeiro, os torneios nas praias de Copacabana nos primeiros anos dos anos 1980 tiveram grande cobertura na imprensa. A análise feita pelo dirigente do Radar, portanto, tem a intenção de valorizar a sua própria imagem, uma vez que foi ele o responsável pela viagem do time à Espanha. De acordo com a perspectiva de Eurico, ele foi “o cara” que mudou a história do futebol feminino no país.

A jornalista menciona também alguns elementos contraditórios em relação ao futebol de mulheres no âmbito do time de Copacabana. Segundo Eurico, o time do Radar treinava todos os dias e em dois turnos. Porém, conforme o dirigente, as atletas não tinham nenhum estímulo financeiro e jogavam apenas por paixão. A questão é que ninguém vive de paixão e, tendo em vista que elas treinavam em dois turnos, é impensável que trabalhassem. Além disso, a própria reportagem destaca que a maior parte das jogadoras do Radar era de origem carente e que, portanto, não tinham condições de serem sustentadas por seus familiares, pelo menos na maior parte dos casos. Mas, Caroline Almeida, que estudou o clube com profundidade em sua

<sup>383</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 e 24 ago. 1986, p. 11.

<sup>384</sup> *O Fluminense*, Niterói, 8 set. 1980, p. 1.

dissertação, em oposição ao que consta na matéria, aponta que as jogadoras passaram a receber salários em 1984, que variavam entre 45000 e 60000 cruzeiros.<sup>385</sup> Apesar disso, constatou que algumas de suas entrevistadas não sabiam da existência de salários, apenas da ajuda de custo que algumas jogadoras de lugares mais afastados ou de outras cidades recebiam. Uma matéria do *Jornal do Brasil* de 1985, revela uma média salarial ainda mais alta no Radar, de 100 mil cruzeiros, e ainda diz que as jogadoras contavam com assistência médica, odontológica e social.<sup>386</sup> Retornando a pesquisa de Almeida, um outro fator que ela menciona é que:

Eurico, no entanto, formara uma rede de ajuda um tanto quanto paternalista na qual auxiliava suas atletas: conseguia emprego para família/namorados, resolvia questões legais, alugava apartamento próximo à sede, emprestava dinheiro, entre outros. Podemos dizer que se tratava de um sistema de trocas, desobedecendo às leis trabalhistas centrais para a economia de mercado base das sociedades ocidentais, onde toda uma moral relativa à obrigação era gerada a partir dos favores e lazes oferecidos.<sup>387</sup>

Como o futebol feminino era um esporte amador, não era conveniente revelar que as jogadoras recebiam salários. Entretanto, as evidências indicam que as remunerações existiam, assim como a rede de ajuda na qual Eurico auxiliava as atletas e as suas famílias. Omitir tudo isso e dizer que elas jogavam apenas por “amor”, como fez o presidente do Radar, provavelmente foi uma estratégia para atrair patrocinadores para o clube, que poderiam ficar comovidos com tal situação.

Não dá para deixar de comentar a respeito da charge que ilustra a reportagem de página inteira da *Tribuna da Imprensa*. Embora o objetivo da matéria seja valorizar o futebol das mulheres, mostrando os feitos do Radar, a imagem assinada pelo cartunista Marcelo Reis vai na direção totalmente contrária ao texto escrito. Ela apresenta mulheres chutando a canela uma da outra, vestidas de saias, com elementos que vinculam a mulher à esfera doméstica e da feminilidade imposta, como panela, um rolo de abrir massas e maquiagem. Nesse sentido, é válido questionar o descompasso entre texto e imagem, o que pode indicar a falta de comunicação entre os atores que fazem parte de um jornal. Uma outra possibilidade para a escolha da charge para ilustrar a matéria, é que ela pode ter sido usada para atrair a atenção tanto de quem apoiava, quanto de quem ridicularizava o futebol de mulheres.

---

<sup>385</sup> ALMEIDA, Op. cit.

<sup>386</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1985, Caderno Jovem, p. 1.

<sup>387</sup> ALMEIDA, Op. cit., p. 75.

Apesar do dirigente Eurico Lyra ter dito que as excursões do Radar muitas vezes davam prejuízo, o jornal *O Fluminense* e o *Jornal dos Sports* divulgaram, em 1986, que a equipe voltaria a Europa após vencer um torneio na Itália, para disputar 12 jogos e receber 24 mil dólares, o que equivalia a aproximadamente 330 mil cruzeiros. Os jornais ainda citam que o time estava valorizado, pois as suas jogadoras receberam propostas de grandes clubes italianos: “O passe de Pelezinha está cotado em 35 mil dólares; Roseli e Cenira, 30 mil dólares cada; Lúcia e Marcinha, 20 mil cada; Sidnea, Rosa, Mary, Marisa, Lica, Fantasma, Zica, 10 mil cada, totalizando 205 mil dólares”.<sup>388</sup> O Radar, contudo, estava disposto a mantê-las no elenco para disputar a primeira Copa do Mundo de futebol feminino em 1988, como representante do Brasil, pois, em função do sucesso do clube e da influência de Eurico no meio esportivo, o presidente da FIFA, João Havelange, enviou uma carta para ele assegurando que o time seria o representante brasileiro na competição.<sup>389</sup>

O dirigente do Radar não se restringia às atividades do clube, mas se envolvia diretamente na organização de campeonatos. Pelo fato de possuir muitos contatos em diferentes meios, contava com o apoio da imprensa, de governantes que apoiavam as suas ideias e conseguia reunir equipes de diferentes estados e até de outros países. O mais emblemático campeonato organizado por Eurico Lyra foi o chamado Mundial de Futebol Feminino, que curiosamente foi um dos poucos torneios que o Radar disputou e não ganhou.<sup>390</sup> O torneio reuniu seleções de países como Estados Unidos, Alemanha e Argentina.<sup>391</sup> Em tese, era um campeonato de seleções nacionais, porém, algumas dessas seleções foram representadas por jogadoras de uma única equipe, como é o caso do Radar, que representou o Brasil. Após a realização do Mundial, Gilber Oliveira, do *Jornal dos Sports* fez um resumo e iniciou enaltecendo a figura do presidente do clube carioca, ao escrever que:

Ficamos impressionados com a determinação, coragem e visão do Presidente do Radar, Eurico Lyra, e do prefeito de Cabo Frio, Alair Correa, sendo que, Eurico Lyra, apaixonado pelo seu Radar e pelo futebol feminino, é o responsável pela consolidação desse esporte no Brasil.<sup>392</sup>

---

<sup>388</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1986, p. 11.

<sup>389</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 e 24 ago. 1986, p. 11.

<sup>390</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1985, p. 15.

<sup>391</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1985, p. 14.

<sup>392</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1985, p. 15.

Gilber Oliveira ainda traça as dificuldades enfrentadas para a realização do torneio, citando por exemplo o cancelamento do patrocínio de uma rede de televisão e as visitas em vão aos gabinetes de autoridades do Rio de Janeiro para promover o campeonato na cidade. Tudo indicava que a competição teria que acontecer em São Paulo, pois o governo paulista tinha interesse, até que apareceu o prefeito de Cabo Frio, Alair Correa, com a proposta de realizar o campeonato em sua cidade. Mesmo faltando apenas 4 dias para o evento, “organizou toda a estrutura do mundial, proporcionando hospedagem, alimentação e transporte de excelente nível a todas as delegações”.<sup>393</sup> Em termos de público, o campeonato também foi um sucesso, visto que os jogos tiveram uma média de 10 mil pessoas e, nos jogos em que o Brasil (Radar) jogava, a média subia para 15 mil pessoas. A Alemanha foi a campeã e a artilheira foi a jogadora Cenira e a goleira menos vazada foi Meg, ambas do Radar. A arbitragem foi formada apenas por mulheres, que atuaram de forma segura e tranquila.<sup>394</sup>

Ao fazer um balanço da competição no *Jornal dos Sports*, Lyra salientou que: “o resultado do Mundial é o que tem menos valor. O mais importante foi a sua realização no Brasil, principalmente no nosso estado”.<sup>395</sup> Mais uma vez, ele se coloca muito além de diretor do Radar. A posição assumida por ele é de um ativista em prol do futebol feminino,<sup>396</sup> tendo em vista que considerava o sucesso da modalidade, na ocasião, mais importante que o êxito do seu próprio clube. É claro que ele gostaria que o seu clube tivesse ganhado o campeonato realizado em Cabo Frio, mas como isso não aconteceu, aproveitou para se posicionar ao lado do progresso da modalidade, representado pelo campeonato de nível mundial do qual ele foi o principal organizador.

Apesar de Lyra ter contribuído significativamente para o sucesso do Radar, as grandes responsáveis por isso foram as jogadoras, que entraram em campo, ganharam as partidas e conquistaram os campeonatos. Nesse sentido, vale destacar que o time buscou contar com as melhores atletas da modalidade, contratando as que se destacavam até mesmo em outros estados. Em 1983, por exemplo, o Radar contratou Rosa, meio campo que atuava pelo Cruzeiro, de Minas Gerais.<sup>397</sup> No mesmo ano, o time contou com a chegada de diversas jogadoras do Madureira, trazidas pelo técnico Murilo, que acabou gerando um imbróglio já explorado anteriormente, entre Eurico Lyra e o dirigente do Madureira, Carlos Damião. Nessa ocasião, uma das melhores jogadoras da década de 1980 e 1990, Cenira, foi para o Radar, clube pelo

---

<sup>393</sup> Ibid.

<sup>394</sup> Formadas no curso promovido pela FERJ em 1983.

<sup>395</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1985, p. 15.

<sup>396</sup> ALMEIDA, Op. cit.

<sup>397</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1983, p. 3.

qual fez muitos gols, sendo artilheira de diversas competições. No ano seguinte, o Radar contratou as atletas Fia, Russa e Marisa, que atuavam pelo São José e a zagueira Edilene, que jogava pelo Bonsucesso.<sup>398</sup> As três primeiras foram convocadas para a primeira seleção brasileira de futebol feminino, que participou do mundial experimental de 1988.

Além de contar com ótimas jogadoras, o Radar tinha também uma excelente estrutura, a qual era possível em grande medida por conta dos patrocínios que o clube recebia. Como já foi abordado em linhas acima, foi na década de 1980, em meio à crise do futebol brasileiro, que as marcas começaram a estampar seus nomes nas camisas dos clubes. Por ser um time que fazia excursões por diferentes estados e diferentes países, patrocinar o Radar poderia ser interessante para algumas empresas. Assim, ao longo da sua história o Radar contou com diferentes patrocinadores, tais como o Banco BRJ e o Pão de Açúcar. Em uma entrevista ao *Jornal dos Sports* em 1984, Eurico Lyra, perguntado a respeito do sucesso do clube respondeu:

O sucesso do Radar está na dedicação direta do trabalho e dedicação do elenco, comissão técnica e diretores, pois são 5 horas diárias de treinamento de segunda a sábado (9 às 10h30min parte física, almoço 11h00min, treino tático e técnico das 15 às 17h30min), na Casa do Marinheiro, onde recebemos um excepcional tratamento por parte da oficialidade e de marinheiros.

Não podemos deixar de destacar a importância fundamental do patrocínio do Banco BRJ, que nos propicia um valioso auxílio financeiro que cobre mais de 50% das despesas, permitindo a manutenção da equipe com uma estrutura de alto nível, somente comparável a dos grandes clubes brasileiros.<sup>399</sup>

O Radar, portanto, possuía uma dinâmica de um clube profissional, em um momento em qual o futebol de mulheres era amador. Dessa maneira, estava muito à frente dos outros clubes e por conta disso ganhou com facilidade a maior parte dos campeonatos estaduais da década de 1980. Em uma relação de mão dupla, o sucesso precoce do time feminino do Radar atraiu os patrocinadores, os quais contribuíram decisivamente para a continuidade do sucesso da equipe, que dominou o futebol de mulheres nos anos 1980.

Ainda assim, alguns clubes protagonizaram disputas acirradas com o Radar. No âmbito dos campeonatos estaduais, após o ano de 1983, no qual o Bangu foi o grande rival da equipe de Copacabana, apenas em 1986 o campeonato voltou a ter uma “final”, pois em 1984 e 1985 o Radar venceu de forma antecipada. No primeiro turno, Radar e Portuguesa ficaram empatados na primeira colocação e o confronto direto ficou empatado em 0 a 0. Já no segundo turno, o

<sup>398</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 set. 1984, p. 6.

<sup>399</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 out. 1984, p. 5.

Radar chegou à última rodada com um (1) ponto a mais do que a lusa. Portanto, o time de Copacabana levaria o título com um empate, enquanto a Portuguesa precisava de uma vitória por qualquer placar. Às vésperas do jogo, o diretor da Lusa, Clóvis Libanio, estava preocupado, tendo em vista que seria a primeira vez que suas jogadoras atuariam no Maracanã, e ainda por cima na preliminar de um *Fla x Flu*.

Temo pelos primeiros 10, 15 minutos de jogo. O nosso time não está acostumado a jogar diante de uma plateia tão grande como a de um Fla-Flu. Sei que as meninas não vão se intimidar, mas pode acontecer um abalo emocional no início da partida. Afinal, o Maracanã mexe até com veteranos.<sup>400</sup>

Enquanto o dirigente da Portuguesa estava preocupado com o desempenho técnico de sua equipe, pelo lado do Radar, Eurico Lyra dizia que o importante é promover a modalidade. Novamente, o dirigente adota um discurso que o coloca mais ao lado do progresso do esporte do que do seu próprio clube. Nas palavras dele:

Muita gente que estará no Maracanã hoje nunca viu uma partida desta modalidade. Este jogo poderá representar muito em termos de futuro. **O Radar é um time técnico, de posse de bola. Se a Portuguesa se comportar da mesma maneira, não importará o resultado do placar, pois o futebol feminino ganhará muito.** Agora, qualquer incidente, por parte de ambas as equipes, poderá representar um verdadeiro desastre para o futuro da modalidade. Todo o público presente e a imprensa especializada poderão ver que futebol feminino não é pernada, correria, jogo de sapatões, como muitos ainda pensam (grifo nosso).<sup>401</sup>

Eurico via nesse jogo uma grande oportunidade para o público conhecer o futebol de mulheres e quebrar preconceitos que faziam parte da mentalidade de boa parte das pessoas. Nessa lógica, era fundamental que não ocorresse nenhum incidente na partida e os dois times apresentassem o melhor futebol possível. Sendo assim, ele entendia que o seu time ganhando ou perdendo não importava, já que o grande vencedor seria o futebol feminino. O posicionamento do dirigente do Radar, portanto, era de alguém que se colocava publicamente como um grande defensor do futebol de mulheres, ao ponto de colocar o sucesso da modalidade à frente do seu clube. Em que pese os esforços de Eurico no âmbito futebolístico, essa postura

<sup>400</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1986, p. 13.

<sup>401</sup> *Ibid.*

está associada a uma imagem que ele buscou construir ao longo da sua trajetória, como o grande incentivador do futebol feminino no Brasil.

O Radar conquistou o campeonato de 1986, mantendo a sua hegemonia, sem vencer a equipe da Portuguesa. No primeiro turno os times haviam empatado em 0 a 0 e no jogo decisivo válido pelo segundo turno empataram em 1 a 1. De acordo com o *Jornal dos Sports*, o Radar dominou os primeiros 30 minutos de jogo, mas a Portuguesa reagiu e conseguiu marcar o primeiro gol da partida com Rosinha. Na segunda etapa, o Radar voltou pressionando para marcar e em uma falta próxima à bandeirinha de escanteio, Rosa chutou por cobertura e surpreendeu a goleira Shirlei, marcando o gol do tetracampeonato estadual do clube.<sup>402</sup>

O presidente do Radar declarou à coluna “Bola no Chão”, de Milton Salles, que viveu a maior emoção da sua vida no mundo do futebol, quando os torcedores que estavam no Maracanã começaram a gritar em coro: “Radar! Radar!” Além disso, Eurico acrescentou que a partida foi muito bem disputada e contou com um interesse muito grande por partido do público, sugerindo que as partidas da modalidade continuassem a ser programadas para o Maracanã, fazendo as preliminares dos jogos de futebol masculino.<sup>403</sup>

### **3.4 O Mundial Experimental da FIFA de 1988**

Como abordado anteriormente, nos anos de 1970 e 1971 foram disputados dois campeonatos chamados de Campeonato Mundial e de Copa do Mundo. Os eventos tiveram importante impacto mundial, pois fizeram com que a FIFA mudasse a sua postura em relação ao futebol das mulheres.

Nos primeiros anos da década de 1980, o brasileiro João Havelange, presidente da FIFA, passou a dar declarações à imprensa sinalizando que em breve organizaria o primeiro campeonato mundial de futebol feminino, influenciando a regulamentação da modalidade no país. Em diversas oportunidades, fez declarações projetando a realização desse campeonato, porém, apenas 1988 a entidade máxima do futebol promoveu a competição.

O chefe da delegação brasileira foi o presidente do Radar, Eurico Lyra. É importante salientar que esse posto não foi alcançado apenas pelos resultados que o seu clube conquistou dentro de campo. Evidentemente, o fato de ser o presidente do principal time de futebol de mulheres do país foi fundamental para que o seu nome fosse escolhido. Contudo, vale a pena

---

<sup>402</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1986, p. 9.

<sup>403</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 dez. 1986, p. 11.

destacar o relacionamento de Eurico com os grandes dirigentes do futebol nacional. No ano de 1984, ele defendeu e elogiou publicamente, no *Jornal dos Sports* o então presidente da FERJ, Octávio Pinto Guimarães, dizendo que ele era o grande incentivador do futebol feminino no Rio de Janeiro e estava dando um apoio extraordinário ao esporte.<sup>404</sup> O mesmo Octávio Pinto Guimarães, estava à frente da CBF em 1988 e foi o responsável por convidar Eurico para chefiar a delegação brasileira de futebol feminino, como forma de reconhecimento pelo trabalho em prol da modalidade. Lyra comentou sobre a sua indicação dizendo:

Sinto um imenso orgulho de chefiar a seleção brasileira de futebol feminino. Fica o agradecimento ao presidente da CBF, Octávio Pinto Guimarães, pela minha indicação e principalmente pelo incentivo a esta modalidade esportiva. Ao realizar o I Campeonato oficial de futebol feminino em 83, um evento pioneiro, o presidente da entidade deu um passo fundamental para a oficialização e o desenvolvimento do futebol feminino.<sup>405</sup>

O dirigente ainda aproveitou a oportunidade para agradecer ao *Jornal dos Sports*, destacando que “este veículo de informação sempre noticiou os fatos desta modalidade esportiva dando o total incentivo para que este esporte se oficializasse”.<sup>406</sup> Diante do exposto, fica evidente que além da questão esportiva e administrativa, existia um aspecto político e social que foram determinantes para a indicação de Eurico pelo presidente da CBF, Octávio Guimarães. Em relação ao comentário do presidente do Radar sobre o JS, é certo que ele tinha um bom relacionamento com boa parte dos jornalistas que trabalhavam lá, fazendo com que a maioria das notícias veiculadas sobre ele e seu clube tivessem um teor positivo.

No ano anterior à realização do Mundial, Eurico Lyra assumiu o setor de futebol feminino da Confederação Sul-Americana de Futebol. De acordo com o jornalista Milton Salles, uma das primeiras iniciativas dele seria a realização de um torneio continental, o qual serviria também como eliminatória para o Campeonato Mundial de 1988.<sup>407</sup> Contudo, a competição não chegou a acontecer e o Brasil foi escolhido para ser o representante sul-americano no Mundial. A escolha do Brasil passa diretamente pela figura do presidente da FIFA, João Havelange, o qual declarou em diferentes oportunidades que gostaria que a seleção brasileira estivesse presente. Havelange chegou a enviar uma carta para Eurico, em 1986,

---

<sup>404</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 set. 1984, p. 5.

<sup>405</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 10 abr. 1988, p. 4.

<sup>406</sup> *Ibid.*

<sup>407</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1987, p. 3.

“garantindo o seu lugar na Copa da categoria em 88”.<sup>408</sup> O presidente da FIFA acreditava que o Radar, clube dirigido por Lyra, deveria representar a seleção brasileira no campeonato.

No final de 1986, a Federação Paulista promoveu um torneio que foi intitulado Campeonato Brasileiro de Seleções, o qual, em teoria, reuniria as seleções de alguns estados. Nessa competição, a Portuguesa, que foi a vice-campeã estadual do Rio de Janeiro, foi a representante do estado, contando com o reforço de algumas poucas jogadoras do América, Imperial e Anchieta. Segundo matéria do *Jornal dos Sports*, para o presidente do Radar, contudo, o torneio era uma armação da federação paulista que tinha como objetivo levar a federação paulista ao seu primeiro título.

Em primeiro lugar, este torneio não é oficial, até porque a Copa Brasil deste ano já foi disputada, lá mesmo em Campinas, e o Radar, sagrou-se campeão. O descrédito neste torneio fica evidente com a atitude das próprias federações convidadas, já que nenhuma delas permitiu a formação de uma seleção oficial de seus estados.

**Eles querem levar pelo menos um título para São Paulo para projetar o estado, pois ano que vem será formada a seleção brasileira de futebol feminino que disputará, em 88, a primeira Copa do Mundo da categoria, organizada pela FIFA (grifo nosso).**<sup>409</sup>

Nota-se receio de Eurico com a projeção de São Paulo no cenário do futebol de mulheres. O mundo futebolístico é movido por interesses pessoais, os quais muitas vezes são colocados acima do esporte. Nesse sentido, pode ser que os dirigentes da Federação Paulista estavam mesmo interessados em ganhar notoriedade no âmbito do futebol feminino, da mesma forma que o presidente do Radar agia para isso. Da mesma maneira, as notícias que são veiculadas na imprensa também estão associadas a interesses de alguns grupos. Nessa lógica, após as declarações de Eurico, o *Jornal dos Sports* não publicou mais nenhuma notícia a respeito da competição, o que provavelmente tem relação com a insatisfação demonstrada por ele. Aliado a isso, é importante considerar a antiga rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo na esfera futebolística, que também pode ter colaborado para que o *Jornal dos Sports* deixasse de publicar as notícias do campeonato.<sup>410</sup>

O Radar continuou dominante no ano de 1987, tanto no cenário estadual quanto no nacional. Às vésperas da Taça Brasil, que era uma espécie de campeonato brasileiro da

<sup>408</sup> *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 23 e 24 ago. 1986, p. 11.

<sup>409</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1986, p. 2.

<sup>410</sup> A coluna Bate-Bola, que publicava cartas de leitores, chegou a veicular uma carta escrita por Clóvis Libanio, dirigente da Portuguesa, informando que o clube estava na semifinal da competição.

categoria e ocorreu no mês de novembro, o *Jornal do Brasil* noticiava que o Radar havia perdido seis titulares e já não assustava mais as adversárias.<sup>411</sup> Uma das jogadoras que saiu do Radar foi a volante Lúcia, uma das poucas a participar do Mundial e que não era jogadora do time, e uma das primeiras mulheres brasileiras a ir jogar no exterior, no sul da Itália, pela equipe do Trani.<sup>412</sup> Ao se despedir do clube de Copacabana, Lúcia agradeceu às suas ex-companheiras e, principalmente, ao dirigente do clube, Eurico Lyra. Apesar dessa e de outras perdas, o Radar reforçou o time com 3 jogadoras da Portuguesa e 1 do Anchieta.<sup>413</sup>

Na Taça Brasil, disputada em Brasília, o Radar foi campeão de forma invicta, marcando 10 gols e sem sofrer nenhum, sendo a atacante Michael Jackson o grande destaque da equipe. Conforme foi noticiado pelo *Jornal dos Sports*, na final, a equipe dominou a partida, mesmo com o gramado em condições ruins por conta das chuvas, mas não conseguiu marcar em função da boa defesa do Vila Dimas, que era o time da casa. Na prorrogação, o empate persistiu e o time carioca venceu por 4 a 3, conquistando o pentacampeonato brasileiro.<sup>414</sup> Dessa forma, com as atuações ao longo do ano de 1987 e, sobretudo na Taça Brasil, boa parte das jogadoras titulares do Radar consolidaram a vaga na seleção brasileira, que seria formada já nos primeiros meses de 1988.

Em abril de 1988, Milton Salles em sua coluna “Bola no Chão”, destacou a “Copa do Mundo feminina”, anunciando o início da preparação da seleção brasileira, que iria participar do campeonato em junho. Sobre as jogadoras convocadas, o chefe da delegação, Eurico Lira disse que “A convocação para a seleção brasileira deu chance a todos os Estados em que se pratica o futebol feminino”.<sup>415</sup> Em termos práticos, foram chamadas para a seleção sete jogadoras de São Paulo, quatro da Bahia, uma do Pará, uma de Brasília, uma do Rio Grande do Sul, uma de Goiás e 17 do Rio de Janeiro, sendo 8 do Radar. Como o técnico da seleção brasileira também era técnico do Radar, é possível supor que as jogadoras convocadas dos outros estados chamaram a atenção do treinador nos jogos em que a sua equipe realizou contra times desses locais. Levando em consideração que naquele momento a disponibilidade de assistir vídeos para ver os lances das atletas era muito pequena, esse seria o único meio de conhecer de fato a qualidade das jogadoras. Uma outra hipótese razoável é que algumas dessas jogadoras podem ter sido indicadas por pessoas ligadas ao futebol de mulheres nesses estados. Visto que o chefe da delegação mantinha um bom contato com os sujeitos do meio futebolístico,

---

<sup>411</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1987, 1º Caderno, p. 40.

<sup>412</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 26 out. 1987, p. 6.

<sup>413</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1987, p. 3.

<sup>414</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1987, p. 6.

<sup>415</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1988, p. 4.

é possível que tenha pedido a indicação das jogadoras que se destacavam no estado para compor o elenco da seleção.

Apesar de atletas de outros times e estados terem conseguido espaço na seleção, o Radar foi o clube que mais teve convocações, sendo isto facilmente compreendido pelo fato de ser o melhor time do futebol brasileiro da época e pelo treinador e o chefe da delegação conhecerem de perto o trabalho das jogadoras. O número de convocadas de outros times do Rio de Janeiro também foi significativo, em função do treinador João Varela ter enfrentado no comando do Radar, clubes que contavam com excelentes jogadoras.

De um modo geral, a cobertura do Mundial por parte da imprensa foi tímida. O *Jornal dos Sports* fez uma cobertura mais ampla, pois a jornalista Cláudia Silva viajou com a seleção para a China, como jornalista da delegação brasileira.<sup>416</sup> Milton Salles, também do *Jornal dos Sports*, relatou que foi o presidente da CBF, Octávio Guimarães, que providenciou para Cláudia ser a jornalista da delegação, dando a entender que o dirigente fez alguma articulação para que ela fosse a jornalista escolhida.<sup>417</sup> No entanto, Cláudia Silva, que era estagiária naquele momento e fazia a cobertura da CBF, conta que:

Aí veio a história de ter um primeiro torneio mundial de futebol feminino em 88. É... eu já tava um ano cobrindo CBF, com os velhinhos, todos eram muito mais velhos, eu tinha 22 anos e eles tinham 50, é, e eu me dava bem com todo mundo, com absolutamente todo mundo. E falou: “Não, a Claudinha que tem que ir, não sei o que”.<sup>418</sup>

Além disso, ela acrescenta que o jornalismo esportivo daquele período era muito centrado no jogo em si, sem levar em consideração o que acontecia no contexto ao redor. Nessa perspectiva, não existia um interesse dos outros jornalistas em cobrir o campeonato. Em suas palavras:

É, então é, a primeira reação daquelas pessoas que tavam ali, era dizer assim: “vou cobrir o que lá, né?” Esse bando de (isso aqui sou eu, ninguém falou isso, mas a cabeça eu acho), esse bando de mulher-macho, porque não tinha sapatão nessa época. Esse bando de mulher-macho, não joga nada, entendeu? Assim, ninguém falou isso, eu tô botando assim num lugar: “o que que eu vou fazer na China com essas mulheres?”

---

<sup>416</sup> SILVA, Cláudia. Entrevista concedida a Victor Hugo Gonçalves Batista. Ambiente virtual, 17 mar. 2022. De acordo com a jornalista Cláudia Silva, entrevistada para essa dissertação, a legislação daquela época previa que um jornalista viajasse junto com a delegação, para fazer a cobertura do evento e o relatório da viagem.

<sup>417</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 14 mai. 1988, p. 4.

<sup>418</sup> SILVA, Cláudia. Entrevista concedida a Victor Hugo Gonçalves Batista. Ambiente virtual, 17 mar. 2022.

Então não existiu nenhuma, quando alguém falou meu nome não existiu nenhuma, assim, “ah não, eu acho que é melhor sortear, ah não...” porque existia uma fila de viagem. Com o nome dos órgãos. E o futebol não entrou na fila de viagens. Tanto que tinha um amigo, tinha não, tenho um amigo, o Vanderlei, que era do jornal Última Hora, que nessa época ainda existia, o jornal acabou em 91, 90, 91. O Vanderlei tinha ido à China um ano antes pro mundial de juniores, porque tava na fila das viagens.<sup>419</sup>

O nome de Cláudia Silva foi unanimidade entre os jornalistas que trabalhavam cobrindo a CBF para viajar com a delegação brasileira à China, sem fazer com que o campeonato entrasse na fila de viagem. Portanto, ao contrário do que foi veiculado por Milton Salles, a escolha de Cláudia não teria acontecido por meio de uma providência do presidente da CBF, Octávio Guimarães, e sim por um consenso entre os jornalistas que cobriam a entidade. Observa-se, nesse caso, uma contradição entre o que foi apontado por Cláudia e o que foi escrito no *Jornal dos Sports* por Milton Salles.

Com a definição do nome de Cláudia Silva para ser a jornalista da seleção, ela começou a cobrir os treinos realizados no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN). Indo além dos aspectos técnicos e táticos do esporte, a jornalista já em suas primeiras matérias passou a comentar a respeito dos problemas enfrentados pelas jogadoras na fase de preparação. “As condições de trabalho são difíceis, já que até a roupa de trabalho é lavada pelas jogadoras. Além disso, os campos de treinamento não estão em bom estado”.<sup>420</sup> O fato de ser uma mulher realizando a cobertura da seleção influenciou diretamente no conteúdo das notícias, de modo que algumas percepções, ao escrever sobre as condições de trabalho, por exemplo, poderiam ter sido deixadas de lado, caso fosse um homem cobrindo.

Ao longo do mês de maio, Cláudia Silva publicou algumas matérias no *Jornal dos Sports* trazendo notícias sobre o processo de preparação da seleção e comentando também sobre os problemas a serem enfrentados, como a questão do fuso horário e da alimentação. Em uma dessas matérias, a jornalista entrevistou algumas jogadoras que revelaram as suas expectativas para o campeonato. A notícia, que contou com algumas fotos, ocupou praticamente meia página do jornal.<sup>421</sup>

Apesar do título da matéria ser “Copa do Mundo pode fortalecer o futebol feminino no Brasil”, a jornalista Cláudia Silva apontou que o torneio poderia servir de vitrine para as jogadoras brasileiras que quisessem seguir os passos de Lúcia, que atuava no futebol italiano.

---

<sup>419</sup> Ibid.

<sup>420</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1988, p. 5.

<sup>421</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 7 maio 1988, p. 4.

Sendo assim, para a jornalista, a visibilidade do campeonato poderia fazer com que as melhores jogadoras do Brasil fossem jogar no futebol europeu, onde o esporte era profissional em vários países. Na notícia, ao se referir especificamente às jogadoras, ela comentou que Pelezinha não tinha pretensão em sair do país e desejava o fortalecimento das equipes brasileiras; Marcinha sonhava em jogar na Europa e fazia questão de demonstrar o seu lado feminino; Suzana deixou o namorado pelo futebol e Michael Jackson só pensava em voltar com o “caneco” da China. Independentemente do objetivo individual de cada uma delas, o fato é que o Mundial organizado pela FIFA representava uma oportunidade de valorização da modalidade e, conseqüentemente, do trabalho delas.

Antes do início do evento, o *Jornal do Brasil* também publicou uma matéria sobre a ida da seleção para a China intitulada “Moças do Brasil vão à China com Pelezinha para o primeiro Mundial”. Pelo fato de ser a jogadora mais experiente da seleção, Marilza Martins da Silva, a Pelezinha, era destaque entre as jogadoras e costumava ser escolhida para dar entrevistas. O jornalista responsável pela matéria faz uma breve reflexão sobre o panorama do futebol praticado pelas mulheres no Brasil, expondo que:

No país do futebol, até pouco tempo, mulher tinha mesmo de cuidar dos afazeres domésticos. Essa imagem, no entanto, vem sendo mudada nos últimos anos, desde que o futebol feminino se instalou no país. Aos poucos, quase em marcha lenta. O CND finalmente o reconheceu como esporte em 1983. Agora, cinco anos depois, pela primeira vez, foi formada uma Seleção Brasileira feminina, que viajou sexta-feira para disputar a I Copa do Mundo, promovido oficialmente pela FIFA, na China, a partir de 1º de junho.<sup>422</sup>

É importante frisar que essa mudança citada pelo periódico não ocorreu de forma natural, mas foi fruto de um esforço muito grande empreendido pelas mulheres não só do meio esportivo, mas também de outras áreas da sociedade. Entende-se que o reconhecimento da modalidade pelo CND contribuiu para a mudança da visão em relação à presença das mulheres no futebol, mas é importante ressaltar que esse processo ocorre na longa duração, com mulheres ocupando os espaços futebolísticos desde a década de 1920 e resistindo apesar das medidas proibitivas. Nesse sentido, tanto o reconhecimento do esporte pelo CND, quanto a realização do Mundial pela FIFA, foram conquistas das mulheres e não concessão dos dirigentes dessas entidades.

---

<sup>422</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 maio 1988, 1º Caderno, p. 31.

Mesmo com tudo acertado para viajar para a China junto com a seleção como jornalista da delegação, Cláudia Silva conta que quase não conseguiu embarcar. Em um dado momento da entrevista, perguntando à jornalista se ela tinha conhecimento sobre a situação envolvendo a jogadora Cenira e o chefe da delegação brasileira e presidente do Radar, Eurico Lyra e no momento em que citei o nome dele, ela logo me interrompeu falando: “Demônio”! Em seguida, relatou com detalhes que o dirigente quase conseguiu impedir que ela viajasse com a delegação:

Cláudia: Mas é isso, o Eurico que mandava. Você sabe o que o Eurico fez comigo? O Eurico não queria testemunhas do que ele fazia. Porque ele pode ter sido um cara que fez muita coisa, mas ele dominava aquilo ali, entendeu? Ele era o tio mal. Controlava o dinheiro. Mas assim, ajudava, “ah, conserta o telhado da casa de fulano”. Ele ficava ali dando as migalhinhas do coronel, sabe o coronel? Toma aqui o colchão, toma aqui não sei o que mais. Eu entreguei todos os meus papeis e aí foi um pacote dos passaportes pra embaixada da China, é, pra pegar os vistos. Na véspera da viagem, eu fui na secretaria lá da CBF, pegar o meu passaporte. Eu tinha ido comprar uma mala, a seleção tava sendo apresentada, falei com as meninas, falei com o próprio Eurico, “oi, tudo bom?” E falei assim, ih vou pegar meu passaporte. Não falou nada. Ele não tinha mandado meu passaporte pra Brasília. Aí a velhinha... ué mas seu passaporte não tá aqui não pra carimbar. Como assim? Não, não. Eurico não levou seu passaporte. Isso 2 da tarde, na véspera. Aí, eu cheguei na sala de imprensa. Gente, o Eurico não mandou meu passaporte. Caraca, os velhos ficaram loucos, subiram no navio. Vamo resolver agora. Naquela época tinha uma secretaria nacional de esporte, não sei o que. Ligaram pra Brasília. O pessoal da secretaria: “foi o Eurico, foi o Eurico que fez isso”, não sei o que. Olha, não sei, como é que resolvia. O Eurico ficou muito puto. É, Nabif mandou tirar passagem, falou: “você vai ter que ir lá”.

Eu: Em Brasília, no caso, pra buscar o passaporte, porque...

Cláudia: Não, pra ir levar, pra carimbar.

Eu: Ah, pra carimbar. Porque ele era o responsável por ter feito isso...

Cláudia: Pra tudo isso, que ele fez, ele “não, eu vou resolver”. No outro dia de manhã, eu morava em Jacarepaguá, minha mãe me levou no aeroporto, embarquei pra Brasília, cheguei em Brasília, eu peguei o voo das 7, cheguei em Brasília às 9h, já tinha um carrão, antigamente os carros em Brasília era um London, preto, sabe? Carro, me esperando. Dali o cara que era secretário, era secretário do secretário nacional do esporte, já tinha ligado pra embaixada, veio o embaixador coçando a cabeça. Chinês muito, muito figura, de short. Juro pra você, juro. Já tinha explicado a situação, ele falou “não, claro...” aí eu preenchi uma ficha assim rápido o cara fez assim: carimbou meu passaporte, assinou, me levou e volta no London, eu peguei o voo das 11h em Brasília. 1h da tarde eu tava no aeroporto, minha mãe, peguei um táxi, voltei pra Jacarepaguá, eu tinha que estar 4 da tarde de volta. Ele tava apostando que eu não ia conseguir, né? A minha mãe foi buscar a minha roupa. Ipanema, minha mala já tava toda pronta, meu pai já esperando. Voltamos pro aeroporto. Eu, minha mãe e meu pai. Aí meu pai: “Eu vou comprar um dinheiro pra você, né”, porque não tinha cartão de crédito, né, aí só vendia dinheiro no Banco do Brasil. Aí meu pai chegou lá, minha filha vai perder o voo, ah chegasse mais... meu pai explicou o cara, conseguiu me atender, meu pai me deu acho que 500 dólares na época. O jornal tinha me dado 200. Quando eu cheguei, as meninas tavam embarcando, tinha a televisão, aí eu cheguei todo mundo “Cláudia, Cláudia, oh”... aí o Eurico fez assim: olha a minha cara. Oi, tudo bom? Falei: É, consegui meu passaporte que você... “Não, não, foi um erro, a CBF não me entregou”. Tudo bem. E aí eu entendi qual era, ele tinha o controle, então

ele não queria testemunha, porque o repórter convidado, jornalista da delegação, ele é um fiscalizador.

O relato da jornalista é muito interessante pois mostra a maneira sutil empregada por Eurico para conseguir os seus objetivos. Como Cláudia apontou, o jornalista que vai junto com a delegação da seleção brasileira é um fiscalizador, que observa o que acontece ao longo da viagem. Nessa lógica, a presença de Cláudia era um incômodo para Eurico, pois teria alguém, de certo modo, vigiando as suas ações. Por esse motivo, o dirigente até tentou impedi-la de viajar ao não levar o seu passaporte para carimbar. Cláudia, porém, mesmo com pouco tempo, conseguiu se articular e fazer tudo o que era necessário para ir à China junto com a delegação.

Entre os jornais pesquisados, o *Jornal dos Sports* foi o único que fez uma cobertura completa da competição, trazendo os resultados de todos os jogos. O *Jornal do Brasil* e a *Tribuna da Imprensa* noticiaram o resultado de algumas partidas, enquanto *O Fluminense* não trouxe nada do campeonato. De acordo com o relato de Cláudia Silva, apesar de ter viajado como jornalista do *Jornal dos Sports*, ela foi também como jornalista da delegação brasileira, de modo que existia um combinado entre os jornais que nesse tipo de situação a pessoa enviada poderia se comunicar com outros meios de comunicação para além do qual ela trabalhava. Em suas palavras:

Então, é... não tinha pra você ver, o único relato brasileiro que tem sobre essa participação na China, é o conjunto de matérias que eu fiz. Porque... mais nada. Eu fiz umas entradas na Jovem Pan, ao vivo, e eu tava lá, eu podia ter entrado em todas as rádios que eu quisesse, podia falar com todos os jornais. Porque esse é um pacto mesmo. Ninguém procurou. Ninguém quis.

O relato da jornalista demonstra que existiu um grande descaso com a competição por parte da imprensa brasileira, o que se confirmou com a análise das fontes jornalísticas. Mesmo sendo um torneio de caráter internacional, organizado pela FIFA, os meios de comunicação ou ignoraram a existência do campeonato ou então deram uma atenção muito pequena. É o caso do *Jornal do Brasil*, que trouxe a notícia do terceiro lugar brasileiro da seguinte forma: “**Futebol Feminino** - A seleção da Noruega conquistou ontem o Torneio Internacional de Futebol feminino, ao derrotar a China por 1 a 0, gol de Linda Medalen, aos 13 minutos do segundo tempo. O Brasil ficou em terceiro lugar”.<sup>423</sup> Além do fato da notícia ser curtíssima, o

---

<sup>423</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1988, Esportes, p. 3.

jornal ainda errou no conteúdo ao escrever que a Noruega venceu a China na final. A Noruega venceu a Suécia na final e o Brasil derrotou a China pela disputa do terceiro lugar, nos pênaltis.

Apesar do *Jornal dos Sports* ter feito uma cobertura mais ampla do campeonato, é importante destacar as dificuldades de trabalho enfrentadas pela jornalista enviada. De acordo com Cláudia Silva:

Pra mandar matéria era quase impossível, era assim. Eu tinha um cartão da Embratel, de telex. Era como se fosse um crédito, eles botaram sei lá, 200 dólares, 300 dólares, de crédito. Aí eles me chamavam aqui do Brasil, uma coisa tipo, assim, 4 horas da tarde aqui, que era 4h da manhã, tudo #semnoção aqui, invés de né, vamos chamar 10h da manhã que é 10h da noite de lá, não, eles chamavam 4h de tarde quando eles lembravam, aí a pobre da menina do telex, que ficava dormindo lá, pra atender os telex, ligava pro quarto, eu descia, dormindo e digitava. Só que era uma coisa meio que cega assim, porque o teclado era diferente. E você no telex não pode ficar digitando e pensando. Eu escrevia na mão, e batendo, e batendo, batendo, porque era por minuto, se eu ficasse demorando 10 minutos pra bater uma matéria ia gastar 200 dólares por matéria, sei lá quanto. E não dava pra ligar e, e, é, não dava pra ligar e... também, eles podiam ter feito algum esquema aqui, né? Mas cê sabe, é aquela coisa assim, né... má vontade.<sup>424</sup>

Mesmo com todas essas dificuldades mencionadas, Cláudia conseguiu fazer uma excelente cobertura, trazendo informações importantes sobre os jogos e sobre fatores que extrapolavam as quatro linhas.

O grupo do Brasil era formado por Austrália, Noruega e Tailândia. A Noruega era a candidata ao título e estava invicta há vários jogos. A Austrália também possuía uma equipe forte, enquanto a Tailândia era a equipe “mais fraca” do grupo. Na primeira partida, o Brasil perdeu para a Austrália por 1 a 0. No jogo seguinte, o Brasil foi para o jogo com a Noruega com a difícil missão de quebrar a invencibilidade das norueguesas. E as brasileiras conseguiram. Venceram por 2 a 1, com gols de Roseli e Michael Jackson. Ao introduzir a matéria da vitória brasileira, Cláudia Silva escreveu:

A Seleção Brasileira de futebol feminino, de forma surpreendente, derrotou a equipe da Noruega, por 2 a 1, ontem, na sua primeira vitória no torneio mundial que está sendo realizado na China. Na estreia, o Brasil havia sido derrotado pela Austrália por 1 a 0 e na delegação predominava o pessimismo quanto à reabilitação. As adversárias das brasileiras estavam invictas há 28 jogos.<sup>425</sup>

<sup>424</sup> SILVA, Cláudia. Entrevista concedida a Victor Hugo Gonçalves Batista. Ambiente virtual, 17 mar. 2022.

<sup>425</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1988, p. 4.

Se o Brasil não vencesse a Noruega, dificilmente teria chance de avançar para a próxima fase da competição. E justamente por se tratar da seleção favorita para ser campeã, a delegação brasileira ficou com o sentimento pessimista em virtude do grande desafio que seria derrotar as norueguesas. Em entrevista, Cláudia relatou que:

As norueguesas, todas universitárias né, porque, o futebol tava... Na época, as norueguesas ganhavam em média 2 mil dólares pra jogar futebol. Hoje, são 10 mil reais. Tem jogadora aqui que não ganha 10 mil reais hoje. Não, fazia faculdade e ganhava 2 mil... tô te falando há 35 anos atrás.<sup>426</sup>

Além disso, a equipe da Noruega já jogava junto há um ano, como fez questão de destacar o técnico brasileiro João Varela, na matéria em que o *Jornal dos Sports* noticiou sobre a vitória das brasileiras sobre as norueguesas.<sup>427</sup> Portanto, elas tinham um entrosamento melhor, um preparo físico melhor e recebiam uma quantia significativa para jogar. No entanto, o futebol é um esporte surpreendente e dinâmico, no qual uma equipe inferior tecnicamente e fisicamente pode vencer um time que apresenta superioridade nesses aspectos. Nessa perspectiva, o Brasil, com uma estratégia defensiva e atacando por meio dos contra-ataques, conseguiu vencer a Noruega por 2 a 1.

No último jogo da primeira fase o Brasil ganhou da Tailândia por 9 a 0, contribuindo com o saldo de gols que possibilitou a classificação no primeiro lugar do grupo. De acordo com a matéria escrita por Cláudia e publicada no *Jornal dos Sports*, nas quartas de final, o Brasil enfrentou e venceu a Holanda por 2 a 1, jogando para um público de aproximadamente 25 mil pessoas. Apesar da expectativa do público que compareceu em grande número, o jogo não foi bom, pois tanto o Brasil quanto a Holanda cometeram muitos erros. Assim, a vitória brasileira foi construída através do talento individual das jogadoras, tendo sido o primeiro gol marcado por Cebola e o segundo por Sisi.<sup>428</sup>

Segundo notícia publicada no *Jornal dos Sports*, da mesma forma que a individualidade fez o Brasil chegar à semifinal, foram os erros individuais determinantes para a eliminação. De acordo com o que escreveu a jornalista da delegação, a Seleção Brasileira enfrentou novamente a forte seleção da Noruega, que foi para o jogo com um sentimento de revanche pela derrota na

---

<sup>426</sup> SILVA, Cláudia. Entrevista concedida a Victor Hugo Gonçalves Batista. Ambiente virtual, 17 mar. 2022.

<sup>427</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1988, p. 4.

<sup>428</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1988, p. 5.

primeira fase. Coincidentemente, o placar se repetiu, só que dessa vez foi a Noruega que venceu por 2 a 1, de maneira que, conforme apontou Silva, os dois gols foram falhas da goleira brasileira, Lica.

Na disputa do terceiro lugar, Cláudia Silva escreveu para o *Jornal dos Sports* que a goleira Simone entrou no time e aproveitou bem a oportunidade, sendo o destaque da partida no tempo normal e na disputa de pênaltis, defendendo três dos seis pênaltis cobrados, ajudando o Brasil a ficar com o terceiro lugar. O jornal também noticiou que na final, a Noruega venceu a Suécia por 1 a 0, confirmando o favoritismo. Além disso, o periódico destacou que o jogo contou com a presença do presidente da FIFA, João Havelange, que na oportunidade anunciou o 1º Mundial de futebol feminino<sup>429</sup> para o ano de 1990, no Japão e comunicou extraoficialmente que o Brasil estava incluído entre os participantes.<sup>430</sup>

Ao voltar ao Brasil, Cláudia Silva fez uma matéria de página inteira contando sobre as dificuldades enfrentadas pelas jogadoras na China.<sup>431</sup> Em entrevista, a jornalista Cláudia Silva aponta que a China da década de 1980 era um país muito fechado. Para citar um exemplo, ela fala que no hotel em que ficou com as jogadoras, os funcionários nunca haviam recebido turistas ocidentais, por exemplo. A matéria que a jornalista fez ao retornar ao Brasil foi intitulada “O choque cultural”, como forma de chamar a atenção do leitor para as diferenças entre a cultura ocidental e oriental. Silva escreveu que a alimentação, a medicina, a língua e muitas outras coisas eram diferentes. Para exemplificar, ela mencionou que a água consumida pelos chineses era quente e foi necessário providenciar água mineral para as delegações das seleções participantes do campeonato. A igualdade das tarefas em termos de gênero também causou estranhamento à jornalista, já que as mulheres trabalhavam em serviços que no Brasil não eram comuns, como por exemplo na reposição de asfalto. A sujeira dos bares e lanchonetes e a quantidade de bicicleta nas ruas foram outros elementos destacados por Cláudia que impressionou os membros da delegação. Na alimentação, Silva destacou que o macarrão com ovo e batatas fritas duras se tornou o prato principal das jogadoras e com o passar do tempo o cheiro de alguns pratos que antes eram insuportáveis começaram a passar despercebidos.<sup>432</sup>

Apesar das dificuldades por conta das questões culturais, Cláudia escreveu na matéria que as brasileiras voltaram amando a China, principalmente pelo carinho do povo chinês. De acordo com a jornalista, mesmo perdendo para o Brasil na disputa do terceiro lugar, os

---

<sup>429</sup> No caso, seria o Primeiro Campeonato Mundial oficial, já que o realizado na China em 1988 teve caráter experimental.

<sup>430</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1988, p. 3.

<sup>431</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1988, p. 8.

<sup>432</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1988, p. 8.

torcedores chineses aplaudiram as atletas brasileiras e foram até o ônibus em busca de autógrafos.<sup>433</sup> Ao andar pelas ruas com as jogadoras, Cláudia conta que:

Então nós saíamos pra comprar uma coisa, aí uma comprava uma bobeirinha. Mas era uma confusão, porque as pessoas não deixavam a gente andar na rua (risos). A gente entrava em uma loja, às vezes a loja era pequenininha, sabe? Ficava aquela gente toda na rua olhando pra gente. Aquele “bando de preta” (risos). E era engraçado.<sup>434</sup>

Se para as brasileiras era tudo muito diferente, para os chineses a presença de pessoas com traços culturais distintos dos seus também chamava muita atenção, ao ponto de pararem para ficar olhando. Na reportagem, Cláudia cita que o samba era pedido tanto pelos chineses quanto pelas outras delegações, demonstrando que a mistura samba e futebol, característica da identidade cultural brasileira, era amplamente conhecida pelas pessoas de outros países.

O Campeonato Mundial Experimental de 1988 teve uma relevância significativa para o futebol de mulheres, visto que por ter obtido êxito em termos de público e organização, a FIFA passou a organizar, a partir de 1991, a Copa do Mundo de Futebol Feminino em um intervalo de 4 anos. Mesmo diante de tantas dificuldades, as jogadoras que participaram deste torneio abriram o caminho para as gerações que vieram posteriormente e o Brasil não ficou de fora de nenhuma edição da competição.

Apesar dos avanços obtidos ao longo da década de 1980, com uma certa aceitação midiática e social em relação ao futebol de mulheres, o fato é que a presença delas nesse esporte não deixou de ser marginalizada, nos clubes, que não investiam na modalidade, na imprensa, que concedia pouco espaço para notícias referentes ao futebol feminino e na sociedade, que em sua maior parte ridicularizava o futebol praticado por elas.

---

<sup>433</sup> *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1988, p. 8.

<sup>434</sup> SILVA, Cláudia. Entrevista concedida a Victor Hugo Gonçalves Batista. Ambiente virtual, 17 mar. 2022.

## Considerações Finais

A prática do futebol por mulheres no Brasil foi mantida como ilegal por quase 40 anos, de modo que a proibição foi promulgada em uma ditadura, a do Estado Novo (1941), mantida em governos democráticos, reafirmada em uma outra ditadura (1965), a ditadura civil-militar e encerrada durante ela (1979). Percebe-se, portanto, que a proibição ao futebol feminino, perpassa por diferentes momentos da História da jovem República brasileira. O que explica a manutenção desta proibição em governos considerados democráticos? Por qual motivo essa mesma proibição é reafirmada e encerrada na mesma ditadura? São várias as respostas possíveis para essas perguntas.

Como demonstrou Bourdieu<sup>435</sup> e Dunning<sup>436</sup>, o futebol é um esporte que surgiu carregado de valores associados ao universo masculino. Vale lembrar que tais valores fazem parte de uma construção histórica e cultural e sofrem modificações ao longo do tempo. Nessa perspectiva, Franzini<sup>437</sup> apontou que o espaço futebolístico perpassa a esfera esportiva, sendo um espaço sociocultural, no qual se espera ver confirmada uma determinada ordem social. Levando em consideração que a cultura ocidental construiu a imagem da mulher vinculada ao universo doméstico, estipulando uma performance de gênero, conforme Butler,<sup>438</sup> que deveria se restringir a certas atividades e modos de agir, a presença delas no âmbito futebolístico não era bem vista e aceita por uma boa parcela da sociedade. De acordo com Leda Costa<sup>439</sup> e Silvana Goellner,<sup>440</sup> a atuação das mulheres no futebol representaria um rompimento das barreiras de gênero estabelecidas socialmente, assim como a ocupação de lugares impróprios ao seu papel social. No que diz respeito à presença das mulheres no futebol, Ludmila Mourão<sup>441</sup> expõe que a entrada delas nesse universo não foi acompanhada de um discurso que tinha o objetivo de romper com as hierarquias de gênero estabelecidas socialmente. Ainda assim, essa presença causava certas fissuras nas estruturas sociais de gênero, causando incômodo em uma boa parcela da sociedade. Como consequência disso, a prática do futebol pelas mulheres foi proibida em 1941 e reafirmada em 1965.

Em relação a proibição, verifica-se o papel fundamental exercido pela medicina e pelos meios de comunicação, que enquanto instituições de poder e com grande influência na

---

<sup>435</sup> BOURDIEU, Op. cit., 2003.

<sup>436</sup> DUNNING, Op. cit., 1992.

<sup>437</sup> FRANZINI, Op. cit., 2005.

<sup>438</sup> BUTLER, Op. cit., 2003.

<sup>439</sup> COSTA, Op. cit., 2017.

<sup>440</sup> GOELLNER, Op. cit., 1999.

<sup>441</sup> MOURÃO, Op. cit., 2000.

sociedade, se articularam com o intuito de conter a prática do esporte. O discurso médico era o aparato do decreto que proibia as mulheres de jogar futebol e em todas as oportunidades possíveis era retomado. Porém, se na década de 1940 os discursos médicos que circularam na imprensa foram unânimes em condenar o futebol feminino, na década de 1970 alguns médicos posicionam-se de forma favorável a tal prática, ainda que com certas ressalvas. De todo modo, é verdade também que na década de 1980 ainda existiam médicos que seguiam com um discurso semelhante ao da década de 1940, contrário ao futebol feminino por motivos como a suposta fragilidade da mulher. Já os meios de comunicação, que até a década de 1960 sustentaram a proibição, com boa parte dos jornalistas se opondo ao esporte, a partir da segunda metade da década de 1970 passaram a mudar o tom das notícias, trazendo as informações sem lembrar da proibição. Na década de 1980, entretanto, a imprensa assumiu uma outra postura, sendo de suma importância a cobertura feita dos campeonatos, que ajudou a divulgar e expandir o esporte e a defesa ativa por parte de alguns jornais em prol da regulamentação.

De acordo com Tania de Luca,<sup>442</sup> a partir da década de 1950 a maioria dos jornais passou a adotar como perspectiva a ideia do jornalismo imparcial. Nessa lógica, os jornalistas deveriam apenas levar as notícias até os leitores, sem emitir opinião sobre o assunto. No jornalismo esportivo, contudo, André Couto<sup>443</sup> expõe que essa ideia não foi seguida à risca. Sendo assim, em muitas notícias analisadas ao longo da pesquisa foi possível observar a emissão de pensamentos e opiniões. Como foi destacado, até a primeira metade da década de 1970, a maioria dessas opiniões era favorável à manutenção da proibição; porém, nos anos 1980, os discursos midiáticos mudaram completamente, com os periódicos se colocando abertamente a favor da prática do futebol pelas mulheres e pela regulamentação da modalidade. Isso mostra que a imprensa se adequa e reformula os seus discursos de acordo com o contexto histórico e social. Até mesmo porque, vale lembrar que a mídia é composta por sujeitos que são diretamente influenciados pelas ideias e discussões do seu tempo. Nesse sentido, ao mesmo tempo que esses sujeitos contribuem com as mudanças culturais, também são influenciados por essas mudanças.

Apesar da pretensa ideia de imparcialidade, os meios de comunicação noticiam os fatos de acordo com o que acreditam que pode atrair o leitor. Em relação ao debate sobre a regulamentação do futebol de mulheres, por exemplo, a existência de divergências entre os sujeitos que ocupavam as instituições esportivas foi bastante explorada pelos periódicos, tendo em vista que ideias conflituosas têm o potencial de agradar os consumidores. Assim, segundo

---

<sup>442</sup> DE LUCA, Op. cit., 2005.

<sup>443</sup> COUTO, Op. cit., 2017.

os jornais, enquanto o presidente da FIFA, João Havelange, recomendava que a regulamentação da modalidade fosse feita, mas deixava claro que não poderia interferir, o presidente da CBF, Giulitte Coutinho, dizia que era necessário que a FIFA estabelecesse uma postura mais clara sobre o futebol feminino. Já o presidente do CND, César Montagna, declarava que o órgão que presidia já havia baixado uma deliberação sobre o assunto. É importante frisar que esse debate só aconteceu em virtude do desenvolvimento da modalidade, tanto internacionalmente, quanto nacionalmente. Portanto, por mais que tenham sido esses dirigentes os responsáveis por regulamentar o futebol feminino no país, isso só foi possível por conta das mulheres que se articularam, formaram equipes e jogaram, nos espaços possíveis, como as praias, as quadras e os campos de várzea. A imprensa teve um papel fundamental nessa expansão da modalidade noticiando as partidas e fazendo com que muitas mulheres despertassem o interesse em jogar futebol.

Mesmo durante o período no qual as mulheres eram proibidas de jogar futebol, elas não saíram de campo. Nesse contexto, os jogos beneficentes, festivos e preliminares foram essenciais para que elas conseguissem jogar. Como bem pontuou Giovana Capucim e Silva,<sup>444</sup> esse tipo de partida era socialmente aceita pelo fato de as mulheres estarem vinculadas a um ideal de benevolência e docilidade, compreendidas como características femininas e, além disso, não representava uma possibilidade de desenvolvimento, já que ocorriam de forma esporádica.

Além disso, as articulações entre as instituições que poderiam intervir na prática do esporte em muitas oportunidades eram descompassadas, tendo em vista a presença de sujeitos com diferentes visões e pensamentos dentro desses espaços. Diante disso, os meios de comunicação aproveitaram para explorar essas divergências. Um caso marcante é o do presidente da Federação Fluminense de Desportos, Murilo Portugal, que, de acordo com o jornal *O Fluminense*, sequer sabia da proibição e se colocava a favor da prática do futebol pelas mulheres. De modo que, como presidente da FFD, não saber uma lei relacionada ao futebol, era algo que poderia repercutir na sociedade, o jornal expõe isso de forma destacada.

Não foram apenas partidas festivas, beneficentes ou preliminares que ocorreram durante o contexto da proibição. Em Niterói e São Gonçalo, por exemplo, ainda na década de 1960, verificou-se um movimento interessante de confrontos e até o desenvolvimento de uma rivalidade entre as equipes envolvidas. O jornal *O Fluminense*, por ser da cidade de Niterói, explorou a rivalidade entre as equipes. No entanto, por possuir um caráter de lazer e

---

<sup>444</sup> SILVA, Op. cit., 2012.

competitivo, o movimento não era bem visto por alguns sujeitos que comandavam certas instituições, os quais se movimentaram no sentido de conter o avanço da prática nesses espaços.

As representações das mulheres que jogavam futebol por parte da imprensa se deram de forma multifacetada. Por um lado, foi perceptível a ambiguidade existente entre a sexualização do corpo feminino, de um lado, e a masculinização, de outro. Entre esses dois polos, percebe-se, também, a manutenção de uma feminilidade hegemônica, construída historicamente e culturalmente, relacionada a certos padrões de beleza e de comportamento por parte das jogadoras. Tendo em vista que grande parte dos jornalistas que escreviam para os jornais eram homens heterossexuais, os conteúdos que eles produziam também eram direcionados para estes. Nessa lógica, em muitas oportunidades, mesmo que sutilmente, o corpo das atletas foi sexualizado. Em contrapartida, a possibilidade de masculinização por conta do futebol era algo que costumava ser repellido, tanto pelos jornalistas, quanto pelas jogadoras. Inclusive, por ser direcionado para um público heterossexual masculino, os jornais destacavam as jogadoras que buscavam se inserir no padrão de beleza imposto socialmente as mulheres.

As representações sobre as jogadoras não ficaram restritas às questões estéticas. Muitos jornalistas centravam os seus comentários apenas nos desempenhos técnicos das atletas. Uma prática muito comum e mantida durante todo o contexto pesquisado foi a associação das jogadoras com jogadores homens do contexto. Inclusive, esse tipo de comparação acontece constantemente, sendo propagada sobretudo por pessoas da mídia. O objetivo até pode ser de valorizar a qualidade das jogadoras, porém, coloca homens que se destacam no esporte sempre como um referencial a ser alcançado, como se não fosse possível uma jogadora ser reconhecida por suas próprias características. Sob o ponto de vista de Simone de Beauvoir, em “O segundo sexo”, a mulher é entendida a partir do homem.

Na década de 1980, foi possível perceber, no contexto do Rio de Janeiro, a atuação de alguns sujeitos, no âmbito dos clubes, que foram fundamentais para o desenvolvimento do futebol de mulheres. Não existia um interesse por parte dos dirigentes que ocupavam os cargos mais altos dos clubes em introduzir e desenvolver a modalidade. Na verdade, em muitos clubes o que existia era uma posição contrária da maior parte dos sujeitos que ocupavam as posições de comando, como é o caso de alguns times considerados grandes, tais como o Flamengo, o Fluminense e o Vasco. O que existiu, pelo menos no contexto carioca, foram projetos que tinham algum grau de influência dentro dos clubes. Como foi visto, o projeto mais duradouro e de maior êxito foi o do dirigente do Radar, Eurico Lira Filho. Aliás, o projeto de Eurico ia além do sucesso do Radar. Desde que começou a promover os campeonatos nas praias de Copacabana, o objetivo dele era ser o grande nome do futebol das mulheres no país. Por ser um

sujeito muito bem articulado, Eurico conseguiu levar o Radar para fazer diversas excursões fora do país e em outros estados, promover alguns campeonatos importantes e ser o chefe da delegação brasileira que disputou o Mundial Experimental de 1988.

Alguns outros projetos não tiveram tanto sucesso quanto o Radar, mas foram de grande importância para o futebol das mulheres, como é o caso do Bangu, que foi o grande rival do clube de Copacabana no primeiro campeonato estadual da categoria. O projeto do futebol feminino no Bangu contava com o apoio do dirigente Castor de Andrade e de sua esposa Wilma Andrade. Em algumas oportunidades, ele mostrou empolgação com as garotas de sua equipe, pagando o “bicho” ou comprando materiais esportivos para elas, mas após o episódio que ocorreu em um jogo decisivo contra o Radar, no qual Castor invadiu o campo estimulando as pessoas a agredirem o árbitro, as atividades do time feminino do clube foram encerradas no ano seguinte. O técnico Robson Prado, apesar de não ter nenhum vínculo com as diretorias dos clubes, foi uma figura que desempenhou um papel significativo no contexto do futebol de mulheres da década de 1980. O grande desafio dele era quebrar a hegemonia do Radar no futebol carioca. Embora o treinador não tenha conseguido tal feito, os times que ele comandava eram sempre competitivos e fizeram boas campanhas nos campeonatos estaduais.

Por fim, a participação do Brasil no mundial experimental organizado pela FIFA e que ocorreu na China em 1988, demonstrou as diferentes faces do futebol de mulheres no país. O Brasil foi o único representante sul-americano em um campeonato no qual as seleções foram convidadas. O fato do presidente da FIFA ser o brasileiro João Havelange influenciou diretamente nessa escolha, tendo em vista que ele anunciava desde o início da década de 1980 que gostaria de ver o Brasil representado no primeiro mundial de futebol feminino promovido pela entidade. Vale lembrar que na década de 1970, enquanto presidente da CBD, Havelange tentou impedir que a árbitra brasileira, Léa Campos, apitasse no campeonato mundial realizado no México, em 1971. Percebe-se, portanto, que o dirigente soube se moldar de acordo com as mudanças políticas e sociais.

A campanha das brasileiras no mundial experimental de 1988, alcançando o terceiro lugar, foi uma grande superação, diante das dificuldades impostas pela questão da adaptação em um país com uma cultura totalmente diferente e por conta do pouco tempo de preparação. A seleção brasileira foi composta por jogadoras de diferentes equipes, mas o Radar era a base da seleção, por ser o time mais forte do país, mas também pelo fato do técnico da seleção e o chefe da delegação pertencerem ao Radar. Entre os meios de comunicação, o *Jornal dos Sports* foi o único que fez uma cobertura completa do campeonato, pelo fato da jornalista Cláudia Silva, que trabalhava no jornal, ter sido enviada como repórter oficial da delegação brasileira.

Alguns outros jornais pesquisados, trouxeram algumas notícias sem muitos detalhes e às vezes até com informações erradas, demonstrando o descaso com a competição.

Ao longo do período pesquisado, grandes mudanças aconteceram no futebol de mulheres. Um esporte que por tanto tempo foi proibido, passou a contar com campeonatos patrocinados por marcas famosas, foi incorporado pelas federações estaduais, até a realização de um campeonato organizado pela entidade máxima da categoria. Por outro lado, alguns elementos permaneceram intactos, ou então, foram reformulados, ganhando uma nova roupagem. É o caso, por exemplo, dos estereótipos vinculados às jogadoras, como masculinizadas ou como objetos sexuais a serem contemplados por um público heterossexual masculino, de modo que em muitas oportunidades a visão sobre as jogadoras se restringia a essa ambiguidade.

A história se faz a partir do presente, de modo que os acontecimentos de hoje despertam o olhar do historiador para o passado. Nesse sentido, foram as desigualdades de gênero ainda tão presentes no mundo do futebol, que me motivaram a ter o futebol de mulheres como objeto de pesquisa. Ao longo das investigações, pude perceber que existem explicações para essas desigualdades e muitas delas são históricas. Encerro este trabalho acreditando que pude contribuir com a historiografia do futebol de mulheres no Brasil, mas sabendo que ainda há muito para ser pesquisado e explorado em relação a este tema.

## Referências

### Fontes:

### Periódicos:

*Jornal dos Sports*

*O Fluminense*

*Jornal do Brasil*

*Tribuna da Imprensa*

*Correio da Manhã*

*O Jornal*

*Revista do Esporte*

### Online:

MENDONÇA, Renata. Estudo da FIFA mostra descaso de anos do Brasil com o futebol feminino. **Dibradoras**, 16 de julho de 2019.

BRASIL, **Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos**.

BRASIL, **Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941**.

BRASIL, Conselho Nacional de Desportos. Normas Básicas sobre Desportos. Deliberações 1979. Rio de Janeiro, 1981

DA REDAÇÃO, Copa do Mundo feminina supera 1 bilhão em audiência. **Placar**, 18 de outubro de 2019.

Centro de Referência do Futebol Brasileiro

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Google Arts & Culture (Exposição virtual do Museu do Futebol)

### Entrevistas:

MEDINA, Asaléa de Campos Fornero. Entrevista concedida a Silvana Vilodre Goellner.

**Projeto Garimpendo Memórias**, São Paulo, 19 mai. 2015.

SILVA, Cláudia. Entrevista concedida a Victor Hugo Gonçalves Batista. Ambiente virtual, 17 mar. 2022.

### Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) - Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n.16, 2011.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil** São Paulo, Boitempo, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Sociedade Unipessoal, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**. n. 4, Campinas, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Algés: Difel, 2002.
- CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?**. Princeton: University Press, 2016.
- CORDEIRO, Janaína. Do golpe de 1964 ao “milagre brasileiro”: a campanha da mulher pela democracia (CAMDE) ação política e imaginário coletivo. **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales**, número especial. Vol. 1, p. 46-69, 2016.
- COSTA, Leda Maria da. O Futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 493-507, 2017.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940-1960). **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 509-521, 2017.
- DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, Niterói, nº 1, p. 1-43, Nov2005/Fev2006.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005.

- DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. A história do corpo e a Nova História: uma autópsia. **Revista USP**, n. 23, São Paulo, 30 nov. 1994.
- DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, p. 389-412, 1992.
- ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futbolera: A History of Women and Sports in Latin America*. University of Texas Press, 2019.
- FARIAS, Claudia Maria de. Os jogos femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964). *In*: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, São Paulo, jul. 2011. **Anais Eletrônicos**.
- FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 316-328, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher da Revista Educação Physica. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005.
- HELAL, Ronaldo.; GORDON, Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**, v. 5, n.1, p. 37-55, 2002.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, jan./jun. 2014.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. *In*: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- KESSLER, Cláudia Samuel. Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. 2015. Tese de Doutorado. Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. Tese (Doutorado), São Paulo: IPUSP, 2006.

- MOURA, Eliberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 52, p.249-272, 2006.
- MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas do futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Brasi. Cienc. Esporte**, Campinas, v.26, n.2, p. 73-86, 2005.
- MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação a democratização. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 6, n.13, p. 5-18, 2000.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 578-606, 1997.
- REIS, Daniel Aarão. A vida política. In: REIS, Daniel Aarão (Coordenação). **Modernização, ditadura e sociedade (1964-2010)**. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 75-125, 2014.
- RIAL, Carmen. El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, p. 119-126, nov/diec., 2013.
- RIBEIRO, Raphael rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 48-59, 2018.
- RODRIGUES, Marly. **A década de 80 Brasil**: quando a multidão voltou as praças. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras**: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). Tese (Doutorado em História Social) - São Paulo: Departamento de História-FFLCH-Universidade de São Paulo, 2019.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul/dez, 1990.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.
- SILVA, Mauro Osorio da; VERSIANI, Maria Helena. História da Capitalidade do Rio de Janeiro. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 75-90, jan/jun 2015.
- SILVA, Giovana Capucim e. Futebol feminino: proibido para quem? Uma análise de duas reportagens sobre o futebol praticado por mulheres no período anterior a sua regulamentação como esporte. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, **Anais Eletrônicos**, UFSC, Florianópolis, 2012.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação. (Mestrado em História Social) - São Paulo: Departamento de História-FFLCH-Universidade de São Paulo, 2015.

SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.13, n.24, p.191-207, 2008.

WILLIAMS, Jean. **Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011**. De Montfort University Leicester, 2011.